IMPRESSORA PAULISTA - RIO
Rua Aristides Lobo N. 142

GUSTAVO BARROSO

A PALAVRA E O PENSAMENTO INTEGRALISTA

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
RUA SETE DE SETEMBRO, 162 - RIO - 1935

OBRAS DE GUSTAVO BARROSO

1 — Terra de Sol
2 — A Balata
3 — Praias e Várzeas
4 — Heróis e bandidos
5 — Idéas e palavras
6 — Tradições militares
7 — Tratado de paz
8 — A ronda dos séculos
9 — Fausto (trad.)
10 — Lições de moral (trad.)
11 — Vocabulário das crianças (trad.)
12 — Casa de Maribondos
13 — Mosquita muerta
14 — Ao som da viola
15 — Coração da Europa
16 — Mula sem cabeça
17 — Pergaminhos
18 — Uniformes do Exército
19 — O sertão e o mundo
20 — Antes do bolchevismo
21 — Inteligência das coisas
22 — Alma sertaneja
23 — Discurso de recepção
24 — Mapirunga
25 — En el tiempo de los zares
26 — Livro dos milagres
27 — Comédias e provérbios (trad.)
28 — O anel das maravilhas
29 — Catálogo geral do Museu Histórico
30 — Ramo de oliveira
31 — Tição do inferno
32 — Através dos folclores
33 — Apólogos orientais
34 — A guerra do López
35 — A guerra do Flôres
36 — A guerra do Vidéu
38 — A guerra de Artigas
39 — Almas de lama e de aço
40 — Mythes, contes et légendes des indiens du Brésil
41 — O Brasil em face do Prata
42 — Inscrições primitivas
43 — A senhora de Pangim
44 — O santo do Brejo
45 — Osório, o centauro dos Pampas
46 — Tamandaré, o Nelson brasileiro
47 — Luz e Pó
48 — Mulheres de Paris
49 — Aquém da Atlântida
50 — As colunas do Templo
51 — O enigma de Bagschott (trad.)
52 — A viagem submarina (trad.)
53 — Lyautey (trad.)
54 — O bosque encantado (trad.)
55 — A [illegible] (trad.)
56 — A ortografia oficial
57 — O bracelete de safiras
58 — O Integralismo em marcha
59 — O Integralismo de Norte a Sul
60 — Brasil, colónia de banqueiros
61 — O que o integralista deve saber
62 — A palavra e o pensamento integralista

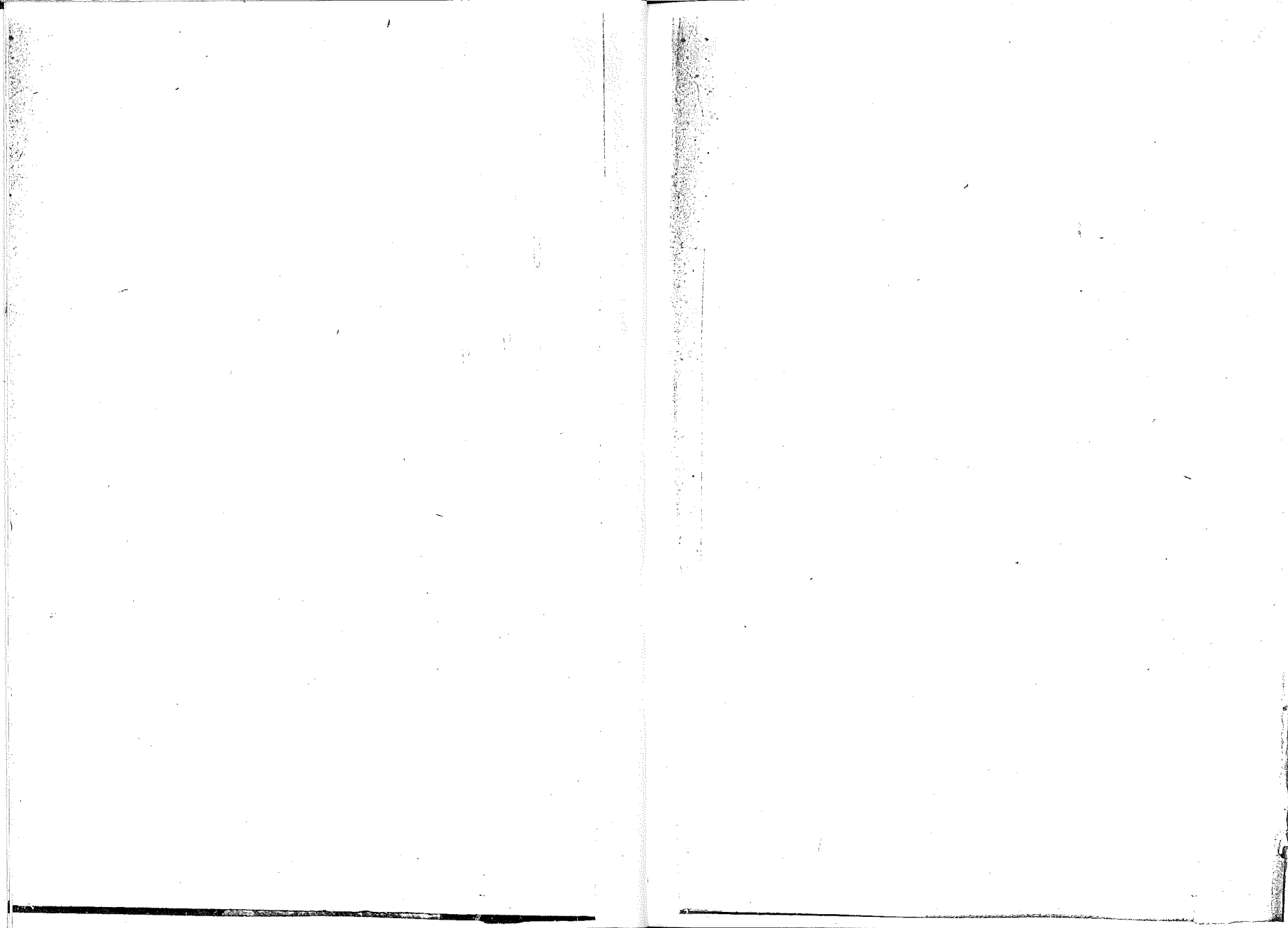
A PLINIO SALGADO,

CHEFE

E

AMIGO,

ADMIRAÇÃO!

G. B.

A PALAVRA FALADA

CURRUPIRAS E BANDEIRANTES

Outróra, quando a raça tupí desceu das ibiturunas do Sul e se espraiou por todo o vasto território que ela chamava Pindorama, o país das palmeiras, e nós chamamos Brasil, as terras e as águas, as montanhas e os céus eram povoados de espíritos e de gênios, de prodígios e de deuses.

No veludo negro do firmamento, onde cintilavam as constelações sem idade — Ceiu-cí, o Setestrelo; Araparí, os Três Reis Magos; Piracaçara, o Cruzeiro do Sul; Pinon, o Serpentário — o véu branco da Via Láctea era Mboia-assú, a Cobra Grande, criadora dos mundos e das fórmas. No majestoso rolar dos trovões longínquos, por trás das ibiapabas azues que barravam os horizontes, o índio amedrontado cuidava ouvir a voz misteriosa de Tupan murmurando os segredos das velhas teogonias.

Todas as manhãs, surgia luminoso do fundo das águas imensas do Paraná e todas as tardes se deitava ensanguentado além do biombo das cordilheiras, crivando homens e cousas com suas setas de ouro, Guarací, o sol, animador e fecundador de todos os sêres vivos. Quando se sumia, timidamente aparecia no céu límpido a clara

face lunar de Jací, deusa das noites de amor, animadora e fecundadora das plantas. E, nas nuvens atorreadas, brancas como os frocos do algodão que Sacaibú legara aos tupís, ás vezes se desenhava o vulto esbelto dum guerreiro coberto com seu cocar de penas de gavião — Rudá, o grande deus do amor.

Pelas campinas macias, estreladas de flores miudas, perpassava sutil e silencioso o veado Anhangá, todo branco, olhos de carbúnculo, avisando suassús e capoeiros da chegada dos caçadores selvagens. Montado num caitetú, á frente das varas de queixadas e mãos-ruivas, o pequenino caipora embrenhava-se nas selvas, assobiando estridulamente para amedrontar os frecheiros das tribus errantes. Quando as cunhãs de seios empinados iam banhar-se nos rios claros, o bôto Uauiara vinha seduzí-las transformado em guerreiro magnífico, levando-as para a transparente profundeza das ondas, onde lhes mostrava maravilhosas paisagens empoeiradas de luz verde e de onde sómente voltavam seus corpos sem vida. O gênio protetor das aves canoras se encarnava no pequeno Uirapurú, a cuja voz deliciosa se calavam todos os trovadores alados e o indígena sentia o coração bater mais apressado, porque ela era a voz da felicidade. Saltando com sua única perna pelos estreitos caminhos do bosque, saindo do ventre das piraíbas sob a fórma do pássaro Tinkuan ou surgindo do vapor das cachoeiras como um guerreiro de asas, o Sací-pererê assombrava as malócas com diabruras e metamorfoses. Pela borda dos campos desertos, saltitavam nas noites escuras as cobrinhas de fogo do Boitatá. E o gemido do Urutáu no silêncio do luar carpia a morte de sua amada.

A' beira das águas tranquilas, desnastrando os cabelos côr do sol, a Iára cantava misteriosamente, atraindo para os abismos do amor os caboclos de bronze que passavam, envoltos nas primeiras sombras da noite, curvados na pôpa

das igaras sôbre o punho das jacumans. Aquelas mesmas águas escondiam o perigo da Boiuna soturna, serpente negra que virava as ubás para sugar a vida dos afogados. No esplendor das noites claras, pestanejantes de cintilações, ora uma, ora outra, como dois amantes que se buscam e se não encontram, Cariré, a lua cheia, e Çatití, a lua nova, inspiravam saudades aos namorados distantes. A Mboia-arara, vestida das côres do arco-iris, conhecia de longe as virgens sábias e as virgens loucas. E os mistérios do Juruparí desafiavam com uma sentença de morte implacável a eterna curiosidade das mulheres.

Pelas florestas virgens, sob as naves das verdes catedrais enfestonadas de orquídeas e cipós, passeava o Currupira com os pés voltados para trás, os dentes amarelos e os cabelos verdes, empunhando o tacape com que ia batendo nos troncos seculares para ver os que estavam podres, brocados de cupim ou roidos pelo caruncho. Noite e dia sem canseira nem descuido, o gênio da mata vigiava o seu domínio.

*

* *

Uma velha tupí já sem dentes para mastigar as cruêras de mandioca, de face rugosa como fôlha sêca de coassú, contava aos culumins de olhos esgazeados num daquêles terreiros de taba cobertos de flores que Gonçalves Dias celebra nos versos do Juca-Pirama, a história da tribu tapúia que matara o Currupira.

Ela viera dos pântanos setentrionais e era feroz e bruta. Por onde ia passando, seus machados de pedra derrubavam as selvas magníficas que, depois, o fogo devorava. Pelo país de Pindorama afora a devastação seguia-lhe o passo nómade. Furioso, á noite, o Currupira uivava e roncava, batendo desesperadamente com a ivirapema nas sapopem-

bas meio carbonizadas dos abatidos troncos seculares. Aquêle contínuo barulho de protesto não deixava os tapuias dormir. Uma feita, êles puseram uma emboscada ao Currupira e o mataram com suas flechas ervadas.

O corpo monstruoso apodreceu ao sol e á chuva. A ossada embranqueceu ao luar. A mãe do Currupira, que o andava procurando pelos sertões e pelos araxás, deu com ela ao abandono e, tomando carinhosamente cada osso, um a um os foi enterrando ao pé de cada árvore derrubada.

A tribu devastadora celebrava sua vitória sôbre o grande espírito florestal, bebendo o mocororó, a jurema e o cauim, dansando as dansas totêmicas e rituais. Os pajés conduziam as hediondas mascaradas dos dansarinos. Na noite enluarada, estrugiam borés, silvavam menins, sapateavam farandulas e ecoavam bárbaros gritos de alegria. Depois, profundo silêncio pesou sôbre a aldeia tapuia adormecida na fadiga da bacanal.

Então, do alto dum cómoro agreste e híspido, todo eriçado de mandacarús, a velha mãe do Currupira levou á boca um gomo de taquara e soltou prolongado e sinistro assobio que dilacerou o espaço como um grito lancinante de coruja rasga-mortalha. Jucurutús, bacuráus e caborés bateram asas tontas e fôfas nas trevas. E de cada cova ao pé dos jequitibás e das baraunas em que ela lançara um osso do Currupira surgiu de tacape em punho outro Currupira vestido de cabelos verdes, os pés ao contrário, os olhos fuzilando como duas brasas. E aquele exército de Currupiras se pôs em marcha, rompendo o silêncio noturno com passo seguro e retumbante, para chacinar até o último os tapuias devastadores que dormiam o sono pesado das orgias.

*
* *

Brasileiros,

Os bandeirantes que, ao amanhecer de nossa pátria, partiram de Piratininga levados dum grande sonho misturado a uma ambição brutal foram a todos os recantos do nosso vasto território e marcaram nossas fronteiras com suas ossadas de mártires ou de heróis. Do sólo sagrado de São Paulo — mãe dos bandeirantes, partiu pela boca de Plínio Salgado a voz que os reclama para salvar o Brasil das orgias democráticas e das bacanais comunistas. E de todos os quadrantes de nossa terra onde antanho embranqueceu uma ossada de bandeirante surgem agora bandos de Camisas-Verdes armados de patriotismo e couraçados de fé, dispostos a varrer a cambada de aventureiros de toda a espécie que se apoderou do Poder.

Brasileiros, escutai!

O retumbo do passo das bandeiras heróicas que fizeram a Grande Terra do Brasil ainda não morreu de todo nos horizontes do Passado e já outro retumbo de passos estronda na História, anunciando os Anhangueras que voltam para realizar a Grande Pátria. Êsse tropel acorda as energias instintivas da Raça. Um dia, de Piratininga partiram os bandos de heróis que recuaram os meridianos e balizaram com ossadas o perímetro da terra brasileira. Hoje, de toda a parte se levantam os Camisas-Verdes que refazem em sentido contrário o caminho glorioso das bandeiras, afim de expulsar os arrivistas que exploram a nação.

O espírito bandeirante guardado no fundo dos sertões acorda e reconquista o que deixou para trás nas mãos infiéis do cosmopolitismo do litoral. Nós, Integralistas, somos os Anhangueras redivivos que retornam da Grande Peregrinação!

*
* *

Brasileiros,

Escutai o ratamplam de nossos tambores, nossos vibrantes Anauês, o cadenciado rumor de nossos passos. E' a derradeira esperança que vos resta. Se ela falhar, sómente escapareis ao polvo do capitalismo *internacional* para gravitardes na órbita de Moscovo, presa das garras sanguinolentas do comunismo *internacional*. Dentro dessa rubrica *internacional* não pode haver lugar para nenhuma pátria. E terá morrido o Brasil!

Não, brasileiros, o Brasil não pode morrer, o Brasil não morrerá! Sua língua sonora e doce canta á flor de nossos lábios, suas dores e angústias choram no fundo dos nossos corações, a matinada de seus pássaros clarina no recesso das matas verdes e a quentura do seu sol tempera as nossas energias.

Escutai, brasileiros, o passo das bandeiras que voltam redivivas nos seus descendentes! Paroaras, maranhôtos, piauizeiros; cabeças-chatas, gerimuns e sertanejos; garimpeiros, jagunços e capichabas; matutos, tabaréus e caipiras; cariocas, barrigas-verdes e gaúchos, carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue, osso do mesmo osso de Currupira-Bandeirante, marchemos unidos e fortes á sombra esvoaçante da mesma bandeira, irmanados no mesmo ideal, para a conquista do mesmo destino! (*)

(*) Peroração da conferência pronunciada em Ribeirão Preto, no salão da Legião Brasileira, em 9 de setembro de 1934.

A PEDRA QUE ROLA DA MONTANHA

O Integralismo é a pedra que rola da montanha.

Quando o fogo que lavra eternamente nas entranhas da Terra, para que ela sofra e seu sofrimento rebente em messes de ouro á superfície, rasga as paredes laterais de pedra bruta, as águas revôltas do oceano penetram nas cavidades subterrâneas. Um duelo formidável, então, se trava no fundo misterioso dos abismos. Rompido o leito que separa o mar do foco de minerais em ebulição, o oceano de água se encontra peito a peito com o oceano de lavas derretidas.

Desde as primeiras auroras da Criação, quando a luz do sol iluminava os dinosários gigantescos tosando os campos de cicas e fétos enormes, essas duas fôrças contrárias lutam pelo domínio do mundo. E é da sua dor e do seu equilíbrio que a vida e a evolução podem continuar á face do planeta.

Desde as primeiras noites da Criação, quando os rebanhos de mamutes colossais caminhavam pelas planícies enluaradas, onde emergia dos charcos profundos a disforme cabeça do plesiosáurio, a desmesurada massa líquida pesa sôbre a fornalha desmesurada e a mantém submissa com os grilhões de suas ondas.

Lá em baixo, invisível, o oceano de fogo se intumesce e referve sob o oceano de água que o constringe. O mar imenso, cujo manto de seda sorri ao sol e á lua, abafa sob o corpo gigante o braseiro vencido e sempre rebelado.

Noite e dia, séculos e milênios, sem repouso ou trégua, o prodigioso combate continua. Chega uma vez, porém, em que o tapume de rochas intermediárias se adelgaça e cede ao empuxe das vagas de fogo e das ondas de água. Freme, estremece, trepida, estala e racha, deixando irromper pelas aberturas, com silvos pavorosos, as mil cabeças da hidra de lava ardente. O pélago dominador não recua, pesa mais sôbre o monstro ignívomo, recalca-o na sua prisão milenária, repele a torrente de fogo que sobe com uma torrente de água que desce!

Atirados um contra o outro, os dois elementos inimigos abraçam-se em espantoso corpo a corpo. Ao tocar-lhe a coluna de chamas, como fera queimada com ferro em brasa, o mar exasperado de dor uiva, silva, estruge e esperneâ numa agitação desatinada. Também, ao sentir a água, a lava explode em detonações, assobia e espadana gases e vapores.

As ondas líquidas querem apagar ou ao menos resfriar as ondas de brasa e estas, com seu calor infernal, as evaporam e dispersam. Luta titânica! Lá vem constantemente a lava coruscante e teimosa, rompendo pelas brechas das rochas aquecidas, e pelas mesmas brechas o mar se insinua com mil braços que se desfazem e refazem incessantemente. São dois polvos que se enredam um no outro com seus milhões de tentáculos de água e fogo. Rolam trovões subterrâneos, as crateras cospem em fumarada as ondas bebidas no recesso dos vulcões, as vagas que se espraiam nas costas fervem tempestuosas, escórias e cinzas cobrem os prados e as aldeias de onde o homem foge apavorado; nos ares espessos, rebentam as bôlhas de gases sob a chuva das pedras pomes esbraseadas que parecem estrêlas cadentes...

Tomada da dor monstruosa que lhe dilacera os flancos maternais, a Terra treme em espasmos formidáveis e se abre em fendas colossais.

Nessas ocasiões, estremece rapidamente no alto dum monte uma dessas agulhas solitárias de granito que se cravam no veludo verde da mata como menhir esquecido por um povo de gigantes. Balança para um lado e para outro com a convulsão epiléptica do terremoto. Desprende-se, depois, do seu alvéolo e, rasgando a mataria frondosa com um fragor de árvores desenraizadas e de troncos esmagados, rola pelo declive com violência tal que nenhuma fôrça a poderá deter. Leva por diante páus e pedras, alue socalcos e rochedos maiores do que ela própria, bate como ariete noutros que se partem e lá vem ladeira abaixo, numa rumorosa e doida cascata de calhaus e seixos, de galhadas e barreiras, despenhando-se para o vale que a espera num silêncio feito de pavor.

A grande e aguda pedra desprendida pela dor convulsa da Terra e que primeiro rolou sózinha traz agora um séquito incontável de pedras grandes e pequenas, de cristais brilhantes e de gneisses brutos, exército arrancado violentamente aos flancos da montanha pelo incoercível movimento gerado pela luta e pelo sofrimento. Tudo quanto se oponha ao alude ciclópico será efémero e vão. O mar e a lava de cujo entrechoque êle proveiu já se aquietaram de novo nós seus leitos eternos. Mas a grande pedra cercada de milhares de outras pedras, algumas das quais rolam já na sua frente, muitas das quais vão fazendo rolar outras e outras, corre ainda para o vale submisso, destruindo todos os obstáculos, como uma fatalidade inevitável. E o alude, enfim, atulha a planície toda, deixando para sempre escalavrada a aba da serrania, enchendo o

côncavo das grotas, dominando tudo. E a grande pedra finca-se no meio das terras como padrão de novos tempos, cercada por todas as pedras que desabaram, chegadas todas quasi á mesma hora, embora não tenham partido no mesmo instante nem da mesma maneira.

*
* *

Integralistas,

Aí tendes a imagem fiel do nosso movimento. A Idéia Integralista era aquela ponta de granito rude que varava no cimo da cordilheira o veludo dos arvoredos e se perfilava nas alturas como símbolo incompreendido pelos homens da planície. Lá em baixo, um mar verde e tranquilo beijava a orla das praias brancas. Sob êle, porém, rosnavam os furores do fogo lento que dia e noite queimava a alma da Pátria explorada pelo capitalismo internacional. Uma feita, as frágeis barreiras da legalidade que separavam essa fornalha das calmas águas do liberalismo foram violentamente destruidas. Travou-se a luta revolucionária com seu atroar de gases deletérios e seus vómitos de escórias. A velha terra do Brasil tremeu nos seus fundamentos e a grande pedra rolou, arrastando consigo, entre os cadáveres dos ramos e a poeirada das barreiras, todas as outras pedras, grandes e miudas, luzentes ou toscas, que topou pelo caminho.

Um dia, o vale se afogará sob o incontável exército de pedras, sem que se possa dizer quais as que caminharam primeiro, quais as que se moveram por último, quais as que foram impelidas por outras, pois todas chegarão ao mesmo tempo, irmanadas na mesma vitória.

*
* *

Integralistas,

O Integralismo é a pedra que rola da montanha. A dor a produziu. A dor a levará pelas perambeiras abaixo, ferindo as outras pedras que a dor fará rolar. E' toda a dor, todo o sofrimento, toda a angústia da nossa querida Pátria que o alude gigante traz consigo na violência do seu rolar e na violência de seu fragor. E a dor, Integralistas, é invencível, porque foi com a Dor e não com o Prazer que Cristo nos resgatou. Quando o pregaram na cruz e o julgaram vencido e morto, aí é que Êle se tornou Vencedor e começou a viver a Vida Imortal da Ressurreição.

*
* *

Integralistas,

Soframos profundamente pelo Brasil, afim de podermos vencer definitivamente pelo Brasil! (*)

(*) Peroração da Saudação aos Integralistas Baianos ao chegar á Baía a Bandeira Gustavo Barroso, em 28 de novembro de 1933.

A ILHA DE CORAL

Sôbre a vasta toalha do mar tranquilo se mira o claro azul do céu do Oriente. E o olhar dos viajantes que passêam no convés dos navios e o olhar dos pescadores que se imobilizam no paneiro das pirogas se perdem maravilhados na doçura da paisagem marinha.

No horizonte, os cumes nevosos das ilhas mergulham ainda nas brumas matinais, os vulcões adormecidos se lavam na luz do sol nascente, esbate-se nas claridades do espaço o fumo dos paquetes e quasi se dilue o velame branco das embarcações.

Entretanto, sob o lençol manso das águas se esconde um mundo fantástico e desconhecido. Se o olhar humano pudesse penetrar nas profundezas glaucas, veria, extasiado, os continentes nascendo do fundo do oceano. Obra assombrosa de paciência e cooperação! Obra assombrosa de sacrifício e de silêncio! Obra assombrosa de instinto e inteligência! Milhares e milhares de anos de trabalho pertinaz dia e noite. Incontáveis gerações de pequeninos zoófitos unidos num pensamento comum e num interêsse comum, dando uns vida aos outros, morrendo uns para os outros viverem, constroem ali um edifício como nunca os homens souberam ou puderam construir.

Nas profundidades salinas, sem que nada transpareça á superfície, travam-se os mais terríveis dramas da Vida. A flora animal dos abismos se entredevora. Vestida de fosforescências, górgonas, isis, holténias, anémonas, holoturias e estrêlas se movem e se perseguem dentro dos fantásticos jardins de algas, atínias, sagárcias e penátulas, por entre as quais vogam lentamente frócos transparentes de albumina viva. Misteriosos fenómenos fabricam ali os organismos inferiores e lhes assopram a vida elementar sob os fócos arroxeados, alaranjados, avermelhados e azulados de incríveis iluminações. Aqueles entes que se projetam do imenso laboratório marinho são pedra e árvore e animal ao mesmo tempo.

Para defender-se na luta formidável e muda, os infusórios tacitamente se reunem, radicando-se ao sólo submarino. Pouco e pouco, tirando da própria água ambiente os elementos calcáreos que secretam, vão aumentando sua fôrça, estendendo seus ramos, cravando mais fundo suas raizes. Multiplicam-se com os anos e lentamente se tornam pequena capoeira de arbustos esbranquiçados, róseos e vermelhos, estendida pelas paragens submersas. Mais uns séculos e ali se altêa majestosa floresta de sílica e de cálcio, dura e polida como se fôra esculturada em marfim velho. As bases dos troncos vão se alargando e transformando em colunas colossais. A' sombra da ramaria densa, entrelaçada e enrodilhada, anelídeos, crustáceos e moluscos se escondem e vivem. Pelo meio dos anfratos e das enrediças, os peixes vorazes desfilam, desfraldando as barbatanas nacaradas. E sôbre o arvoredo hipostílico começam os corais silenciosos e incansáveis a elevar os botaréus góticos de suas catedrais calcáreas, incrustadas de pedraria e florescendo em ornatos purpurinos. Ogivas, colunelos, pórticos, cúpolas, tôrres, galerias, empenas e flechas vão se erguendo através dos milênios, desabrochando ignorados

dentro das águas quietas á ação teimosa de miríades de sêres animados que ora evoluem lentamente do mineral através da planta até o animal, ora morrem e regressam do animal para o mineral. Toda essa obra de laboratório e de mecânica determina no oceano um fluxo e um refluxo ascendente e descendente de correntes poderosas. O pequenino zoófito que nada valia sózinho reunido a outros move os mares e constrói os mundos.

Um dia, enfim, a primeira ponta do rochedo coralino que vem subindo devagar das profundezas do abismo rompe o espêlho cristalino das águas onde se mira o claro céu do Oriente. Sorri o brilho do sol sôbre sua ponta mesquinha. Sorri a espuma branca do mar que o afaga com as suas rendas. Sorri a asa nevada da gaivota vadia que nela pousa pela primeira vez. Sorri o olhar descuidoso do nauta que o avista como ponto perdido na vastidão achamalotada do oceano.

Com o tempo, outras pontas vão surgindo uma a uma e formando um círculo como em obediência a uma disciplina secreta. Nem o céu nem o mar sorriem mais. O tempo de sorrir passou. Aquilo já merece uma preocupação. Que audácia a do pequenino sêr que se reuniu a milhões de pequeninos sêres e ousou vir lá das profundezas líquidas em que vivia mergulhado trazer as albarrãs de seu castelo á superfície das ondas, em face da abóbada celeste!

Enfarrusca-se o céu. Das nuvens negras amontoadas em cordilheiras que caminham, o raio dardeja expelido pela catapulta de fogo do relâmpago. Rolam os trovões. Toda a atmosfera incendiada estremece em contínuas vibrações. O velho mar ferido pelo tridente possidónio ferve e encolhe-se. Vai atacar as rochas pretenciosas e esfarinhá-las num ápice entre as mandíbulas espumantes. E atira-se ao combate, lançando ao assalto na vanguarda a empinada

cavalaria das ondas que nitre e se cobre de espuma, as crinas líquidas açoitadas pela ventania.

Horas ou dias, não importa a duração da batalha, o oceano em fúria bateu sem cessar o circo de rochedos coralíneos. Levou-lhes a floração de moluscos e as vestimentas de algas cabeludas. Despedaçou-lhes uma ou outra aresta. E foi tudo. Fatigado, rugindo ainda de cólera, acabou por se aquietar. As pontinhas de pedra venceram a mareta e o raio. Lá estão todas elas sem faltar uma só, impávidas e erectas, desafiando a raiva cega das últimas rajadas. Inútil esfôrço o da tempestade em que mar e céu conjugaram todos os seus elementos de luta. As fôrças sem direção eficiente, sem comando único, não podem ter a vitória sôbre a firmeza inabalável de quem sabe o que quer e como quer. Aquelas pontas de cachoupos parecem miudas e fracas, mas na verdade se estêam no edifício multimilenar que gerações e gerações sacrificadas em silêncio vieram trazendo centímetro a centímetro do fundo do oceano. Sua base se encastôa no sólo submarino. Quando se apresentaram á face das vagas e das nuvens vinham do trabalho audaz, teimoso e seguro de séculos e séculos. Não são, pois, as fúrias insensatas que as farão perecer.

Nos dias tempestuosos, o mar lançou dentro do seu círculo, com desprezo, todas as imundíces que boiavam á flor das águas em ebulição: carcassas de navios, balseiros, sujeiras, lixos, cadáveres apodrecidos e bicados pelos peixes e aves marinhas. A bacia coralínea se tornou um fóco de vasa e de podridão. Aos poucos, aquilo tudo foi se rebalsando e solidificando ao sol com o aporte de novos detritos e as secreções dos próprios corais. O vento trouxe de outras praias sementes que semeou a esmo. Em breve surgiram algumas folhinhas verdes. Depois, mais e mais. Enfim, uma vegetação luxuriante brotou no ilhéu, no

attoll, que já parece uma cesta de palmas e de flores boiando sôbre o mar.

Ao lado da primeira ilhota, os polipeiros erguem mais tarde outras e outras até que um dia ali se estende um continente madrepórico, construção maravilhosa de mesquinho povo de trabalhadores marinhos ocupados sem tréguas a arabescar assombrosas catedrais destinadas a sustentar os mundos nascentes.

*
* *

Integralistas,

Assim tem sido a construção do nosso movimento e assim será a construção do Brasil Integral.

Eramos poucos ao princípio. Reunimo-nos e lançamos na tradição da Pátria as raizes mestras do nosso movimento. Fomos crescendo em número e nos ajuntando, lenta e teimosamente estendendo ramos e raizes, bebendo inspiração nas realidades nacionais e no espírito de nossa gente, no passado de nossa terra e na memória de nossos antepassados. De nós mesmos e do nosso ambiente tirámos constantemente a fôrça que nos manteve. Trabalhámos na lentidão e no silêncio sem pressa de chegar. E ninguém suspeitava que sob a ilusória tranquilidade do oceano liberal as colónias de corais integralistas lançavam as bases dum mundo novo.

Surgimos, enfim, da vastidão das águas. Ao ver os primeiros cachoupos verdes rasgando as ondas rendilhadas de espuma, tudo sorriu, tudo zombou, enquanto nós iamos formando na disciplina consciente o círculo das futuras resistências.

Um dia, liberais e comunistas recearam a ameaça daquelas pontas verdes que ousavam pingar reticências no famoso deserto de homens e de idéas. Lançaram-se ao ataque

com a raiva das ondas comunistas e o lixo ignóbil das sapucáias vanguardeiras da imprensa. Ignáros! Aquelas pontas de rocha eram as ameias dum castelo roqueiro que subia do fundo dos séculos, enraizado na alma da Nação Brasileira.

O Integralismo resistiu aos assaltos e estrumou com a sujeira jornalística seus canteiros de flores. A' face do mar e do céu, cada província do Brasil é hoje, da Amazônia ao Rio Grande e do Atlântico a Mato Grosso, um ilhéu coralino que desafia todas as fúrias inconscientes.

*
* *

Integralistas,

Continuemos nosso trabalho pertinaz e infatigavelmente. O sacrifício da nossa geração será a glória das outras gerações. Que nos importa tombar no meio do caminho, se sabemos que a catedral dos nossos sonhos surgirá do abismo e refulgirá ao ouro quente do sol?

Impávidos e heróicos, desafiemos a cólera dos elementos. Nossas raizes são tão profundas que resistiremos a todos os ataques. E tenhamos sempre nos lábios um sorriso de desdém: enquanto êles esbravejam e espumam, nós construimos um mundo novo! (*)

(*) Peroração dum discurso feito aos Camisas-Verdes de Petrópolis, no Teatro Capitólio, em 8 de maio de 1934.

A BANDEIRA DO BRASIL

Bandeira do Brasil! Há mais de um século tremulas sôbre o vasto território que se estende do Amazonas ao Rio Grande e do Atlântico ás vertentes dos Andes; há mais de um século farfalhas batida de ventos bons ou de tempestades, sôbre as cabeças de milhões de brasileiros. Os nossos olhos vêem em Ti, desde as auroras da Independência, a imagem sagrada desta Pátria, que os nossos antepassados construiram na dor e no sacrifício ou no entusiasmo e na esperança; porque o gênio de José Bonifácio simbolizou nas tuas côres o verde da mataria e o amarelo das jazidas auríferas, toda a epopéia da Conquista Bandeirante de que nasceu o Brasil: campos, florestas, pantanais verdes, verdes lagúnas misteriosas, verdes serras das esmeraldas barrando os horizontes aos olhos deslumbrados de Fernão Dias Pais Leme; amarelas pepitas e palhetas amarelas de ouro nas areias grossas dos ribeirões, na aluvião dos rios ignotos, no cascalho das bateias de páu, ouro que tentava a cobiça dos aventureiros como um prêmio aos que desvendassem os mistérios da Grande Terra.

Mais de um século passou já depois daquele dia de galas em que ao alferes Luiz Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias e então quasi uma criança, foi entregue diante das tropas em formatura a primeira bandeira auri-verde do Império do Brasil.

Durante sessenta e seis anos, no losango de luz palpitou o brazão imperial: sob a corôa, o círculo das estrêlas provinciais e a cruz da Ordem Militar de Cristo, sinal da Cavalaria e da Religião, pregada sôbre a esfera armilar manuelina, símbolo dos descobrimentos pelas terras desconhecidas e os mares nunca dantes navegados. Toda a tradição da Raça, toda a memória dos Avós e todo o espírito imortal da Terra Brasileira!

Depois, a mão da ignorância tirou o fêcho heráldico do seu simbolismo; mas as côres tradicionais ficaram na mesma disposição original que José Bonifácio imaginara. E's a mesma ainda e sempre, Bandeira do Brasil!

E's a mesma ainda e sempre para todos os corações que se emocionam ao ver-te no tôpo dos mastros, para todos os olhos que se humedecem quando, saudada pelos tambores e clarins, bates as asas verdes e amarelas diante dos muros das baionetas em continência! E's a mesma ainda e sempre...

A mesma que tremulou sôbre as águas do Prata nos mastros das esquadras cobertas de panos ou das fortalezas de Montevidéu e da Colónia do Sacramento; que trapejou rasgada de balas e queimada pelas labaredas da macega no dia triste de Ituzaingô sôbre os quadrados heróicos da primeira infantaria da América; que varreu do continente os caudilhos ferozes, arrancando Rosas da Argentina e aniquilando López no Paraguai. A mesma que entrou triunfalmente em Buenos Aires com Marques de Sousa; em Montevidéu com João Propício; e em Assunção com Caxias. A mesma que viu morrer Sampaio e Gurjão; Osório e Andrade Neves carregarem o inimigo; e Marcílio Dias cair golpeado no taboado do seu navio. A mesma que se inclinou tristemente sôbre os corpos dos irmãos sacrificados nas lutas fratricidas e criminosas que a politicagem tem desencadeado nas coxilhas do Sul ou no vale do Paraíba.

A mesma que Santos Dumont desfraldou nas alturas e que amortalhou o corpo dos marinheiros humildes mortos em Dakar.

A' sombra dessa bandeira que é o retrato da nossa Pátria, nascemos, vivemos e haveremos de morrer. Os verdadeiros brasileiros não conhecem outra, nem outra querem conhecer. Êles recusam como uma afronta a bandeira vermelha internacional que alguns aventureiros lhes querem impôr. A nossa não tem a côr do sangue. E' esmeralda e ouro, ouro e esmeralda dos nossos avós bandeirantes, os construtores do Grande Brasil. E' mata e luz, a floresta que êles romperam e o sol que lhes iluminou os passos e queimou as faces heróicas. E' esperança e riqueza, a esperança no nosso destino e a riqueza dos nossos corações.

Essa é que é a nossa bandeira pela qual morreram nossos avós, pela qual morreremos, se preciso, pela qual morrerão nossos filhos e nossos netos. As bandeiras vermelhas não são e nunca foram e jamais serão nossas!

Escuta, brasileiro! Nêste dia consagrado ao glorioso pano auri-verde que te acostumaste a ver e amar desde pequenino, êle te anuncia, estralejando ao vento, que o nosso Brasil nunca morrerá, que outros bandeirantes, cheios de fé e de mocidade, refazem o caminho das velhas bandeiras e vão construir com as esmeraldas da sua esperança ilimitada e os tesouros da sua crença inamovível a Grande Pátria de amanhã, o Grande Brasil sôbre que tremulará, sózinha, sem rivais ou semelhantes, a mesma bandeira verde e amarela de José Bonifácio e Caxias, de Castro Alves e de Olavo Bilac, a bandeira sagrada e imortal do Brasil. (*)

(*) Oração pronunciada no rádio, no dia 19 de novembro de 1934.

O TAMBOR DE WATERLOO

A idéa de pátria repousa na cinza secular das gerações mortas. Porque, como dizia Taine, a sociedade dos vivos foi feita pelos mortos e nós recebemos uma herança com a obrigação de executar as disposições testamentárias. A pátria pertence aos que passaram, aos que estão presentes e aos que hão de vir. Portanto, ninguém "tem o direito de dispôr arbitrariamente dela, arriscando-a á sua fantasia, subordinando-a á aplicação de uma teoria ou de um interêsse de classe, embora seja esta a mais numerosa". A pátria é de todos, de todas as classes, de todas as gerações, cada uma das quais não passa de "gerente temporária e depositária responsável de um patrimônio precioso e glorioso que recebeu da geração precedente para transmitir á geração vindoura".

"Se a pátria é a cinza dos mortos, escreve Paul Ferdonnet, se ela nos aparece nimbada de glória, se é nossa mãe, é porque a terra desposou as cinzas dos nossos pais e se tornou uma realidade feita com a nossa carne, nossos lares, nossas casas, nossas cidades e nossos campos, o horizonte do lugar onde nascemos, pequena pátria real dentro da grande pátria ideal." Êsse casamento cantou-o Sully Prudhomme como o himeneu sem idade de uma raça e de um chão.

Através dos séculos ou dos milênios, a comunhão das famílias, na vida e na morte, formou as pátrias á face da terra, onde não podem ser substituidas pelo conceito vago de Humanidade. Máu grado os positivistas, os voltaireanos, os tolstoistas e os marxistas com o seu internacionalismo ou o seu humanitarismo tendente á criação da pátria universal, a idéa de pátria ainda não morreu e não morrerá no coração dos homens. Porque é a comunhão de interêsses e de gostos, de língua e de hábitos, de tradições e de sentimentos, mesmo de preconceitos e de idéas preconcebidas — como queria Renan —, que falta á humanidade, o arcabouço de qualquer pátria.

Tudo isso está entranhado na alma dos povos e o internacionalismo se esfrangalha de encontro ás resistências nacionais. Êle quer embalde lutar contra a natureza e a própria essência das cousas. Depois de dezenas de anos de prégação contra as pátrias nos meios operários europeus, embalados ao som da Internacional sob o flutuar das bandeiras vermelhas, o proletariado foi morrer bravamente nas trincheiras, em defesa do sólo sagrado onde todos os seus tinham nascido e sido sepultados. "Ao primeiro tiro de peça, o internacionalismo se evaporou como um nevoeiro." A paz pelo internacionalismo e o internacionalismo são miragens criadas para iludir os povos por um povo errante e parasita que não tem pátria e quer o domínio de todas as pátrias. Ouçamos a palavra do grande tribuno socialista Jean Jaurés num momento de abandono do seu internacionalismo, ao sentir sob seus pés a doce e querida terra de França: "Há horas em que sentimos, pisando a terra, uma alegria tão grande e tão profunda quanto a que a própria terra deve sentir... Quantas vezes caminhando pelas veredas dos campos, tenho dito a mim mesmo que pertenço á terra que piso, como ela me pertence. E, instintivamente, diminuo o passo, porque não

tenho pressa sob sua superfície, porque sinto que a possuo completamente e que nela a minha alma caminha não em comprimento, mas em profundidade." E ainda acrescentou: "Estais presos ao sólo pelo que vos precedeu e por tudo o que vos seguirá, por todas as cousas que creais, pelo passado e pelo futuro, pela imobilidade dos túmulos e pelo ligeiro embalo dos berços."

Nenhum patriota exaltado, fascista, nazi, camisa-verde, teria dito da idéa profunda de pátria tanto e melhor do que êsse socialista, cujo credo judaico se estriba na internacionalização dos proletariados.

E' que a pátria não é sómente e nem sómente pode ser simples imagem ideológica, creada através do tempo como um tabú qualquer. A pátria é uma realidade viva. Nós a amamos, porque, como diz Maurice Barrés, temos razões precisas e tangíveis para amá-la. Razões de ordem material: a comunhão dos interêsses econômicos, a certeza de proventos que a união nacional pode trazer. Razões de ordem intelectual: a comunhão do pensamento, da índole, da cultura, da língua, dos gostos, dos sentidos; o sub-consciente de um passado comum e a aspiração de um futuro comum. Razões de ordem espiritual: a comunhão dos sentimentos; o sentido da vida; o amor profundo das cousas que se sentem nossas; a consciência moral.

O homem tem de amar primeiro a sua pátria, que êle conhece e sente, para depois estender êsse amor á humanidade, "sociedade ideal, anónima e planetária". A pátria é aquilo que se ama — definiu Fustel de Coulanges. Ama-se a família e ama-se a pátria. E sómente um povo sem sólo, parasitário e vagabundo pode espalhar o veneno do desamor á grei familiar e ao torrão natal, tentando secar essás fontes de sentimentos no coração do homem, afim de substituí-las pela organização sindical, pela classe ou pelo proletariado internacional.

As nações se constituem no sacrifício e na glória. Suas raizes mergulham nas dores dos sofrimentos passados e nas epopéas dos seus heróis antigos. Sómente com a seiva que vem dêsses adubos históricos e lendários se produz a fôrça que faz brotar os rebentos verdes das esperanças no amanhã. "E' preciso ter feito grandes cousas outrora — ensina Renan — para querer fazer outras grandes cousas no futuro. A nação é um princípio espiritual resultante das complicações profundas da História."

*

* *

Camisas-verdes,

Amai o Brasil para poderdes morrer pelo Brasil nas grandes lutas que se aproximam, quando á sombra esvoaçante das bandeiras côr de sangue se cantarem, sob a batuta judaica, profanando a nossa pátria, as estrofes da Internacional.

A elas responderão de Norte a Sul e de Léste a Oéste, nos vales dos rios gigantes e ao pé das cachoeiras revôltas, nas asas das serranias imensas e na vastidão dos araxás banhados de sol, pelos carrascais, pelas caatingas, pelos gerais, pelos pampas, pelos sertões, pelos furos e igarapés, o compassado e sonoro ratamplam dos tambores da Milícia do Sigma, marchando no ritmo formidável da maior marcha de um povo americano. E' toda uma nação que se levantou e que caminha do fundo do passado para os horizontes do futuro. Toda uma nação, os de ontem, os de hoje e os de amanhã, unidos no mesmo ideal e perseverando para o mesmo fim. Ouvireis, Camisas-verdes, no rtumbo dêsses tambores o martelar dos borés e dos trocanos, o rebater dos batuques e dos candomblés, o ressôo dos atabaques e dos timbales, a alma do índio, do negro e do bandeirante, todo o Brasil unido na mesma aspiração, caminhando em falanges cerradas para esmagar a piolheira judaica e comunista!

*

* *

Camisas-verdes,

Na véspera da batalha de Waterloo, quando pela triste e uniforme planície belga brilhavam as constelações de fogueiras dos bivaques do exército francês, trouxeram a Napoleão um rapazelho aprisionado nas linhas de frente, vestido com o uniforme de um regimento inglês. O Corso repousava de braços cruzados em uma cadeira tosca, uma das pernas estendida sôbre um tambor. Em derredor, marechais chamarrados de ouro reluzindo á luz de uma fogueira e sombras de granadeiros coifados de ursas negras. O imperador levantou os olhos e ouviu o relato do aprisionamento feito por um oficial. Depois, fitando o moço que se perfilava pálido, estufando o peito sob a fardeta vermelha, pediu um intérprete. E trocaram-se estas palavras:

— E' lamentável que tão joven vistas um uniforme para desempenhar o papel de espião! Serás fuzilado.

— Não sou espião, Sire, mas tambor de um regimento de infantaria.

— Tambor?... Então, prove-me isso.

— Dê-me um tambor, Sire.

Napoleão retirou a perna de cima do instrumento e apontou-lho. O rapaz tomou-o e prendeu-o ao cinturão. Ergueu as vaquetas na posição regulamentar, esperando ordens. E o imperador, pondo-se de pé, disse:

— Toque reunir!

O inglesinho tocou. E as ordens imperiais foram se sucedendo, sempre obedecidas. Em tôrno, apertava-se o círculo de generais e soldados da Guarda, clareado pela luz incerta da fogueira, admirando a perícia do tambor-

zinho inimigo. Sucessivamente se ouviram os rufos de silêncio, de rancho, de marcha, de recolher, de fogo, de carga, de avançar.

De repente, Napoleão disse:

— Toque retirada!

O pequeno tambor cruzou as vaquetas sôbre o couro de asno da caixa silenciosa.

— Não ouviu a minha ordem?... Toque retirada!

A mesma imobilidade.

— Toque a retirada! bradou Napoleão.

E, calmamente, o tamborzinho respondeu:

— Sire, no exército inglês os tambores não aprendem êsse toque!...

Camisas-verdes.

O nosso patriotismo manda que, na grande luta contra os inimigos do Brasil, os nossos tambores não conheçam êsse toque! (*)

(*) Peroração do discurso pronunciado no Salão Ramos de Azevedo, no Clube Comercial de S. Paulo, a 11 de março de 1934.

O TESOURO DO MONTE

Está chegando a hora em que nós vos pediremos contas, ó liberais e comunistas, dignos irmãos, de todos os crimes de lesa pátria que haveis prégado e cometido. Uma a uma, arrancaremos vossas máscaras hipócritas e vos exporemos á opinião pública com vossos grandes e pequenos panamás, vossos câmbios negros, vossas compras de jornais, vossos negócios de banha ou de loterias. Então, a nação verá tudo quanto se tem ocultado por trás das atitudes de encomenda que servem ás vossas ambições de arrivistas: conciliábulos escusos, transações ignóbeis, conchavos interesseiros, compromissos indecorosos, conspiratas malignas, despistamentos e rabelices. Dia virá em que a luz clareará o fundo dêsses sepulcros caiados, de onde fugirão rasteiramente os vícios da politiqueira e se acharão nos lixos acumulados muitos nomes que andam na boca da fama como *nomes nacionais*.

Podeis desafiar quem quer que seja, Camisas-Verdes, a encontrar nêsses monturos os nomes dos vossos chefes!

Nós abateremos de vez a corja de reguletes anónimos que explora o país com suas clientelas de ociosos, inúteis e parasitas. Nós pediremos contas dos dinheiros públicos malbaratados e dos emprêgos e cartórios assaltados a mão

armada. Nós suprimiremos as prebendas e as sinecuras, o nepotismo, o filhotismo e a genrice. Nós puniremos todos os insolentes prevaricadores que teem vendido e deshonrado a nação.

Tudo isso já foi prometido aos brasileiros e as promessas não foram cumpridas. Nem era possível que fôssem. Para que se possam assinar sentenças, é necessário ter as mãos limpas, senão elas borrarão o papel, antes de terminada a assinatura, de sangue ou, o que será peor, de lama. Os chefes do nosso movimento devem estar acima de suspeitas e de tentações, afim de se conservarem puros e poderem condenar os impuros. Se êles fraquejarem, se se deixarem levar pelo maquiavelismo liberaloide e pelo espírito judaico, ai de nós, Integralistas! perdida estará a grande fôrça com que podiamos contar.

Esta tarefa de construir uma nação é muito árdua e penosa. Ela exige uma energia sem par e uma coragem sobrehumana. Além disso, um novo sentido da vida e uma nova compreensão da existência. Com a inveja, o ódio, a intriga, a preocupação mesquinha ou o malabarismo não se realizará a obra ingente. Sim com a coragem sobranceira, o destemor cavalheiresco e a franqueza rude. Coragem, coragem e mais coragem! Franqueza, franqueza e mais franqueza! O mundo acostumou-se ao sistema contrário, á covardia e á dissimulação. Nós só poderemos vencer êsse mundo, contrariando-lhe categorica e brutalmente os hábitos e as tendências.

Eu sei que há Integralistas partidários de outra maneira de ser, de certas facilidades, concessões e passes. Não ponho em dúvida sua sinceridade e sua habilidade política; mas ponho em dúvida o bom resultado de sua ação. Dia virá em que chorarão essa fraqueza. O Integralismo, no meu modo de entender, é uma lança em riste, de aço inamolgável que não consente na aproximação deletéria

de elementos deletérios, que não deve compactuar nem compactua com certas fôrças de reação do ambiente humano. E' possível que eu esteja errado nesta compreensão duma doutrina de antes quebrar que torcer. Se o estou, foi por entendê-la assim que me fiz Integralista.

Eu sei, repito, que êsses Integralistas se julgam no bom caminho e, ás vezes, agem com o louvável fito de evitar ferimentos em susceptibilidades á flor da pele. Em verdade vos digo que o verdadeiro papel do Integralismo é justamente desgostar e ferir essas susceptibilidades. Ferindo-as, submete-as a exame, a comprovação, a experiência. Se nos seus donos, há qualquer fermento de Integralismo, êle vencerá a si próprio e continuará conosco. Se não, êle se retirará. Seremos menos e seremos mais. Menos seremos na quantidade e mais na qualidade. Quem quiser vir comigo — disse o Senhor — há de deixar pai e mãe, mulher e filhos, prazer e amor, riqueza e glórias. O Integralismo exige o mesmo sacrifício e, se o não fizerdes, não sereis dignos, Camisas-Verdes, da obra que anunciais aos quatro ventos, porque, não sabendo vencer a vós mesmos, não podereis vencer os vossos inimigos.

*

* *

Contam lendas da Ásia Central que, outrora, um cavaleiro procurou conquistar um tesouro escondido num dos picos da cordilheira do Indo-Kusch. Depois de atravessar estepes geladas e desertos ardentes, vencendo intempéries, a fome e a sêde, teve de combater os dragões e os grifos que guardavam a íngreme subida da montanha. Escalou as perambeiras, galgou os abismos e, quasi ao chegar lá em cima, se viu de repente num jardim paradisíaco, onde o perfume das flores inebriava, as árvores estendiam dadivosas os ramos carregados de frutos maduros, águas trans-

parentes cantavam na sombra das moitas floridas, pavões desfraldavam nos gramados os leques de ouro e esmeralda, e maravilhosas mulheres ofereciam sua beleza e seu carinho, enquanto uma música invisível enchia o espaço com a languidez dos seus acórdes...

O cavaleiro não se deteve, não olhou. Continuou seu caminho tão hirto e severo quanto o haviam feito as lutas contra a natureza e os monstros. A' sua frente, o vulto da tôrre que continha o que buscava, com a sua porta chapeada de prata. A mais linda das filhas de Eva ofereceu-lhe a chave encastoada de pérolas. Recusou-a com a sua indiferença e, erguendo a pesada acha de armas, arrombou os batentes de cedro antigo. Êle desprezava os perigos e não via as tentações e não usava de habilidades, porque o perseguia e o tomava um sonho mais alto. Para que chave, se tinha coragem e machado? No seu coração só ardia uma chama: conquistar aquele tesouro!

*
* *

Integralistas,

Se dentro de vós, lá no fundo de vossa alma, sómente houver o amor do Brasil, a angústia de salvar o Brasil, chegareis ao tôpo da montanha e podereis descarregar na porta dos Rotschild o vosso machado de guerra. Se vos distrairdes com habilidades e andardes á procura de chaves, tereis faltado á vossa promessa e sereis duplamente réus, porque vos enganastes e enganastes a Nação que acreditou em vós! (*)

(*) Final da oração pronunciada no Dia do Marinheiro, 13 de dezembro de 1934, na séde da Ação Integralista do Rio de Janeiro, em sessão solene da Província do Mar.

A DATA DO RIACHUELO

Camisas-Verdes,

Há mais de meio século, no dia de hoje, as bandeiras falaram a linguagem do heroismo, linguagem que os homens de agora quasi esqueceram; falaram essa linguagem, transmitindo ordens guerreiras e lembrando a imagem da pátria distante, a trapejar ao vento sulino no láis da verga da capitânea de Barroso.

Ia bem alto o sol quando os navios lopistas do chefe Meza surgiram empenachados de fumo negro, num cotovelo do rio. E elas, as bandeiras multicôres, logo os anunciaram, alarmadas, no espaço luminoso e tranquilo:

— Inimigo á vista!

Cresceram os barcos paraguaios ao encurtar da distância. Avistaram-se as gáveas empavezadas, formigando de atiradores. O listão vermelho da maruja aglomerada pelas amuradas e castelos povoou-se de gestos ameaçadores. E elas, as bandeiras vivas e cantantes como um toque de clarim, ordenaram:

— Preparar para o combate!

Roncou o fogo da artilharia adversa. Envolveram-se em rolos de fumaça alvi-negra os navios de guerra e as baterias de Bruguez trepadas na alcantilada barranca do Ria-

chuelo. Ecoaram bárbaros gritos de matança. Escabujaram os feridos e imobilizaram-se os mortos nos convéses. E, flutuando nas adriças, elas, as bandeiras, clamaram lá do alto aonde não chegavam os respingos da água ferida pelas bombas nem os do sangue que corria no taboado das cobertas:

— O Brasil espera que cada um cumpra seu dever!

Todos obedeceram e cada qual o cumpriu como pôde, tanto assim que nós vencemos. As pesadas corvetas de alto mar que, ao manobrarem em bruscas viradas no estreito canal, encalhavam sob os tiros convergentes das baterias de Bruguez, eram logo assaltadas pelas chusmas de inimigos em abordagens ferozes. Lutava-se corpo a corpo, a machado, a sabre, a unha, a dente, em derredor dos auri-verdes pavilhões imperiais que as rajadas de metralha esfiapavam. O chuveiro de balas, bombas, granadas, lanternetas, cachos de uvas sibilava, estrondava e rugia como uma tempestade de ferro e fogo. Patinhava-se no sangue empoçado. Das altas mastreações envôltas na teia de aranha do cordame, os fuzileiros curvavam-se apontando armas aos bárbaros entreveros das cobertas e dos tombadilhos. E, de pé, no passadiço da "Amazonas", barbas ao vento, mandando, como o faria depois Tegethof na batalha de Lissa, afundar a golpes de ariete as naves no seu assalto terrível, o chefe Barroso fez içar o signal precursor do triunfo. E elas, as bandeiras que zombavam dos projéteis paraguaios, clarinaram batidas pela ventania:

— Sustentar o fogo que a vitória é nossa!

E foi. Afundados ou tomados diversos vapores, ferido de morte o chefe Meza, fugiram os assaltantes avariados, uns a reboque dos outros. Entardeceu. Um silêncio pesou sôbre as ondas enrugadas. As baterias de Bruguez calaram-se no alto da barranca alcantilada. E nos láis das vergas dos barcos imperiais brincaram ao primeiro hálito

frio que anunciava a noite os galhardetes coloridos que proclamavam a vitória. Ao longe, de quando em quando, quebrava a quietude da hora um tiro de peça: era o troar do rodízio de prôa da "Araguarí", que, sózinha, rio acima, perseguia os fugitivos.

Camisas-Verdes,

Lembrando a grande vitória do Riachuelo, que engarrafou para sempre o lobo paraguaio no pântano nativo, chamo a vossa atenção para o grande valor que representa o mar nos destinos do nosso país. Criando a Província do Mar, que aumentou, sem conquista, o número das províncias do Brasil, o nosso Chefe sentiu e demonstrou isso.

Amemos e glorifiquemos sempre a nossa Marinha pelo seu elevado papel na história da pátria desde seu primeiro dia de vida. Ela nos ligou ao mundo, abrindo á nação que nascia os caminhos líquidos do Oceano. Completou a obra do bandeirante e do catequizador. Sertanistas e jesuitas realizaram a expansão interior de Léste a Oéste e de Norte a Sul. Quando o Brasil quebrou as últimas cadeias que o prendiam á metrópole, depois de tanger o luso até o Tejo, é a Marinha quem solda pela costa imensa a unidade nacional.

Uma figura magnífica a simbolizou na nossa história através de quatro regimes, como se nela se consubstanciasse a própria vida da Marinha Nacional. No resplendor da glória de hoje, 11 de junho, evoquemos de preferência êsse herói epónimo, essa imagem fulgurante do maior dos nossos marinheiros.

A fragata "Niterói" veleja pela imensidão ondulada do Atlântico, arfando ao pêso de todo o velame desfraldado. Nos longes do horizonte, branquejam velas. E' a esquadra portuguesa em fuga. Um [illegible] de bordo que assentara praça ainda na armada do Brasil-Reino cavalgando

a verga do velacho, espreita-lhe os movimentos pelo óculo do comandante Taylor. E' êle.

Sôbre as águas barrentas do estuário do Prata, em seguimento dos navios argentinos de Brown, as corvetas e brigues de guerra do Império navegam de conserva. Súbito, a caça se precipita e no mastro grande da almiranta tremula um sinal de bandeiras:

— O almirante lembra a glória da nação nêste dia e espera que todos se batam com o mais decisivo valor!

Depois, outro sinal:

— Atacar o inimigo logo que cada um puder!

Atacado rijamente, o inimigo fugiu na ponta de Corales sob o chuveiro de balas da artilharia imperial. A bordo da "Leal Paulistana", um jovem tenente recebe com intrepidez seu verdadeiro batismo de fogo. E' êle.

O Primeiro Império afundou-se no sete de abril. A Regência passou com suas lutas civis. O Segundo Reinado atingiu o apogeu. Começou-se a representar no Uruguai o prólogo da grande tragédia paraguaia. Em frente a Paisandú, os navios do Império tomam posições. Seu almirante, veterano da Independência, que combatera no Prata, na Patagônia, nas Abriladas e nas Balaiadas, intima a rendição sob pena de bombardeio. Os chefes das estações navais estrangeiras mandam dizer-lhe que não consentirão nisso, porque ainda não havia declaração oficial de guerra, o que contrariava as regras do direito das gentes. O almirante replica, desabrido:

— Tenho canhões para terra e para quem ousar se opôr ás minhas operações!

E' êle.

Sobem o rio, cortando as águas paraguaias, os primeiros couraçados da América do Sul destinados a forçarem Humaitá. O primeiro dêles, construido no Rio de Janeiro chama-se "Tamandaré". O almirante que os sugeriu e

encomendou, o almirante que assentou praça nos navios de vela, serviu nas corvetas de rodas, comandou os barcos de hélice e agora vê os encouraçados marchando para a vitória, quem é? E' êle.

Proclamou-se a República, de surpresa. O velho Imperador abandonado, acha-se na corveta "Parnaíba", á espera do "Alagoas", que o levará ao exílio. Um ancião, que o fôra visitar e pôr-se á sua disposição, salta da lancha, de volta, no Arsenal de Marinha. Cercam-no muitos jovens oficiais ansiosos por uma palavra. Sopitando a amargura pessoal diante da nação que êle sente maior que as fórmas de govêrno, o encanecido almirante declara:

— O que está feito está feito. Cuidemos agora de trabalhar e engrandecer a nossa pátria.

E' êle.

Mais tarde, treze generais enviam a Floriano Peixoto um manifesto. O marechal manda prendê-los e desterrá-los. Um velhinho pequenino, mirrado e trêmulo, sobe a escadaria do Itamaratí para confessar-se solidário com as altas patentes e pedir para ser preso também.

E' êle.

Um entêrro simples atravessa a tarde acinzentada rumo ao cemitério do Cajú. No cortejo, alguns ajudantes de ordens, representando o Chefe do Estado e os Ministros. Nem o Chefe do Estado, nem os Ministros. Mas atrás alguns velhos marinheiros chorando. Lágrimas nas faces do povo por onde passa o préstito fúnebre. Dentro do caixão de primeira classe, no carro de primeira classe, vai dormindo o sono derradeiro um marujo do Brasil-Colónia, um praticante da Independência, um oficial do Primeiro Império, um comandante da Regência, o derradeiro almirante em chefe das fôrças navais do Segundo Império "a história viva da Armada Nacional", a história viva da

própria nação no coração dum homem, quasi cem anos de glória! E' êle.

Camisas-Verdes.

De pé, braços ao alto, pela glória da velha Marinha do Brasil na data do Riachuelo e, em homenagem ao almirante Joaquim Marques Lisboa, marquês de Tamandaré, Integralista do nosso passado, símbolo eterno da Armada Nacional, três anauês!

Camisas-Verdes,

A evocação desta data gloriosa é uma oportunidade magnífica para dirigir-vos palavras de patriotismo e de fé, tanto mais sentidas e sinceras quanto, nessas ocasiões, parece, os espíritos dos antepassados acordam no fundo dos tempos idos e vêm trazer ao nosso coração aquela fôrça que sómente podem ter as cousas eternas. Eu os convoco, nesta hora, para que se agrupem em tôrno de mim e me dêem energias para infiltrar na vossa alma aquela virtude com que souberam servir á pátria e por ela dar a vida no campo de batalha. Eu os evoco a todos, legião de mortos que vivem na memória da posteridade, desde o almirante ao derradeiro grumete cortado anonifôrça que sómente podem ter as cousas eternas. Eu os evoco a todos, heróis do Riachuelo — Barroso, Gomensoro, Torrezão, Greenhalg, Marcílio Dias, oficiais, soldados, marinheiros, os cujo nome refulge nos bronzes da história, os cujo nome mal se lê sómente nos registros amarelecidos dos arquivos, e até os que a história e os arquivos esqueceram. Eu os evoco a todos, legião de camisas-verdes do Além, para me inspirarem ao falar aos camisas-verdes do presente! Eu os evoco a todos, sombras benditas de nossos avós, para afastarem do nosso caminho as sombras malditas da ambição pessoal, da soberba, da inveja e do despeito!

Camisas-Verdes,

Não esqueçais nunca as lições de coragem e abnegação dos vossos maiores, de todos aqueles obreiros grandes ou pequenos, que construiram no sacrifício e na dor o nosso país. Não olvideis, nos momentos de perigo, as sagradas tradições de sua lealdade e as sagradas lições de sua bravura, afim de poderdes viver, lutar e morrer como os heróis que comemoramos hoje e cujas sombras sutís palpitam certamente em tôrno de nós. Compreendendo o respeito que deveis á memória de nossos antepassados imortais, sentireis que não devemos nem podemos deslustrá-la com atos indignos, verdadeira traição nacional, e sabereis, no dia em que a pátria precisar de vosso sangue, tombar gloriosamente, para vos perpetuardes na lembrança de vossos descendentes. Aprendei, pois, a cumprir vosso dever e a sustentar galhardamente o fogo nas lutas, com a certeza absoluta da vitória. E pensai sempre que o Brasil do futuro é filho do Brasil do passado, por mais que ideologias baratas ou maldosas procurem demonstrar o contrário.

No mundo atual, quasi por toda a parte, o homem perdeu a fé. Perdeu a fé em tudo. A começar pela fé nêle próprio. Não o nortêa mais nenhum ideal religioso, moral, social ou artístico. E, por isso, em parte alguma, se cria e viceja uma fórma de beleza, invadindo o luminoso campo da arte e da ciência, tomada a arena da política e da administração pela aventura, pelo empirismo, pela extravagância, pela insensibilidade moral e pela incapacidade. Morta a fé em qualquer cousa, ergue-se naturalmente a Babel dos instintos. Todas as bôrras sociais entendem que é chegado o momento de dominar e de gozar, nas ondas enlameadas dos movimentos armados, nas governações improvisadas, nos cartórios assaltados ou nos câmbios cinzentos e negros untados de banha rançosa. O mal não se esconde mais, envergonhado ou medroso, porém alça

orgulhosamente o colo viperino e ostenta á luz meridiana sua feiura repelente, mirando-se no espêlho da covardia ambiente que proclama aos quatro ventos a sua formosura. Assim, nós assistimos, com a algidez dos grandes espantos, que parecem ás vezes grandes indiferenças, a agonia de uma civilização por entre cujas paredes fendidas passeam os judeus, farejando os despojos. Lá do fundo do horizonte ensanguentado de incêndios vem o rumor do galope sinistro dos cavaleiros do Apocalipse, anunciando a chegada do Anticristo comunista que porá termo a esta etapa do mundo! E a orgulhosa Besta do liberalismo burguês vai idiotamente devorando-se a si própria!

Os remédios geralmente apregoados para salvação dos povos não merecem mais do que um sorriso de piedade. Uns mexem e remexem a panela da requentada liberal-democracia, adubando-a com temperos exóticos e preparando verdadeiros guisados de Locusta, capazes de envenenar o mundo inteiro. Outros agitam as massas sofredoras, apontando-lhes a isca da divisão das terras e da pilhagem das riquezas, afim de estender sôbre as nações o lençol da mediocridade, de absorver os indivíduos nos coletivismos e de governar os povos escravizados moral e fisicamente com a verga de ferro das profecias néo-messiânicas.

Camisas-Verdes,

No meio dêsse maremagnum de incertezas e dores, vós sois, felizmente, aqueles que ainda crêem no Bem e no Belo. Sois, felizmente, aqueles que sentem, de acôrdo com as lições do passado guardadas nos livros, que essa invasão de barbárie passará. Embora a imensidade bárbara de outrora estivesse batendo como mar encapelado as fronteiras do Império Romano decadente e a imensidade bárbara de hoje se alastre dentro das fronteiras de nossa civilização e, ás vezes, dentro das fronteiras de nós

mesmos, vós sabeis, que lhe não pertencerá o triunfo final. As vitórias do êrro são provisórias. A civilização cristã ressurgirá vitoriosa do grande embate para se expandir num rumo e num ritmo novos. Ela é como a Fenix da fábula de Herodoto. Queima-se a si própria e renasce das próprias cinzas, rescendendo a um perfume novo. E os materialismos grosseiros, que tentam subvertê-la de vez em quando, foram e são sempre varridos de sua face imortal pelo sôpro incontrastável dos idealismos vitoriosos.

Hoje que o nosso Brasil se debate na mais grave crise de sua vida independente, chamo vossa atenção para o que se está passando nos arraiais da politicagem, dos quais, graças a Deus, vivvemos afastados. A nação, sangrando pelas feridas abertas na sua moral e na sua economia, arfa e agoniza. Em tôrno dela, os médicos da ditadura e a família, em divórcio claro com o enfêrmo e entre si mesmo. Os primeiros, que só deviam pensar em curá-lo com os recursos da ciência, e os segundos, que só deviam pensar em aplicar com desvelo as receitas dos esculápios ou cercar o desgraçado de carinho, pelo contrário, justamente nisso é que não pensam. Cuidam unicamente de arrancar-lhe disposições testamentárias que lhes convenham. Cada qual tem seu interêsse grande ou miudo, e espera a verba que o satisfaça. Tão cegos estão pela ambição pequenina, mesquinha, medíocre, que não imaginam possa o moribundo transpassar sem testamento, aparecerem terceiros mais fortes á cata dos despojos ou a polícia integralista que os leve a todos para a cadeia e diga ao Brasil o seu "levanta-te e caminha!" Levanta-te e caminha, Grande Nação dos nossos sonhos, agitada pelas nossas angústias de patriotas, pelos sofrimentos de sucessivas gerações sacrificadas, afim de esmagares sob teus pés de gigante os miseráveis parasitas que te rodêam!

Na nação que queremos criar imitaremos tanto quanto

possível a natureza, não a natureza alambicada e falsa de Rousseau, mas a natureza forte, potente, como a revela a ciência moderna. A obrigação precípua da inteligência humana é observar a natureza, beber-lhe os ensinamentos e harmonizar e sintonizar os elementos e os fatos que nos fornece. A constituição política dum povo deve ser, pois, aquela que convenha ao seu caráter, ás suas tradições, ao seu sentido da vida, enfim, ao seu gênio próprio. E' essa compreensão que falta sobretudo aos empíricos, aos materialistas, aos pragmatas e aos aventureiros de todos os topetes que cercam o Brasil agonizante. E o peor é que o agonizante instintivamente possue o sentimento do que êles pensam e do que êles querem. Daí o divórcio absoluto entre a nação e os que afirmam representá-la. O que se vai passando, portanto, ofende ás leis da natureza e por isso perecerá.

Apontando-vos essa crise grave e profunda, no momento em que vos recordo uma grande e nobre, bela e fecunda lição do passado, minha intenção é mostrar-vos que nada subsiste sem bases morais, por mais que as aparências pretendam o contrário. Olhai, pois, para os dias idos e vividos, recordai os feitos de vossos avós e nêles apoiai as razões de vossa conciência de moços, esperanças da pátria, para a defesa do patrimônio espiritual e moral legado pelos nossos ascendentes, e que tendes a obrigação primacial, não só de defender, mas de engrandecer. Não podereis cumprir essa missão árdua, porém gloriosa, sem fé. Tende fé, portanto, em qualquer ideal nobre e elevado! Tende fé sobretudo e a despeito de tudo no nosso Brasil!

Camisas-Verdes,

Mergulhai dentro da vossa fé. Mergulhai, portanto, dentro de vós mesmos. Estudai vossa própria alma e só depois dêsse estudo declarai-vos com legítimo orgulho integralistas. Ser integralista de verdade é muito difícil. Ser integralista integral é quasi impossível. Na reação que o gênio de D'Annunzio, através da energia de Mussolini, despertou no mundo contra o domínio da matéria, em nome do espírito imortal, o Integralismo é o ponto culminante. Na Itália, pela criação de uma mística em tôrno dum homem se moveram as massas e se conquistou o poder. Fez-se a revolução imediatamente no terreno prático e só depois disso se processou seu progresso lento no sentido espiritual, tanto externo como interno. Aliás, o símbolo tomado pelo fascismo indica isso: é um simples feixe que lembra Roma e significa a reunião dos elementos dispersos de sua tradição imperial e cristã, tão rapidamente e tão praticamente como se ajuntam e se amarram varas. Já o movimento de Hitler se eleva desde o comêço a um plano espiritual mais alto, já busca, escudando-se na alma da raça, criar um espírito novo antes de realizar praticamente alguma cousa. Êle encontrava, reunidos por Mussolini, na pressa do combate primeiro, os elementos que as fôrças secretas da revolução haviam dispersado um a um no decurso dos séculos. Imprimiu-lhes um dinamismo. E eis por que o seu símbolo é a cruz esvástica que, na tradição esotérica ariana, quer dizer a vida, o movimento universal.

Nós abrimos os olhos para a aurora das duas grandes vitórias e adicionamos ás suas conquistas em todos os terrenos o gênio próprio da nossa doutrina, de grau espiritual mais elevado. Eis a razão do Sigma, que simboliza a somação, a integralização de tudo o que deva ser levado em conta para a organização natural da sociedade. E daí o que diz o Chefe Nacional e repetem os nossos doutrinadores: a nossa revolução é a maior de todas as revoluções, porque começa dentro de nós mesmos.

Começai Integralistas, vossa revolução interior, afim de

poderdes começar a nossa grande Revolução. Enquanto dentro do vosso coração se acumularem sombras de ódios pequeninos, de orgulhos mesquinhos, de fatuidade ridícula, de inveja soez e de ambição pessoal, ah! que adiantará vestirdes uma camisa verde? Sereis gralhas enfeitadas com penas de pavão. Sereis burros metidos na pele do rei dos animais. Um dia vós mesmos, pelos vossos atos, com as próprias mãos, despireis ou rasgareis a camisa que vos queimará a alma hipócrita. Quando sofrerdes uma injustiça, quando fôr preciso o sacrifício moral ou material, quando se tornar necessária a humildade de coração para esquecer-se de si em prol da causa e da idéa, quando a morte vos olhar de frente com um sorriso glacial nos lábios descarnados, então, se não tiverdes mergulhado dentro de vós mesmos, bem dentro do vosso coração brasileiro, afim de trazer á tona as gemas e pérolas que lá jazem ocultas ou perdidas, revoltar-vos-eis. A fôrça de disciplina do movimento, em consequência, vos atirará fora. Ireis, como verdadeiros heresiarcas, ainda dominados pelo sonho ideológico, tentar movimentos como o nosso contra nós, fugireis acoverdados e rancorosos ou apelareis para os jornais caluniosos a sôldo do judaismo internacional, fornecendo-lhes assuntos contra os vossos companheiros e chefes da véspera, enchendo com o vosso fél suas colunas vazias de talento e de patriotismo. E, para abafar a voz da vossa própria consciência que o Integralismo despertara para uma grande obra, ireis gritando pelo deserto sem oasis de vossa miséria moral calúnias contra o Chefe Nacional, contra a doutrina, contra os amigos abandonados, com o ridículo "leit motif":

— Provoquei uma cisão no Integralismo! como se as coisas integrais pudessem ser cindidas por uma réles vontade unilateral.

Dêsses exemplos alguns já temos tido entre nós, como

entre os doze do Cenáculo houve o exemplo clássico do Iscariotes. Êles devem servir-vos de exercício de meditação, meus caros Camisas-Verdes!

Tudo se deixa á face instável da terra, quando se segue para aquela viagem sem retôrno, cujo chamamento dia e noite nos espreita. Tudo se deixa: honras, riquezas, talentos, orgulhos, beleza, posições, amores. A caveira dum pobre escravo — diz uma quadra filosófica de Omar Kayiam — arrancada da terra que a sepultava confunde-se com a do maior conquistador de povos. O multi-poderoso Rotschild, quando embarcou para o outro lado, dos seus milhões sujos de lama, viscosos de sangue e ensopados de lágrimas não levou nem o antigo óbulo de cobre esverdinhado com que os defuntos gregos pagavam a passagem na barca de Caronte. As mulheres mais lindas, tafúes e prepotentes — Frinéa, Aspásia, Cleópatra, Lucrécia, Catarina, Madame Récamier — desmancharam-se na podridão. Os vermes roeram vagarosamente, no silêncio dos túmulos, os orgulhos e os gênios. E os que mais se amaram sôbre a terra sómente puderam dizer, entre gemidos, ao poeta que ousou descer além da Morte, no seio dos abismos infernais:

Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
nella miseria...

. . . .

Diz uma respeitável "sloka" dos velhos livros hindús que só uma cousa se leva, que com uma única bagagem a alma transpõe os humbrais apavorantes da Eternidade: as boas obras. Vivei, pois, a vida espiritual, Camisas-Verdes, como deve ser em verdade humanamente vivida. Vivei-a dignamente, fazendo sempre, como o estou fazendo e que nem suspeitais nesta hora, dos ferimentos interiores e invisíveis do coração a fôrça e a resignação para supor-

tar maiores rigores. Transformai em flores para os outros os espinhos que vos dilaceram, como o verdadeiro cristão oferece a Deus as dôres que o cruciam.

O Integralista, Camisas-Verdes, não vale pelo número de estrêlas que traz aos ombros ou pela côr dos cordões que lhe enfeitam as passadeiras. Estrêlas e cordões indicam hierarquias necessárias, devendo ser estimados e respeitados. Mas são unicamente um valioso aspecto de nossa projeção exterior e se não podem comparar com os da nossa projeção interior: fé, estudo, preparo, capacidade de sacrifício, ausência de cupidez, espiritualização. No mundo da inteligência e da virtude, estrêlas e cordões são invisíveis, e muitos Camisas-Verdes sem êles valem mil vezes mais do que outros que se apresentam estrelados como o céu duma noite de verão. Usai, pois, ó Integralistas, os distintivos da nossa organização como insignias de postos de sacrifício e procurai ganhar ambiciosamente as estrêlas da alma!

Camisas-Verdes,

Como no dia do Riachuelo, aos ventos núncios de combates sem tréguas, palpitam e falam-vos novamente as bandeiras. Sôbre a história do Brasil contemporâneo, Plínio Salgado arvorou um pavilhão que os brasileiros nunca tinham visto e que os encheu, a uns de ódio, a outros ainda de admiração e de fé. Foi o pendão azul e branco marcado pelo Sigma. Agitado pela nervosa e ascética mão do Chefe Nacional, êle tremulou despertando as primeiras coortes de Camisas-Verdes como o alarma do Chefe Barroso na pugna de 11 de junho:

— Inimigo á vista!

Reuniram-se em redor dêle os primeiros brasileiros de boa vontade, — inteligências e braços. Então, o lábaro que advertia da aproximação do judaismo internacional, Janus moderno, com a cara hipócrita do capitalismo-liberal-

democrata unida pela nuca, disfarçadamente, á cara vermelha do comunismo-marxista, trapejou mais fortemente e açoitou o espaço, gritando á nação desprevenida e entorpecida pela cocaina revolucionária:

— Preparar para o combate!

Depois, ela foi levada ao Norte e ao Sul, a Léste e a Oéste. Dansou no ar quente e húmido da Amazônia, em face das florestas verdes que dormem beijadas pelos rios imensos. Flutuou nos sertões e praias nordestinos á vista dos carnaubais gementes e das dunas ensopadas de sol. Beijou com o seu azul o azul do céu baiano, testemunha dos primeiros dias de nossa história. Viram-na triunfalmente desfraldada os morros graníticos do Espírito Santo e as avenidas rumorosas e fúteis do Rio de Janeiro. As grupiaras de Minas, as planuras selváticas de Mato Grosso, os araxás de Goiás, os cafezais paulistas, os pampas e pinheirais do Sul, todos os recantos do Brasil hoje a conhecem, todos os ventos dos seus quadrantes já a embalaram nas suas asas possantes e todos os filhos desta terra tão grande e tão maltratada sabem que ela vai gritando pela vastidão inerte da pátria que um dia faremos grande, unida e fecunda, o velho mote que o gênio de Nelson em Trafalgar inspirou ao gênio de Barroso no Riachuelo:

— O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever!

Se o cumprirdes, Camisas-Verdes, como o cumpriram os heróis cujas sombras abençoadas nos rodêam nêste momento — se ouvirdes bem o que ela vos diz agora: — Sustentar o fogo que a vitória é certa! — vencereis, venceremos, do mesmo modo que êles venceram. E, no fim da jornada gloriosa, quando se fizer o grande silêncio das horas históricas, o grande silêncio que precede a gestação e a criação das grandes obras, o grande silêncio dos génesis sociais, ouvireis unicamente de quando a quando os tiros espaçados das nossas "Araguarís" de choque, perseguindo

os restos desbaratados do liberalismo peçonhento e do comunismo judáico. E as bandeiras auri-verdes da velha nação, símbolos augustos do Passado, tremularão vitoriosamente no tôpo dos mastros, irmanadas para sempre ás bandeiras azues e brancas do Sigma, pálios da nova nação, símbolos dinâmicos do Futuro! (*)

(*) Conferência pronunciada na séde da Ação Integralista Brasileira, no Rio de Janeiro, a 11 de junho de 1934.

O DUPLO SENTIDO DA INQUIETAÇÃO BRASILEIRA

Nós somos filhos duma inquietação profunda e secular em todos os domínios do espírito, inquietação que crucia a humanidade desde os remotos tempos do Renascimento. Quebrando a moldura do pensamento medieval, o humanismo da Renascença e da Reforma abeberou-se no classicismo, voltou o rosto para as concepções pagãs da vida e deu-nos um homem mergulhado nas paixões e nos sentimentos da humanidade, sofrendo a tragédia do próprio conhecimento. Mas ainda a grande arte dêsse período mostra que subsiste uma fé universal, embora num valor terrestre, inferior áquela fé da Idade-Média nos valores supra-terrestres.

Pouco a pouco, a arte vai perdendo seu caráter sobrenatural, podemos dizer, sobrehumano, vai baixando á superfície da terra e acaba por se limitar no tempo e no espaço. Se o classicismo, com o seu homem de natureza abstrata, não pudera passar além do âmbito do humanismo, o romantismo que dêle decorre, embora com certo caráter de reação, já se não preocupa mais com as paixões e sentimentos da humanidade, porém sim com as paixões

e sentimentos duma época e duma classe. Assim, do critério geral se baixara ao critério local.

Estão dados os primeiros passos para se atingir em tudo o individualismo anarquizante. Com o triunfo de tal critério, a creação artística deixa de ser uma alta expressão de cultura, de amor, de fé, a mais alta razão de viver, e passa a ser um simples meio de negar as realidades exteriores, começando naturalmente por tomar as mais de baixo, afim de, depois, negar, do mesmo modo e por idêntico processo, as realidades interiores.

Desaparecidas todas as realidades positivas do espírito, que acontece? Uma inversão completa de valores. O espírito não irradia mais a sua luz vivificadora sôbre a vida material. E' a vida material que passa a deitar sôbre o espírito a sua sombra. E o materialismo afoga tudo. Olhai nas prateleiras duma biblioteca a extensa obra de Zola e sentireis o pêso da matéria e compreendereis por que Peladan dizia ter Deus suscitado a torrente das harmonias wagnerianas para limpar essa estrebaria de Augias...

Isolado, despido de sua armadura moral, o indivíduo continuou a descarnar-se sem cessar na concupiscência mental de melhor se conhecer e desceu todos os degráus inferiores, em busca das paixões elementares. Procurou a verdade no fundo do poço e esqueceu-se de que ela é uma estrêla e brilha no céu, bastando levantar a cabeça para vê-la luzir nas alturas. Toda arte tende para o superlativo. Essa marcha para o superlativo no sentido inferior. Que se pode esperar, depois dum livro denominado *Suor*, saindo da pena do mesmo autor, senão outro livro com o nome duma secreção do corpo humano ainda peor...

O fim natural dêsse rebaixamento é o desamparo e o desamparo gera a revolta. Chegámos a êste ponto terrível. O homem hoje está entre duas graças: a graça marxista e a graça cristã, que o disputam com afinco. Tem de

escolher: a primeira será a eterna inversão; a segunda será a conversão para sempre.

O desamparo do homem sente-se profundamente em quasi toda a literatura moderna. Nos romances, os personagens, em geral, demonstram grande aptidão para a vida prática e uma absoluta inaptidão para a vida espiritual. "A família Pembroke" de Vitor de la Fortelle, um dos novos da nova França, dá-nos um flagrante exemplo disso. Quando êsses *modernos* teem alguma vida interior, ela é dolorosamente inquieta e profundamente trágica.

Pobre homem do século XIX que se reflete tão tristemente na sua arte. Isolado, descarnado, descascado, analisado, reduziu-se êle próprio á expressão mais simples. Perdeu as caracteristicas essenciais de sua pessoa moral. Ficou puramente um indivíduo. E, naturalmente, aplicou o mesmo senso de análise, de sub-divisão a todas as manifestações artísticas. Na poesia, depois de abandonar a idéa pela fórma com o parnasianismo, abandonou a fórma, a medida e a rima. Na prosa, desprezou o estilo, a gramática, a decência e até o bom senso. Na música, voltou-se para os instrumentos primitivos e para os sons bárbaros das raças selvagens. Na arquitetura, limitou-se á rigidez das linhas retas e duras. Na decoração, ficou sómente no contraste dos tons lisos. Na jardinagem, só quis ver os espinheiros e os cáctos.

Sentindo-se naufragar no meio de toda essa inexpressão, de toda essa falta de alma, procurou um galho em que se agarrar. Sua inquietação passiva tornou-se de repente inquietação ativa. O cético cheio de ironia e piedade quis se fazer revolucionário. Mas, nessa angústia suprema, não encontrou mais nenhum valor básico, nem dentro, nem fora de si próprio. Havia negado todas as realidades interiores. Havia negado todas as realidades exteriores. Seus mestres o haviam levado a êsse abismo. O judeu Proust

destruira-lhe a personalidade. O judeu Gide destruira-lhe a moral. O judeu Marx destruira-lhe a economia. O judeu Einstein destruira-lhe o conceito científico. O judeu Freud destruira-lhe o sentimento. O judeu Barbusse destruira-lhe a verdade.

Que ficara nos domínios humanos desde a arte até a política? A impotência, a instabilidade, a contradição e a mentira.

Atingido o cúmulo dum subjetivismo relativista e contraditório, o homem procurou afirmar na arte ao menos um universalismo. E produziu o cubismo, que é o universalismo da Matéria; o Dadaismo, que é o universalismo da Negação; e o Super-realismo, que é o universalismo Ultra-Revolucionário.

Sendo o universalismo um sistema de idéas, de crenças ou de instituições aceitáveis em princípio por todos os homens, isto é, uma fé universal em qualquer cousa, não era possível conseguí-lo com a dúvida e a negação. E o abismo cavado aos pés dos homens escancarou-se tão profundo quanto o que se eleva sôbre suas cabeças.

O judeu Zaharof empurrou a humanidade para dentro dêle, desencadeando a Grande Guerra. Mas, por uma reação providencial, quando tudo parecia sossobrar, tudo se salvou. Do universalismo do dinheiro, da impotência e da dor veiu a ressurreição pelo universalismo do sacrifício, do heroismo e do sangue.

Nas reservas do seu coração, os mais fortes encontraram uma nova fé. Das trevas ressurgiu como uma alvorada o esquecido conceito do bem e do mal. Sentiu-se a necessidade de voltar a uma ordem pela creação duma ordem nova.

O estampido dos canhões havia dissipado os fantasmas creados pelos filósofos dos séculos XVIII e XIX: o Direito dos Povos e a Revolução Proletária. Sentiu-se que entre o Capitalismo e o Socialismo a antinomia era aparente e não fundamental, que ambos eram filhos gêmeos da éra do maquinismo. Esboçou-se a reação salvadora dos fascismos. Então, os magos dos novos tempos tentaram fazer sair dos túmulos cadáveres de idéas, já que não tinham idéas vivas para o combate. O cientifismo, o evolucionismo, o transformismo, o positivismo e o determinismo, que haviam estado em moda havia sessenta anos tentaram desatar as ataduras mortuárias e despir os sudários para entrarem em cena, enganando as massas proletárias cegas pelo desespêro do desemprêgo. Mas, aos primeiros passos, seus ossos chocalharam e suas órbitas vazias não acharam o caminho. A humanidade compreendeu que a morte se fantasiava de vida para perdê-la. Da aurora do século, de 1901 para cá, as descobertas maravilhosas da física fizeram sentir a poderosa influência da metafísica...

Uma pleiade de cientistas conclamou a existência dos eternos princípios esquecidos. Borgese afirmou com o pêso de sua autoridade a falência do mecanicismo do mundo, verificando que o mundo geométrico não é a regra, mas a excepção e declarando: "Onde se dizia estabilidade, fixidez e duração, diga-se mobilidade e criação incessante." Rutherford estudou os mistérios da vida interior do átomo. Edington concluiu que, se se eliminarem os espaços entre o proton e o electron de todo o corpo humano, a matéria de que êste se compõe ficará reduzida a tão pequena quantidade que só por uma lente poderá ser percebida. E Dirac ainda acrescentou que o proton não passa dum electron negativo...

Recuou o subjetivismo em toda a linha. Recuou a introspecção. Recuou a análise. Afirmou-se a totalidade. A inexistência da matéria acabou de vez com o materialismo. Êste, hoje, perante a ciência, é puro passadismo, puro saudosismo.

Os desígnios de Deus são insondáveis: o materialismo

não foi morto pela religião; foi aniquilado pela ciência, a sua grande aliada! E o coração do século palpitou num grande ritmo novo com Massis, Journet e Maritain que fazem renascer a ontologia tomista, com Gino Arias e Gottfried Feder que restauram a economia moral, com Nicoláu Berdiaeff que ressuscita a grandeza da civilização cristã, com Mauriac que restabelece o sentimento cristão do sacrifício, com Fernandez que renova o culto sagrado dos heróis.

Nós sofremos todas as torturas reflexas da inquietação do espírito europeu e ainda temos a angustiar as nossas almas a inquietação secular do espírito americano, inquietação racial e telúrica. Porque o índio brasileiro desaparecido ou recalcado para os sertões misteriosos não vive sómente nas emoções literárias dos nossos indianistas, nem deixou o traço de sua passagem unicamente na toponímia dos acidentes geográficos e nos nomes das árvores, das frutas e dos animais. Êle continua a palpitar no fundo da nossa alma brasileira, na eucaristia do nosso corpo com a terra em que nascemos e que dêle está toda impregnada. Seu sangue borbulhou nas veias dos bandeirantes de antanho e dinamizou-se através dos séculos nas veias dos seus descendentes. O mesmo fenómeno sente aquele grande escritor norte-americano que diz, com ênfase: "Nós, *yankees*, não somos anglo-saxónios: somos índios!"

Nos planaltos do sertão, batidos de sol, alguns rios cavam o seu leito de calcáreo e sob êle se submergem, desaparecendo aos olhos dos habitantes. Mas léguas e léguas adiante, no recosto do plató, de novo brotam da terra e gorgolejam cristalinos pelos pendores, cascateando sôbre os vales verdes e tranquilos. A inquietação da raça tupí fez como êsses rios, ocultou-se no seio de muitas gerações sucessivas para abrolhar mais tarde nos anseios da mocidade brasileira.

Senhores das terras do sertão, os tupís vieram um dia da Tupirama, seu misterioso país natal, das densas florestas tropicais do Caeté, de que nos fala Cláudio de Abbeville. Subiram em legiões incontáveis pela bacia do Paraná, espalharam-se pela do Tieté e atingiram as do S. Francisco, do Araguaia e do Tocantins, penetrando, enfim, na do Amazonas. E, nêsse âmbito imenso, passaram a viver em exodos contínuos, em guerras constantes, em migrações ininterruptas, ora combatendo os Gés inimigos, ora se abalançando a incursões ás fronteiras septentrionais e meridionais do grande Império dos Incas. Eram os Tupís das primeiras levas, filhos de Tupan, adoradores do Jurupari; os Tupiniquins e os Tupinas; os Tupinambás, os Tupinambaras e os Tupinambaranas; os Tamoios e os Oiampis; os Tabajaras, senhores das aldeias, e os Potiguaras, comedores de camarão; os Amoipiras e os Parintintins; os Omaguas e os Turimaguas; os Chiriguanos e os Guaranís, todos tomados da mesma febre, andejos, nómades, inquietos, perseguidos por um desassossêgo permanente. Doze mil Tupís chefiados pelo tucháua Curaraci se embrenham pelas selvas amazônicas. Depois das conquistas e catequeses, ainda a raça continua nos mesmos movimentos pela vasta terra brasileira. Em 1820, os Taniguás. Em 1830 os Oguaiuvas. Em 1870 e em 1890, os Opapocuvas. [1]

Que buscava a raça inquieta na amplidão das florestas e dos araxás? A essa pergunta de bandeirantes, missionários, sertanistas e exploradores, os velhos pajés respondiam:

— Andamos á procura do Ivi-Maranheim, da Terra sem Mal, onde fica a casa de Nandecí, mulher de Nandereçú, o Creador, da terra que os Tembés denominam Ikaivera, que serviu de refúgio aos nossos avós no tempo do dilúvio, quando êles fugiram das grandes águas guia-

dos por Guirapotí! Andamos á procura do Paraiso Terrestre![2]

*

* *

Êsses movimentos místicos reproduziram-se nas bandeiras conquistadoras. Essa inquietação palpita dentro de nós, Camisas-Verdes. E nós escreveremos com ela o Poema Épico do Grande Império que será o Brasil Integral![3]

1 e 2 Métraux — "Les migrations historiques des Tupis-Guaranis".

3 Discurso pronunciado no Teatro Municipal de S. Paulo, como representante do Chefe Nacional, na grande festa de arte comemorativa do Congresso Integralista Provincial de S. Paulo, na noite de 22 de janeiro de 1935.

A FLORESTA QUE CAMINHA

Há tempos, em uma de minhas bandeiras integralistas pelo interior do Brasil, depois de falar em Ribeirão Preto, segui á noite para Sertãozinho, pequena cidade perdida no oceano dos cafezais. Eramos meia dúzia de Camisas-Verdes dentro dum automóvel. Entre êles, o chefe Urioste, de Ribeirão Preto, e o mestre de campo Loureiro, de S. Paulo, meu joven companheiro das bandeiras ao Norte. Na escuridão profunda, por uma estrada sinuosa e áspera, o carro ia solavancando lentamente. Encolhidos com a friagem noturna, fumávamos em silêncio. De repente, um clarão vivo de incêndio no horizonte. Como que a boca duma fornalha se abrira na treva circundante e, nêsse fundo esbraseado e ardente, vultos de arbustos regulares e negros se perfilavam, denunciando as vastas plantações de café envôltas na obscuridade.

— Que é isso? perguntei.

O chefe Urioste respondeu-me:

— Estão queimando os cafés da valorização...

Ninguém deu mais uma palavra. Recostado ao fundo do automóvel, fechei os olhos e comecei a pensar. Estranhos e duros tempos os nossos, tempos em que aqui se queimam produtos e ali se morre de fome, como se certa

mão misteriosa perturbasse o ritmo das economias, afim de destruir a independência dos povos!... No nosso país, regado pelo suor dos Jécas infelizes, todos os produtos do sólo teem seguido a mesma pauta de ascensão e descida, manobrados do fundo do mistério social pela Raça Deicida, que governa o ouro. A borracha atingiu os preços elevados que enlouqueceram os paroáras, para depois cair nas profundas do abismo. O café se alteou a um ponto que não houve fazendeiro que não fizesse loucuras, para chegar ao estado de miséria atual, servindo para engordar o estrangeiro, o intermediário e o especulador em detrimento daquele que o arranca com seu trabalho da terra roxa de S. Paulo.

Pálpebras cerradas, continuava a ver fileiras de pequenas árvores regulares e hirtas como um exército móvel á espera do toque de corneta que o fizesse marchar. Ao meu espírito acudiu, então, aquela página formidável de Shakespeare: a morte de Macbeth. O tirano que tudo ousara e tudo desafiara, um dia vê, de cabelos eriçados de pavor, caminhar para êle, lenta e implacável, uma floresta inteira. Os robles seculares, as faias verdejantes, os ábetos esguios, os freixos ramalhudos e os salgueiros tristes, todos arrancam as longas raizes da terra gorda e húmida, como patas de caranguejos colossais, e se põem a andar vagarosamente em direção ao monstro que vão esmagar!

Com os olhos da alma, vi aquelas ondas de cafezais moverem-se á luz sanguínea do incêndio criminoso. Cada um daqueles arbustos perfilados era um homem vestido de verde que erguia energicamente o braço para o céu laivado de clarões da fogueira. As ondas incontáveis dos cafezais transformavam-se em ondas incontáveis de homens em marcha, lentos, hirtos, solenes, rituais, em busca de alguma cousa muito séria, porque o ritmo dos seus

passos era triste e mais triste ainda o rictus das suas fisionomias doloridas.

O Brasil, cansado de sofrer, cansado de ser explorado pela Liberal-Democracia, criada do Judaismo Internacional, ouviu o chamamento dos novos tempos pela voz de Plínio Salgado. A dor concentrada de seus filhos, dor de séculos de escravidão, de humilhação e de necessidade, essa dor tornou-se como que uma fôrça telúrica e foi capaz de arrancar do sólo as raizes dos cafezais metamorfoseados em exércitos, para com êles esmagar os exploradores da pátria, como a floresta nórdica esmagou o corpo miserável de Macbeth...

Um toque de corneta, um rufar de tambores, anauês vibrantes e seguidos despertaram-me da meditação. Alguns fócos elétricos brilhavam no meio de cercados, de telhados e de arvoredos. O mestre de campo Loureiro falou:

— Entramos em Sertãozinho.

Pus a cabeça fora da coberta do automóvel. Uma legião de Camisas-Verdes, em continência, erguia os braços para o céu marcado pelo Cruzeiro do Sul. Eram os pés de café, do café mártir da economia judaica, do café cheio do suor e das penas dos nossos colonos e plantadores, que haviam tomado vida e aparência humanas, que esperavam reunir-se aos filhos das seringueiras do Septentrião, aos filhos dos algodoais nordestinos, aos filhos dos cacauzeiros baianos, aos filhos dos ervais paranaenses, para formar a grande floresta verde que há de subverter sob os seus pés implacáveis, numa marcha sem exemplo na nossa história, todos os Macbeth dêste regime de fraudes, de roubos, de concussões e de escravidão ao ouro do pan-judaismo.

*

* *

Camisas-Verdes, vós sois a vingança da Terra Brasileira, vós sois a rehabilitação do Jéca sugado pelo parasitismo judaico, vós sois uma fôrça telúrica insopitável e implacável, vós sois a floresta que caminha e que tudo esmaga á sua passagem! (*)

(*) Peroração do discurso feito, em nome do Secretariado Nacional da Ação Integralista Brasileira, ás Delegações de todas as Provincias ao 2.° Congresso Integralista de Petrópolis, no Teatro Capitólio, na noite de 10 de março de 1935.

A PALAVRA ESCRITA

A MAIOR REVOLUÇÃO DO BRASIL

Quem não conheceu a vida antes da Revolução Francesa — dizia Talleyrand — não conheceu a delícia de viver. Com efeito, essa catástrofe fantasiada de aurora de tal modo subverteu todos os valores humanos e sociais que dela a sociedade só poderia sair dividida em compartimentos e com organizações parciais destinadas a sucessivos conflitos.

A sociedade antiga, através de variadas mutações, plasmara-se sempre na subordinação e no espírito de sacrifício. Sem retirar ao indivíduo a sua liberdade, no bom sentido da palavra, a sua dignidade e a sua personalidade com direito a expandir-se no tempo pela família e no espaço pela propriedade, ela se esforçara para fundí-lo na comunidade: o artezão na corporação, a corporação na comuna, a comuna no bispado ou no feudo, êste no reino e o reino na cristandade; o cidadão na cidade e a cidade no Estado suzerano; o cristão na paróquia, o monge na ordem e o doutor na escola. Uma visão totalitária da vida e dos lineamentos sociais marcava com seu sêlo as concepções políticas e as suas realizações, sómente faltando o senso do dinamismo para que tal obra se perpetuasse, evoluindo. Matou-a a rigidez dos seus quadros, a sua ossatura inerte.

A MAIOR REVOLUÇÃO DO BRASIL

Quem não conheceu a vida antes da Revolução Francesa — dizia Talleyrand — não conheceu a delícia de viver. Com efeito, essa catástrofe fantasiada de aurora de tal modo subverteu todos os valores humanos e sociais que dela a sociedade só poderia sair dividida em compartimentos e com organizações parciais destinadas a successivos conflitos.

A sociedade antiga, através de variadas mutações, plasmara-se sempre na subordinação e no espírito de sacrifício. Sem retirar ao indivíduo a sua liberdade, no bom sentido da palavra, a sua dignidade e a sua personalidade com direito a expandir-se no tempo pela família e no espaço pela propriedade, ela se esforçara para fundí-lo na comunidade: o artezão na corporação, a corporação na comuna, a comuna no bispado ou no feudo, êste no reino e o reino na cristandade; o cidadão na cidade e a cidade no Estado suzerano; o cristão na paróquia, o monge na ordem e o doutor na escola. Uma visão totalitária da vida e dos lineamentos sociais marcava com seu sêlo as concepções políticas e as suas realizações, sómente faltando o senso do dinamismo para que tal obra se perpetuasse, evoluindo. Matou-a a rigidez dos seus quadros, a sua ossatura inerte.

O espírito de revolta, trazido subterraneamente do fundo dos séculos, senão dos milênios, assoprado pelas sociedades secretas, vem quebrar toda essa arquitetura, espalhar por todos os lados os seus restos mutilados e desprender violentamente o homem, iludido pela fórmula ôca — liberdade, igualdade e fraternidade, das antigas disciplinas. Morre num lago de sangue, ao clarão dos incêndios, ao fragor das batalhas e á sombra sinistra da guilhotina, o mundo que produzira os grandes corpos e os grandes movimentos em que o idealismo, o sacrifício, o valor moral são as notas dominantes: as corporações, as confrarias, as comunas, as catedrais, os conventos, as cruzadas, a Escolástica, as navegações e as catequeses. E surge, ao clangor das fanfarras das guardas nacionais da burguesia, com o seu cortejo de mediocridades filosóficas, o mundo novo da iniciativa individual, da análise, do estudo das partes, das concepções e organizações unilaterais. E' o mundo do esplendor da energia individual no esmagamento do fraco pelo forte, na exploração dos escravos operários pelo capitalista sem entranhas, no sentido pragmático da vida, no materialismo do gôzo e do fausto e da riqueza. Em lugar das corporações, confrarias e comunas, o homem isolado, vendendo o seu trabalho como mercadoria sujeita a lei da oferta e da procura, quando pobre, ou fazendo do seu ouro a mercadoria que domina os mercados, quando rico. Em lugar de catedrais esculturadas com amor e erigidas com fé por gerações sucessivas de artistas e de crentes, os arranha-céus lisos, quadrados e impregnados dum materialismo babilônico no conjunto e no pormenor. Em lugar de cruzadas, campanhas eleitorais, morticínios friamente organizados e o inferno da guerra de trincheiras. Em lugar da Escolástica, os *ismos* de qualquer quilate e uma mentalidade tão estragada e vulgar que prefere Freud a Santo Agostinho!

Em lugar das navegações com suas aventuras trágico-marítimas, as viagens rapaces do ouro de país a país e de continente a continente, ao sabor das manobras do capitalismo judaico — internacional. Em lugar das catequeses, as campanhas de ateismo.

E, no meio dêsse cáos, embriagados pelos prodígios das máquinas e do cimento armado, que êle, coitadinho! confunde com progresso e até com cultura, o homem, erguendo em desafio ao infinito a face destinada aos vermes da podridão e se arrogando, como escreve Gebhart, o direito de escapar a qualquer entrave, regra, hierarquia ou disciplina para atingir a riqueza e o poder, satisfazendo sua cobiça, seus amores, seus ódios; contentando suas paixões e seus vícios; realizando todos os seus sonhos, embora abatendo, sem piedade e sem escrúpulos, todos os obstáculos. Enfim, a plena expansão dos instintos que Marx quer para o indivíduo, a realização da *verdade verdadeira* da vida, como preceitua Barbusse.

Assim, chegámos a um triste momento do mundo, generalizando-se a fermentação em todos os espíritos. Nessa fermentação, é necessário distinguir duas partes: os restos de fermento das doutrinas analíticas, a cujo alúde a Revolução Francesa abriu as comportas, e o fermento novo das idéias totalitárias a que o fascismo italiano rompeu o caminho. Nós, homens do século XX, estamos sendo ou testemunhas ou comparsas de uma formidável contra-revolução, que ergue armas e picaretas para derrubar a fachada dum edifício sem profundidade: a democracia liberal, que colocou seus alicerces no pântano sangrento de 1793, estaqueando-o com as ossadas dos afogados, dos metralhados e dos guilhotinados. O mito retórico de sua liberdade tão apregoada murchou nas consciências modernas, segundo o conceito de Ameal.

Segundo o de Mussolini, os homens cansaram-se da

orgia liberal. E, segundo o de Mosley, a liberdade duma nação ser grande é um direito muito maior do que o direito de alguns indivíduos baterem boca num parlamento.

A revolução dos séculos XVIII e XIX já produziu o que devia produzir: o individualismo para a expansão do progresso material. Vivemos os dias da contra-revolução integralista: a cristalização dessas energias ás sôltas num quadro de valores sociais: Deus, Pátria e Família. Outras bandeiras tremulam diante dos nossos olhos: Ordem — Hierarquia — Disciplina.

Nós não cantamos mais hinos ás cartas constitucionais ao som das bandas burguesas das guardas-nacionais. Nós cantamos a grandeza de uma pátria sem partidos e sem cartas mumificadas, unida, coesa, totalitária, integral, com olhos de amor para o seu passado e de fé no seu futuro, os braços erguidos para o céu, no entusiasmo dos nobres sacrifícios, ao ratamplam compassado dos tambores das nossas milícias verdes, cujo passo ritmado vai marcando por sôbre o Brasil o progresso da maior Revolução da sua história!

O PROBLEMA DA TERRA

A terra — a boa mãe das plantas, como a denominou o poeta — é a única fonte de vida que, de verdade, pode sustentar sempre o homem que vive e sofre á sua superfície.

Quando os povos antigos davam súma importância aos ritos agrícolas, sabiam perfeitamente o que faziam e obedeciam aos ditames da hierática sabedoria dos Templos. O egípcio adorava o Nilo que lhe fertilizava os campos e o argivo via em Demeter todas as farturas do amanho da gleba. E, entre os romanos, o amor ao campo, base da vida da "urbs" foi sempre de tal ordem que uma das preocupações dos legisladores eram as leis agrárias e, no "De Re Rustica", Terêncio Varro escrevia trechos desta ordem: "Viri magni nostri majores non sine causa praeponebant rusticos Romanos urbanis..."

E explica que os mais notáveis romanos dos Tempos idos estimavam o homem do campo de preferência ao da cidade, porque êle era mais forte e mais enérgico. Acrescenta que, de acôrdo com os costumes de outrora, o ano era dividido de fórma que, de sete em sete dias absolutamente dedicados á agricultura, houvesse dois destinados á cidade, para compras e divertimentos. No dia em que

Roma, embriagada pelos triunfos militares e pela loucura dos imperadores, dominadores do Orbe, esqueceu as práticas agrícolas que tinham feito a sólida grandeza do período republicano, tornou-se paradoxalmente escrava do Egito, da Sicília e da África pelo trigo que essas províncias lhe enviavam, começando, então, sua longa agonia.

O maior exemplo da exatidão da premissa posta no começo dêste artigo é a China de antanho. Como admitir que muitas centenas de milhões de homens habitassem, civilizados, pacíficos, amantes das artes e das letras, e mais ou menos fartos, um território relativamente escasso, séculos e séculos, sem grandes distúrbios e graves rebeldias internas, organizando a família em bases de rígida moralidade, sem o culto integral da terra? Com efeito, nenhum povo elevou mais alto êsse culto do que o chinês. Um dos homens que melhor souberam ver e compreender a China como era antes da anarquia atual escreveu esta página admirável: "Sabe-se que, numa área quatro ou cinco vezes maior do que a China, a Europa conta 280 milhões de habitantes. Porém existem ali províncias do tamanho da França e da Alemanha, onde há cinco, seis e mesmo sete habitantes por hectare. Existem distritos iguais á Bélgica, em que essa densidade vai além de doze e até de quinze habitantes". E G. E. Simon, laureado autor de "La Cité Chinoise", continua as pinceladas do interessante quadro: "Essa densidade parece tão extraórdinária que muitas vezes se pôs em dúvida a exatidão das estatísticas chinesas; entretanto, aqueles que percorrem o vasto território do Celeste Império delas não duvidam. Até as fronteiras do Tibet, a oitocentas léguas do mar, acontecia-me frequentemente atravessar cidades de meio milhão a milhão e meio de habitantes. Nas mais afastadas províncias, viajei quasi sempre no meio de verdadeiras multidões que se dirigiam aos mercados e enchiam com quinze ou

vinte mil indivíduos lugarejos onde, na véspera, se viam sómente alguns estalajadeiros. De um extremo ao outro da China, por assim dizer, aldeias, povoações, casais, desfilavam aos meus olhos, tão próximos, tão apertados, como só se vêem nos arredores de nossas grandes capitais."

Admirado, o leitor perguntará como vivia essa formidável população. O sr. Simon lhe responderá a contento: "A terra invade a própria água, vendo-se campos e jardins sôbre jangadas a boiar nos rios e lagos. Os rochedos, atapetados de adubos, cobrem-se de mésses. Por toda a parte, as mais preciosas e delicadas plantações, as que exigem mais braços e mais trabalho diário — açucar, chá, amoreira — vicejam. Até nos mais remotos vales, a terra fecundada produz colheitas de doze, quatorze mil quilos por hectare e dá a cada hectare o valor venal de 25 a 30 mil francos."

Está aí a terra — boa mãe das plantas — sustentando êsse formidável edifício social durante milênios. Por isso, o Filho do Céu, quando existia um imperador na China, todos os anos, da data da abertura dos trabalhos agrícolas, ritualmente empunhava o cabo da charrua e, com sua rêlha sagrada, traçava o primeiro sulco na gleba dadivosa. E por isso profundo rifão chinês diz singelamente: "Se se pode medir o tamanho dum campo, é impossível medir sua profundidade."

A humanidade moderna, baterializada, amante dos gozos fáceis, envenenada por um povo errante que se não casa com a terra e prefere explorar o trabalho alheio, esqueceu o campo e não serão éclogas virgilianas que para êle farão voltar de novo os olhos deslumbrados pelas maravilhas do urbanismo, sua atenção tomada pela luz elétrica, o rádio, o cinema falado, o jornalismo sensacional, porém a fome, companheira inseparável, fatal, do comunismo, produzida pela desarticulação da economia do mundo, joguete do

capitalismo internacional. A civilização industrial dos nossos dias, dando á máquina mais valor do que ao homem, alheiando-se dia a dia do sentido telúrico dos povos, só pode considerar o homem, por muito favor, uma máquina sem família, sem pátria e sem Deus, com estômago para viver no trabalho e com sexo, para reproduzir outras máquinas. Ao camponês o comunismo dá uma consideração ficticia e uma atenção limitada. A exploração dos campos far-se-á em grande escala, por meio de super-maquinismos, super-tratores, etc. As semeaduras serão realizadas por aviões.

O operário, estribado na "mais valia" de Marx, julga-se a única vítima do capitalismo e quer dominar o mundo sob a fórmula leninista: "O Estado é uma máquina destinada a esmagar uma classe pela outra."

A Reação Fascista tenta e realiza na Itália e na Alemanha a volta ao campo, a fecundção das glebas abandonadas pelo exagêro das indústrias, o contacto com a fonte de vida eterna, cuja profundidade ninguém mede.

Na organização do Estado Integral Brasileiro, o problema da terra, abandonado pelo nosso liberalismo de fancaria, será atacado como deve ser. E a sua resolução fará do Brasil o celeiro do mundo.

A RAÇA SUPERIOR

(Revelações sensacionais de um livro judaico)

Os judeus consideram-se uma raça superior, destinada por Deus, segundo dizem os livros santos, a devorar os outros povos. Todos serão seus escravos e Israel reinará sôbre as nações curvadas diante do seu Bezerro de Ouro. O messianismo judaico, profundamente estudado por Lagrange numa obra célebre, apresenta-se nos nossos dias sob a fórma curiosa da concepção dum povo encarnando o Messias. O Messias é, pois, o próprio povo israelita, que, depois de ter sido perseguido e torturado, atingirá o pináculo da glória e da hegemonia universal. Isso tem sido tão proclamado e conclamado pelos escritores e filósofos judeus, que não exige mais demonstrações ou provas.

Para ter essa idéia messiânica, é necessário ao judeu convencer-se de sua superioridade sôbre os gentios, infiéis, "goyim" ou que melhor nome tenham. Êle já tomou todo o gás dêsse convencimento. Para demonstrá-lo, basta a leitura dum livro recentemente reeditado em França e que me chegou ás mãos, Intitula-se "Le droit de la race supérieure" e é seu autor o hebreu Isaac Blümchen.

Abramo-lo. Logo no limiar, esta frase definitiva: — "Enfin, le peuple juif est maitre de la France!" Que dirá

a mais nobre nação latina, cuja imprensa tem atacado tanto Hitler, em defesa dêsses mesmos judeus, da desafogada confissão de Blümchen: "Enfim, o povo judeu é dono da França?!" Se a França, com efeito, não pertence mais aos franceses e sim aos judeus, pezames á Civilização Ocidental que permitiu assim fôsse colhida sua mais bela flor e parabens á Alemanha por não se ter deixado colher, defendendo-se enquanto era tempo!...

Continuemos a folhear êsse magnífico Direito da Raça Superior. Declara seu autor que se deve passar uma esponja na "falsa humildade" dos israelitas, pois o tempo da prudência já se foi e, textualmente: "A vitória judaica é tão completa que a raça francesa vencida não ousa mais oferecer a menor oposição e é forçada a aceitar, sem discutir, todas as ordens dadas por Israel Triunfante. Toda veleidade de rebelião seria fútil. A sorte da França já foi decidida."

Todas as posições dominantes da política e da administração, segundo revela Blümchen, estão nas mãos de sua raça. Cheio de entusiasmo, êle exclama: "Nós reinamos e queremos que o mundo inteiro o saiba: A raça superior deve dominar a raça inferior. E' uma lei da própria natureza."

Na verdade, 38 milhões de franceses estão á mercê sobretudo duma imprensa inteiramente judaica que confunde, baralha, envenena ou guia, conforme entende, a opinião pública. A instrução pública se acha sob o mesmo controle. As escolas superiores em geral, formam anualmente 70% de judeus e estrangeiros, contra 30% de franceses. A Escola Politécnica, a Sorbona e o Colégio de França, segundo assegura o autor do "Direito da Raça Superior", "tremem diante de seus amos". E "les Universités ont été transformées en ghettos, oú les jeunes français apprennent l'art de dévenir de bons valets".

Com efeito, acrescenta: "Notem o seguinte fato que resume a situação das duas raças: em nenhuma família francesa encontrareis criados judeus; mas todas as famílias judias são servidas por lacaios franceses."

Ainda é pouco. Os tribunais depenedem dos judeus, pois os juizes e advogados não judeus teem seus "panamás particulares" e não ousam desobedecer. Os políticos vivem a sôldo de Israel. Os segredos militares e navais estão ao seu dispôr. E um exército de milhões de franceses derramará seu sangue todas as vezes que as especulações internacionais judaicas acharem isso necessário.

A infiltração judaica na pobre França é contínua e formidável. Podemos examiná-la através das impudentes confissões dêsse livro revelador de segredos. Os judeus conseguem em França, aliás como no Brasil, sem a menor dificuldade, todos os direitos de cidadania. Cincoenta mil judeus polonos, russos e bessarábios, que mal sabem o francês, votam e são votados em Paris. Na página 7 da referida obra, se lê que êles estão armados e prontos para sair á rua na primeira ocasião, quando lhes fôr dada a ordem para a definitiva conquista da nação, onde o "hebreu se tornará a língua oficial".

Enquanto não chega êsse grande dia, os israelitas multimilionários vão comprando a nobreza. Cedamos a palavra a Blümchen, sôbre o assunto: "O príncipe de Bidache, duque de Grammont, aliado aos Ségur, Choiseul, Praslin, Montesquieu, Fezensac, Lesparre, Conegliano, etc., casou com uma Rotschild. O príncipe de Wagram e de Neufchatel (Berthier) casou com uma Rotschild. O duque de Rivoli (Massena) casou com uma Furtado-Heine que antes casara com o duque de Elchingen (Ney) e cuja filha casou com o príncipe Murat. O príncipe de Polignac-Chalençon casou com uma Mirés. Maria Alice Heine, antes de casar com o príncipe de Monaco, era mulher do

duque de Richelieu. A duquesa de Etampes é a judia Raminghen. A marquesa de Breteuil, a judia Fould. A viscondessa de la Panousse, a judia Heilbronn. A marquesa de Salignac-Fenelon, a judia Hertz. A marquesa de Plancy, a judia Oppenheim. A duquesa de Fitz James, da casa dos Stuarts, a judia Lovenheim! A marquesa de Las Marinas, a judia Jacob, fugida talvez do "Turcaret". A princesa Della Rocca, a judia Embden-Heins. A marquesa de Rochechouart-Mortemart, a judia Erad. A viscondessa de Quelén, a baronesa de Baye e a marquesa de Saint-Jean de Lentilhac, três irmãs judias Hermann-Oppenheim. A duquesa de Croix-Castriés, a judia Sena, que enviuvou e casou com o conde de Harcourt, entrando, assim, na casa de Harcourt de Beaumont de Guiche, de Puymaigre, de Haussonville... A marquesa de Taillis, a judia Cahen. A princesa de Lucinge-Faucigny, outra judia Cahen. A condessa de La Rochefoucault, a judia Rumbold. A marquesa de Presle não é, como acreditava o ingênuo Augier, uma pequena Porier, porém a judia Alkein. A marquesa de Grouchy, a viscondessa de Kerjegu e a condessa de Villiers, três irmãs judias Haber. A marquesa de Noailles, a judia Lackmann. A condessa de Aramon, a judia Stern..."

E o petulante Isaac ajunta, babando de gôzo: "A antiga nobreza compõe-se, agora, de nossos genros, netos, sobrinhos e primos todos judeus pela metade ou por um quarto de sangue". A decadência dessa fidalguia que se vendeu ao ouro de Israel justifica o nojo do autor da "Raça Superior": "Se há algum rebaixamento é do nosso lado, pois somos a primeira aristocracia do mundo".

Transcrevamos mais alguns trechos escolhidos do livro dêsse pretencioso judeu:

"Fizemos da Sorbona uma judiaria, da Universidade outra e das grandes escolas francesas outras. Na judiaria dos Altos Estudos Sociais, os jovens franceses das classes abonadas ou ricas, veem aprender a pensar, a viver a vida pública, modelar o pensamento pelo pensamento judaico, abolir seus instintos hereditários diante da vontade judaica, exercitar-se a desempenhar o papel de "zelosos servidores e criados perfeitos de Israel".

Entretanto, os nossos jovens judeus conservam a predominância sôbre êles. Quando o judeu Levy-Bruhl, presidindo os juris de filosofia, entrega os diplomas na Sorbona, chama em primeiro lugar os alunos: Abraham, Fligenheimer, Gintzberg, Israel, Lambrecht, Kaploum, Lipman, Guttmann e Spaier. Depois, é que chama os "indígenas".

Quando nossos sábios judeus tiverem ensinado francês aos "indígenas" da França, ensinar-lhes-ão hebreu e "yddish". "Porque os vencidos devem conhecer a língua do vencedor".

Pusemos á testa da Segurança Social, como chefe do Serviço das Declarações de Residência, Permissões de Estadia, Admissão a Domicílio e Naturalização, nosso patrício Grumbach, cuidadosamente escolhido pela Aliança Israelita. Por isso, impusemos ao Fôro e ao Tribunal do Sena um processo especial para os imigrantes judeus.

Sómente para os judeus, o Tribunal e o Fôro aceitam como prova bastante de identidade, suprindo a qualquer certidão civil, um ato de notoriedade passado por qualquer rabino e verificado por sete judeus. Dêste modo, os nossos irmãos tomam, ao chegar em França, os nomes que querem e que escondem seu passado, suas condenações e as razões pelas quais aqui se refugiam. O Fôro chegou ao ponto de dispensar os judeus — e só os judeus — de qualquer exigência legal sôbre os documentos que exibam. A assinatura dum rabino, que não precisa nem provar

que é rabino, é "um talismã diante do qual todos se inclinam".

As revelações dêsse livro são preciosas e sensacionais, para que privemos os leitores de mais algumas: "*O Partido Socialista pertence-nos, pois pagamos seus jornais, suas organizações e seus tribunos.*" O partido radical e o radical-socialista são nossos. Seu secretário geral é um Cahen. Seus membros solicitam e recebem recursos dos bancos Rotschild e Dreyfus.

O Comité Mascuraud, a mais rica e mais influente agência eleitoral da República, contém 80% de judeus: 5 Bernheim, 9 Bloch, 6 Blum, 9 Cohen, 4 Cahen, 10 Kahn, 7 Dreyfus, 5 Goldschmidt, 4 Hirsch, 29 Levy.

E' essencial para nós que "o anti-semitismo passe sempre como a peor expressão do fanatismo clerical". Os "indígenas" dêste país vivem de frases feitas e de lendas absurdas. Aproveitemos!"

Para terminar, alguns pedacinhos de ouro: "A aristocracia é um anexo de Israel. A alta burguesia, sua escrava."

"Quando Napoleão I instituiu a Legião de Honra, não pensou em nós. Na República, ela é nossa. Pode-se mesmo dizer que a fita vermelha e a roseta substituem o chapéu amarelo da idade-média. Por elas se reconhece o judeu nas ruas de Paris. Dir-se-ia que usam na botoeira o que cortaram na circuncisão..."

"Os franceses não são mais nem capazes de cometer um roubo que valha a pena. Furtam um pão, quando teem fome. Mas, para roubar os colares de pérolas, arrombar paredes e cofres de joalheiros, enganar os negociantes de joias, dar "golpes" de centenas de milhares até milhões, sómente nós judeus."

Basta.

Se êsse livro fôra escrito agora, dir-se-ia que era fruto

da campanha anti-semita que vai pelo mundo. Mas êle foi publicado pela primeira vez em 1914. Hoje, o domínio do judeu em França é muito maior, quasi total. O caso Stavisky é o índice notório.

Diante dessas revelações sensacionais, creio que toda a gente compreenderá que o chanceler Hitler tomasse algumas medidas contra a Raça Superior, afim de não acontecer á Alemanha o que aí se diz ter acontecido á França. Apesar de mais longe, o Brasil, onde os judeus estão entrando livremente aos milhares, deve pôr as barbas de môlho, enquanto é tempo...

Toma cuidado, brasileiro, para não te tornares "indígena"...

A ELITE INTEGRALISTA

Numa conferência realizada no edifício das Sociétés Savantes de Paris, em 1929, o sr. Mário Meunier dizia: "Se em uma nação civilizada a formação da juventude sómente consistisse em adquirir conhecimentos práticos para exercer um ofício e conseguir com êle um lugar ao sol, valeria mais a pena, ao invés de exigir muito dela, pô-la o mais depressa possível deante da bigorna, ensinando-lhe desde cêdo um ofício manual. Mas nem só de pão vive o homem. Toda a sua vida não se passa na oficina e os problemas que, mais dia menos dia, preoccuparão naturalmente sua alma serão de ordem bem diversa dos de qualquer profissão. Em verdade, um mundo de trabalhadores manuais não passaria dum mundo abastardado e truncado."

Estas sábias palavras devem estar sempre presentes ao espírito dos responsáveis pela campanha integralista, a qual sómente poderá chegar a seus fins e produzir os grandes resultados que dela esperamos pela criação duma elite espiritual.

Compô-la-ão os artistas do espírito nas suas múltiplas manifestações de ordem religiosa, moral, artística e mental. Terá como funções sagradas, em primeiro lugar,

intensificar e embelezar tanto pelo *bom* como pelo *belo* a vida espiritual da nação; em segundo, conduzir as almas á exaltação das virtudes básicas duma civilização, dando vida e expansão a cada alma individual para o magnífico desabrochar da alma coletiva da raça.

As civilizações são abóbadas erguidas pela mão do homem, cuja segurança repousa inteira num fêcho central. Êsse fêcho na nossa civilização cristã ocidental é o *espírito de sacrifício,* o dom silencioso de si próprio para o triunfo duma causa. A compreensão dêsse espírito vale por uma verdadeira espiritualização. Não é um perfeito Integralista quem ainda o não compreendeu perfeitamente. Eis por que a nossa doutrina não se cansa de afirmar que a nossa Revolução — a maior do Brasil — começa dentro de nós mesmos. E' imprescindível a revolução interior, afim de projetarmos a revolução exterior. E' imprescindível que nos reformemos para podermos reformar os outros. E' imprescindível que nos vençamos para vencermos!

A elite Integralista deve ser, forçosamente, composta de vigilantes dêsse fogo sagrado. Assumindo o espinhoso e glorioso papel de "consciência viva e ativa das aspirações duma raça" pouco importa que seja numerosa. Basta que seja intrépida e que se perpetue sem solução de continuidade. Pequena mesmo exprimirá uma quintessência, coordenando as tradições, guardando-as e mantendo a sua integridade na duração.

Educadora das almas Integralistas, terá de dar o exemplo das virtudes mestras que combaterão os nossos vícios e sómente assim nos salvarão. O combate será sem tréguas e a nossa elite não conhecerá descanso, não gozará ócios, não experimentará prazeres materiais. Sua "camisa-verde" é bem a mortalha de que tenho falado constantemente, é a

A ELITE INTEGRALISTA

Numa conferência realizada no edifício das Sociétés Savantes de Paris, em 1929, o sr. Mário Meunier dizia: "Se em uma nação civilizada a formação da juventude sómente consistisse em adquirir conhecimentos práticos para exercer um ofício e conseguir com êle um lugar ao sol, valeria mais a pena, ao invés de exigir muito dela, pô-la o mais depressa possível deante da bigorna, ensinando-lhe desde cêdo um ofício manual. Mas nem só de pão vive o homem. Toda a sua vida não se passa na oficina e os problemas que, mais dia menos dia, preoccuparão naturalmente sua alma serão de ordem bem diversa dos de qualquer profissão. Em verdade, um mundo de trabalhadores manuais não passaria dum mundo abastardado e truncado."

Estas sábias palavras devem estar sempre presentes ao espírito dos responsáveis pela campanha integralista, a qual sómente poderá chegar a seus fins e produzir os grandes resultados que dela esperamos pela criação duma elite espiritual.

Compô-la-ão os artistas do espírito nas suas múltiplas manifestações de ordem religiosa, moral, artística e mental. Terá como funções sagradas, em primeiro lugar,

intensificar e embelezar tanto pelo *bom* como pelo *belo* a vida espiritual da nação; em segundo, conduzir as almas á exaltação das virtudes básicas duma civilização, dando vida e expansão a cada alma individual para o magnífico desabrochar da alma coletiva da raça.

As civilizações são abóbadas erguidas pela mão do homem, cuja segurança repousa inteira num fêcho central. Êsse fêcho na nossa civilização cristã ocidental é o *espírito de sacrifício,* o dom silencioso de si próprio para o triunfo duma causa. A compreensão dêsse espírito vale por uma verdadeira espiritualização. Não é um perfeito Integralista quem ainda o não compreendeu perfeitamente. Eis por que a nossa doutrina não se cansa de afirmar que a nossa Revolução — a maior do Brasil — começa dentro de nós mesmos. E' imprescindível a revolução interior, afim de projetarmos a revolução exterior. E' imprescindível que nos reformemos para podermos reformar os outros. E' imprescindível que nos vençamos para vencermos!

A elite Integralista deve ser, forçosamente, composta de vigilantes dêsse fogo sagrado. Assumindo o espinhoso e glorioso papel de "consciência viva e ativa das aspirações duma raça" pouco importa que seja numerosa. Basta que seja intrépida e que se perpetue sem solução de continuidade. Pequena mesmo exprimirá uma quintessência, coordenando as tradições, guardando-as e mantendo a sua integridade na duração.

Educadora das almas Integralistas, terá de dar o exemplo das virtudes mestras que combaterão os nossos vícios e sómente assim nos salvarão. O combate será sem tréguas e a nossa elite não conhecerá descanso, não gozará ócios, não experimentará prazeres materiais. Sua "camisa-verde" é bem a mortalha de que tenho falado constantemente, é a

túnica de Nessus que abrasa e consome no seu fogo misterioso aquele que a veste!

Tremenda responsabilidade! Mas a história nos mostra outros homens que com ela têm arcado. Se outros homens foram capazes de tanto, porque não seremos nós tão capazes quanto êles? Na verdade, os grandes exemplos sómente amedrontam ou descoroçoam os medíocres. Aos que passam dessa triste medida, êles esporêam e entusiasmam.

A elite Integralista plasma-a á massa com a sua fôrça moral e a sua riqueza espiritual. "Eternamente passiva, escreveu Mário Meunier, a massa espera sempre homens aptos a dar-lhe o que não pode descobrir. Quer luz, porém não se entrega de todo senão áqueles que dela se apoderam pela lógica secreta de sua alma integral."

Como apoderar-se dessa alma?

Salvaguardando as tradições nacionais contra todos os niveladores conscientes ou inconscientes; conjurando todos os crimes de lesa-humanidade dos materialistas de qualquer estôfo, positivoides ou comunoides; propagando o sentido da vida positiva com um ardor de mocidade, uma alegria cristã, um entusiasmo nobre e o amor do bem e do belo: ensinando a prática da virtude e a coragem de viver dentro da moral.

Tudo isto é muito diferente do que prégam e prometem os partidos políticos e seus corifeus eleitorais. O povo brasileiro sente instintivamente isso e orienta-se para as nossas fileiras como o pombo correio a certa altura do vôo escolhe naturalmente a direção segura que o levará ao ninho.

Ninguém deterá mais o nosso movimento!

MOEDA FALSA!

A bem dizer, não há mais, no mundo, moeda que não seja falsa, ou de todo ou meio falsa. E quem falsifica a moeda? Um grupo de bandidos acocorados num compartimento infecto, em redor de um laboratório e de aparelhos de gravura rudimentares? Não. A moeda está sendo falsificada pela própria situação criada para o mundo pela finança judaica internacional.

Vejamos o mecanismo dessa falsificação, que qualquer financista de bôrra, da espécie daqueles que têm sido e vão sendo caixeiros de Rotschild na pasta da Fazenda ou dos que outrora pontificavam nas pretenciosas comissões de orçamento da Câmara e do Senado, imbuidos de preceitos fisiocráticos, amarrados á escola de Manchester, bastardos de Leroy-Beaulieu, jamais poderá compreender.

Do comêço do século passado para cá, isto é, logo depois que, pelas portas arrombadas pela Revolução Francesa, a onda avassaladora do individualismo racionalista se espalhou no mundo, todas as nações se embrenharam na floresta dos emprestimos externos. Os particulares acompanharam o exemplo dos governos. E foi uma verdadeira corrida, acelerada de ano a ano, ás *caixas mágicas* dos judeus da City, de Wall Street e de outros lugares em

que havia a mesma tocaia para os incautos. Emprestimos atrás de emprestimos, na generalidade mal dando para pagar os juros atrasados dos outros. De permeio, os "fundings", consolidações ou moratórias, muito elogiados pela imprensa escravizada ao ouro de Israel, os quais não passam da transformação dos juros em atraso em capital que vai render juros...

Depois da guerra, o aceleramento dêsses emprestimos tornou-se maior. Os juros subiram. Nós, por exemplo, chegamos a fazê-los a 8%!! Naturalmente, tinha de se dar uma ruptura de equilíbrio. Tudo degringolou e a humanidade se viu deante de uma crise económico-financeira sem precedentes na sua história. Crise terrível justamente por não ser a da falta de utilidades e riquezas, sim a falta de circulação de utilidades e riquezas. Superprodução! gritaram os pseudo-técnicos defensores dos interêsses ocultos. Como superprodução, se aqui se morre de fome, ali de frio e acolá o desemprêgo enche de desespêro as multidões operárias, e se se deita café ao mar no Brasil, se queimam rebanhos na Austrália, se incendeiam depósitos de trigo na Argentina e no Canadá, se os produtos mofam nas fábricas e os gêneros apodrecem nos depósitos?

Falta de circulação das utilidades e riquezas, falta de poder aquisitivo por parte das massas, falta, portanto, de equilíbrio na vida económica do mundo. E por que essa perturbação tão grave?

Em primeiro lugar, porque a moeda se tornou moeda falsa. Desde mais de um século que ela vem servindo num crescendo assustador para o pagamento de juros. Estude-se o orçamento médio dum indivíduo qualquer no dia de hoje e se verá que metade dêle paga juros, sob fórma de prestações, de consignações, de adiantamentos, etc. Estude-se o orçamento de qualquer nação e se verificará que, muitas vezes, dois terços são destinados ao serviço das dividas. No Brasil, por exemplo, mais de 80% das receitas-ouro se dedicam a êsse fim.

Servindo, assim, quasi que só para pagar juros, a moeda vai sendo entesourada nos cofres da alta finança internacional e sendo retirada da circulação. Daí os economistas de fancaria ou má fé dizerem: — "A crise é de confiança. Dinheiro há; mas, como não há confiança, êle fica nos bancos." Não, êle, com efeito, está nos bancos e não sai, porém, por outros motivos que não a falta de confiança e que não estudamos aqui por escaparem ao sentido dêste estudo.

Retirada a moeda da circulação, afim de pagar dívidas, o seu entesouramento naturalmente provoca a diminuição das trocas, isto é, da circulação de utilidades e riquezas. Em consequência, desequilibra-se a economia e as crises borbotam como solfataras de lama e sangue por todos os cantos do planeta.

Todo êsse pêso de juros constantes grava enormemente, para vários lados, o custo da vida, de sorte que a moeda que o indivíduo recebe em paga de seu salário ou dá em troca das mercadorias de que carece, sofre automaticamente uma diminuição constante relativa a êsses juros. Cada vez a moeda representa menos o trabalho prestado. Cada moeda passa a conter uma parte de ouro ou valor-real, uma parte de impostos e uma parte de juros. Dia a dia, essa terceira parte cresce assustadoramente e obriga a segunda a crescer também. E, assim, a percentagem ouro mingua diante das percentagens impostos e juros.

A carestia da vida é o resultado lógico dessa situação e sómente é possível combatê-la por uma política contrária: diminuição de juros e diminuição de impostos. Entretanto, que fazem todos os governos liberais e liberaloides? Con-

tinuam a aumentar os impostos e a fazer emprestimos, peorando a situação.

O mais curioso, nêste momento em que as dívidas nacionais atingem a números astronómicos (dezesseis milhões de contos, por exemplo, no Brasil!), é verificar que *as somas devidas em ouro não existem de verdade e sim sôbre o papel.* O quadro pintado num trabalho de Rovise exprime a verdade da situação: "O Estado — escreve êle — deve somas que não existem, porque sempre tomou emprestado *o mesmo dinheiro.* Êste sómente fazia passar pelos seus cofres e a cada passagem, entrada por um lado e saída pelo outro, os juros aumentavam. Não há contratos ou promessas que possam ser válidas deante disso. O Estado está na situação dum indivíduo a quem se tivesse emprestado a lua por meio duma escritura em regra e se exigisse a sua entrega."

Assim, a moeda que corre por toda a parte, despida de mais de dois terços de seu valor real pelo gravame dos impostos e dos juros das dívidas, é uma moeda falsa.

A essa miséria a economia individualista conduziu o mundo. Se não reagirmos, ela sacrificará, além de nós, os nossos filhos e os nossos netos. Êles não teem culpa das prodigalidades dos governos liberais e da usura dos banqueiros internacionais, que sugam todos os esforços dos nossos operários, cultivadores e industriais. Êles não devem ser sugados por essa moeda falsa com que hoje se paga o trabalho e que não é mais ouro, porque hoje não há mais ouro que cubra o total das dívidas. Para libertá-los do monstro que nos escravizou é que vestimos uma camisa-verde!

A DANSA Á BEIRA DO ABISMO

O mundo encontra-se atualmente em uma situação muito crítica, porque está sofrendo um duplo ataque das fôrças da matéria: o do materialismo capitalista, que tem sua mais alta expressão nos Estados Unidos, e o do materialismo comunista, cujo expoente é a Rússia Soviética.

Não se sabe se a Humanidade poderá resistir a êsse embate ou se o vencerá. Vencida, rolará nas trevas. Vencedora, verá surgir dos horizontes brumosos a luz duma nova aurora.

O progresso material mecanizou os cérebros, arrancou das almas a vida interior e sómente apontou aos homens a trilha do lucro incessante com seu cortejo de gozos materiais.

Apontando os perigos dessa encruzilhada em que se encontra a Humanidade, o ministro grego Politis pronunciou no seio da Liga das Nações, em 1930, estas palavras memoráveis: "A Europa chegou ao ponto de cruzamento dos caminhos de seu destino. Dum lado, se lhe oferece a estrada que, pela continuação da desordem atual, a levará logo á miséria, á ruina e, provavelmente, á guerra. Do outro, se apresenta a que, pela coordenação dos esforços, conduz á paz e á prosperidade."

Coordenação de esforços, portanto união nacional, eis o que prégam os fascismos e nacionais-socialismos por toda a parte. Coordenação, cooperação, soma, eis o que préga o Integralismo ao Brasil, excepção magnífica no meio do ladrar dos partidos que dividem a nação e sómente visam o voto para galgar posições.

E levemos por diante essa campanha magnífica, lutando contra tudo e contra todos, sobretudo contra o que Paul Le Cour resume nestas frases: "Reina nas esferas intelectuais dirigentes um ceticismo irônico que tende a paralisar qualquer iniciativa entusiasta e desinteressada, o entusiasmo por qualquer ideal."

E' a dansa á beira do abismo, de olhos vendados ou em sonambulismo que nós presenciamos. Governos e povos dansando a mesma farandula trágica, enquanto o judeu espera o despenhar no báratro para chamar todos os abutres e hienas á "curée".

Advertidos em tempo, tendo estudado o problema e sôbre êle longamente meditado, clamamos. A burguesia irrita-se: — Deixem-me dansar! Deixem-me rolar no despenhadeiro! Sei o que faço!... Seremos obrigados, para salvá-la contra a própria vontade, a meter-lhe o chicote... Não a queremos salvar pelos seus belos olhos, porque ela está podre, mas para que não arraste as partes ainda vivas da nação na sua quéda horripilante.

Mergulhando no fundo da alma nacional, naquilo que ela ainda tem de conservado e puro, nós estamos despertando as fôrças espirituais para a necessária reação. Essas fôrças sempre guiaram a Humanidade para seus fins superiores, ajudando-a a reprimir e resistir ás marés das doutrinas dissolventes ou céticas.

"Como a mulher do Barba Azul, a Inteligência Humana, escreve com muita propriedade Paul Le Cour, abriu uma depois da outra todas as portas que escondiam os segredos

terríveis e hoje está condenada a morrer. Presa no estreito âmbito dos sentidos materiais, eil-a chamando em seu socorro a irmã que desprezou, a intuição: — Mana, mana, não avistas nada? E a outra, do alto da tôrre de onde explora os horizontes, responde, enfim: — Avisto dois cavaleiros!"

Os cavaleiros, como no conto de fadas, chegarão a tempo de salvar a pobre vítima, pouco lhes importando que ela os compreenda ou não.

Continua, burguesia salafrária e indiferente ás angústias da pátria e do mundo, a tua dansa sonambulica á beira do abismo!

Na hora precisa, nós te acordaremos e tangeremos para onde deves ir, a chicote. E deves dar graças a Deus, porque os teus amigos comunistas, a quem concedes a liberdade democrática de propagar suas idéias dentro da constituição, êsses em lugar do relho te meterão balas no crânio...

Vai dansando e zombando enquanto é tempo!... Vai!...

A MORTE DOS REIS

Depois de terem sido caluniadas na história e desmoralizadas por vários meios, as monarquias cairam uma a uma no decorrer de pouco mais dum século. Arrancou-se primeiro a dos Luizes de França, cujas raizes mergulhavam na noite dos tempos e que inundaram de sangue a Europa toda. Depois, as outras vieram tombando a espaços, tornando-se efémeras, substituindo-se entre si, minadas por fôrças ocultas corrosivas, que as desprestigiavam, as diminuiam até vê-las no pó.

Em França, a Napoleão I sucederam dois Bourbons, um Orleans e um Bonaparte, até que se implantou a República. Por toda a parte se multiplicaram os atentados e revoluções contra os soberanos, dos quais alguns foram ficando pelo caminho: o imperador do Brasil, o rei de Portugal, o imperador da China, o sultão da Turquia.

A Grande Guerra ceifou quasi todas as casas reinantes. Vêde que magnífica colheita de coroas imperiais, reais ou ducais fizeram as fôrças secretas que decidem na sombra do destino dos povos iludidos: os três grande impérios — o Russo, o Alemão e o Austro-Hungaro; os reinos da Saxónia, do Wurtenberg e da Baviera, cuja dinastia, os Wittelbasch, datava de Carlos Magno; os duques de

Oldenburgo, Mecklemburgo, Shaumburgo, Hesse, Altenburgo, Baden, etc. Tudo virou República, ou soviética ou social-democrata. Os reinos da Polónia e da Boêmia reconstituiram-se, mas sob fórmas republicanas. O reino da Hungria, fiel ao seu dinasta, ficou sob as ordens dum regente. E, afinal, Afonso XIII desceu do trono.

Mas tudo isso ainda não foi bastante. O princípio monarquico contém em si uma fôrça de coesão nacional e de prestígio da autoridade nacional que estorva o desenvolvimento do plano de domínio do mundo pelas potências internacionais que se escondem no manto da alta finança e das sociedades secretas. E' imprescindível derrubar êsse princípio para melhor escravizar as nações que renegaram as suas dinastias nacionais e aceitam sob o palavreado vão de vãs "liberdades", a tirania de qualquer aventureiro político. E a luta contra êle prossegue, a começar pela propaganda cinematográfica em que só se fixam os aspectos torpes ou ridículos, na maioria das vezes inventados, da vida de imperantes que tiveram graves defeitos. Não se movimenta nos filmes a incomparável existência de São Luiz, rei de França; mas as torpezas de Enrique VIII. Da vida de Catarina II não se escolhe a grandeza política, porém a pequenez de seus vícios femininos. Da côrte de Versalhes não se mostra o esplendor solar do século de Luiz XIV, porém só a bambochata dos últimos dias de Luiz XV. Cristina da Suécia é vilmente caluniada. E assim por deante.

A luta para acabar com os reis continua cada vez mais terrível no terreno prático dos atentados terroristas. Os dois mais impressionantes ultimamente foram o contra o rei Alberto da Bélgica, misteriosíssimo, e o contra o rei Alexandre da Iugoslávia, ás claras.

— O rei Alberto, então, não foi vítima dum acidente e sim de um atentado? E' o que tudo leva a crer. Em 15

de março de 1934 o astrólogo francês Maurício Privat predisse essa morte trágica: Sua majestade seria vítima "dum atentado" e não "dum acidente"... O rei belga era, na Europa, francamente, o mais denodado adversário de qualquer emprêsa guerreira. O comandante em chefe do exército belga, tenente-general Nuyten, também se opunha a qualquer tentativa contra a paz európéa. Vítima de obscuras intrigas, teve de deixar o comando pouco antes da morte do rei. Os dois atos seguiram-se e combinaram-se de tal maneira que dão motivos para desconfianças.

O atentado de Marselha contra o rei sérvio revela o jôgo dos poderes escondidos e internacionais que vivem da inquietação constante do mundo e das intrigas entre as nações ou dentro das pátrias divididas. Essas fôrças secretas deixariam de ter prestígio e de arrebanhar milhões, se o mundo ficasse tranquilo, sem altas e baixas de produtos e títulos e câmbios para se ganharem milhões nas diferenças. Elas usam, portanto, de todos os meios, embora os mais cruéis ou infames, para impedir a paz e a confiança entre os povos.

Por uma "estranha coincidência", o atentado de Marselha também foi "predito" várias vezes. Um correspondente em Praga, do "La Stampa", de Turim, enviou-lhe uma informação das mais curiosas. Segundo suas palavras, um mês antes do crime, o jornal checo "Die Psyche", órgão de ciências ocultas, publicado sob a direção do ocultista hebreu K. Weinfrorter, estampara á página 145 do número de setembro, uma profecia concernente ao que se devia passar, nêstes termos: "Podemos afirmar com toda a segurança que o dia 9 de outubro próximo será um dia de terrível fatalidade para uma alta personalidade européa.

No número 215, de 18 de outubro do corrente ano, o jornal "Der Filter", que se publica em Paderbom, relata que, no comêço de 1934, os astrólogos Maurício Privat e

outro de nome judeu, haviam publicado no seu Almanaque Astrológico a seguinte profecia: "Na segunda metade do ano, a França perderá um de seus mais eminentes estadistas em circunstâncias muito trágicas."

Ora, é muito "curioso", na verdade, que êsses astrólogos e profetas, judeus ou judaizantes como os da Idade-Média, andem "adivinhando" tanta cousa. E' mais humano acreditar que tenham "desconfianças" do que vai acontecer...

A agência romana "Oriente" distribuiu uma informação dizendo: "No nosso boletim de 28 de março de 1934, anunciámos que a loja "Grenoble" decidira acabar com as dinastias balcânicas, porque elas são um vestígio reacionário do passado. Ninguém fez caso do nosso aviso. Depois do atentado de que foi vítima o rei Alexandre, em Marselha, a polícia francesa tem a obrigação de abrir uma devassa sôbre as relações entre aquele crime e a loja "Grenoble"..."

Houve, depois, um atentado em caminho de ferro, frustrado, contra o rei da Bulgária e um golpe comunista nêsse país. O rei Carol da Rumânia anda com as barbas de môlho, embora não as possua... Depois dos Balcans, será a vez dos monarcas escandinavos: da Dinamarca, da Suécia e da Noruega. Sobrarão a Holanda e a Inglaterra. Na primeira, a agitação comunista na metrópole e nas colónias é endêmica. Durante semanas, em Amsterdam e Rotterdam, se combateu nas ruas; nas Índias Orientais até navios de guerra reproduziram a aventura do "Potenkine". Quanto á Inglaterra, veremos... E, na Itália, a permanência do rei depende da maior ou menor infiltração de "certos elementos" no miolo do Fascismo, que está sendo muito elogiado pelos jornais e agências do mundo, sinal de que os não está contrariando muito...

E' triste o balanço das monarquias á face do planeta.

E' que elas, como os seus infelizes, enganados e explorados povos, não seguiram aquele profundo conselho do israelita D'Israeli, conde de Beaconsfield, pronunciado a 20 de setembro de 1876, no discurso de Aylesbury: "Os estadistas do nosso século não devem sómente se ocupar com os governos, os imperadores, os reis e os ministros; mas também com as sociedades secretas, elementos com os quais é necessário contar, porque, afinal de contas, elas podem desarranjar todos os planos políticos. Elas têm agentes por toda a parte e agentes sem escrúpulos que excitam ao crime. Elas podem mesmo provocar um banho de sangue, se o acharem útil para a consecução de seus fins."

D'Israeli é uma alta autoridade no assunto pela sua raça, pela sua grande posição, pelo seu talento, pela sua experiência na política e governação do Império Britânico. O mundo tem sentido o efeito de vários dêsses banhos de sangue. Nalguns dêles têm morrido os reis. Mas Deus vela pelo destino dos povos e a hora do castigo soará! Quem com ferro fere com ferro será ferido!...

CIRCULO VICIOSO

A gréve nos Correios e Telégrafos trouxe mais uma vez á baila o sempre debatido caso do aumento de vencimentos aos militares e aos funcionários desta abençoada República, cuja putrefação assombra.

De cinco em cinco anos pelo menos se faz barulho para aumentar salários, ordenados e soldadas dos servidores da nação. Seguindo o rumo de seus eternos maquiavelismos, os homens do govêrno republicano em geral concedem as ambicionadas percentagens de melhor vontade ao militar do que ao civil. A êste custa mais a obtenção da mamata "et pour cause". Mesmo quando lha dão, é em prestações. Primeiro, fazem o aumento provisório; depois, o incorporam aos vencimentos.

Dois exemplos flagrantíssimos do sistema que aqui expomos por amor á verdade foram, na história da República Velha, a lei Pires Ferreira e a Tabela Lira.

Mal se passam alguns anos de concedido o aumento, voltam militares e civis a reclamar outro, ora em bloco, ora separados, ora por partes. Hoje, são os sargentos que não podem viver com o que se lhes paga. Amanhã, são os jornaleiros da Central que acham insuficiente o que recebem. Depois, é a Polícia Civil que não está contente.

Mal se cala a voz de protesto dos oficiais do Exército contra seu mísero ganha-pão, ecôa o grito dos funcionários contra a desigualdade de vencimentos no seu seio ou explode o protesto dos contínuos e serventes adstritos a salários de fome.

E' um verdadeiro rochedo de Sisifo (perdôem o clichê) que os governos levam a vida a escorar com madeira bichada... E há de ser sempre assim para desgraça de todos, civis, militares e governos, enquanto o Estado não tiver fôrça bastante para encarar o problema com energia e resolvê-lo com coragem.

O aumento de vencimentos ao funcionalismo armado ou desarmado é um verdadeiro "engano d'alma lêdo e cégo que a fortuna não deixa durar muito". Atrás dessa miragem, a pobre gente de espada ou fundo de couro corre ávida dia e noite, sem cessar. Porque, mal recebe tabela nova, vê com espanto diante de sua tabela nova a tabela nova dos gêneros e dos aluguéis. Subiu o estipêndio e subiu com êle o custo das utilidades. O dinheiro que parecia chegar, não chega mais. E tem de se gritar de novo por outro aumento!...

Círculo vicioso de que a liberal-democracia e seus sucedâneos ditatoriais ou semi-constitucionais não conseguirão sair!...

O problema tem de ser olhado de outro modo e resolvido de outro modo. Em primeiro lugar, o justo é uma revisão do quadro geral dos vencimentos de todos os funcionários da União. Não pode continuar a anarquia em matéria de ordenados que lavra em todos os ministérios. Os empregados da Câmara, do Senado e do Supremo Tribunal teem pingues quocientes, porque seu estipêndio é marcado por êsses poderes harmónicos e independentes... Desta sorte, o porteiro do Monroe ganha mais do que muito chefe de repartição e muito comandante de fôrças de terra ou mar.

Os diretores, chefes de seção e oficiais das Secretarias de Estado, aproveitando sua proximidade do ministro, teem conseguido vencimentos muito maiores que seus colegas de graduação nas repartições do mesmo ministério. Em cada pasta, o critério de pagamento a funcionários é um. Há ministérios de ricos como o da Fazenda e ministérios de pobres como o da Educação. Em uns, todos os diretores teem automóvel; em outros, nem carrinho de mão. Há empregados superiores e subalternos que moram em casas do govêrno e recebem a mesma paga que outros sem essa vantagem. E assim por deante, pois, se quisessemos estudar caso a caso essas anomalias, dez edições da *Ofensiva* não chegariam.

Urge, portanto, de entrada, o reajustamento dos quadros e vencimentos, estabelecendo-se por um critério de inteira justiça as equivalências e equiparações, cortando-se de preferência em cima para aumentar em baixo. E' profundamente injusto que certos diretores de serviço ganhem quatro contos e mais por mês, enquanto um servente mal passa de 250$000 e um guarda civil que ronda ao sol e á chuva, arriscando a vida, receba mais ou menos isso. Há necessidade tão imprescindível de aumentar o ganho dos funcionários inferiores como de diminuir o ganho exorbitante, devido a favores e proteções, de certos funcionários de categoria superior.

A segunda medida deveria ser tomada contra a usura que afoga o funcionalismo público, ao qual o Instituto de Previdência não pode atender como era de desejar; a usura dos judeus que estacionam no átrio do Tesouro, frequentam as repartições e emprestam a 200 por cento por meio de bilhetinhos; a usura de certas caixas fundadas em alguns ministérios sob o nome de Sociedades, verdadeiras arapucas e sangue-sugas.

Organize o próprio govêrno o serviço geral de adeanta-

mentos e emprestimos ao funcionalismo, sem lucro, com um juro módico que seja sómente bastante para custear as despesas com o referido serviço e terá prestado grande favor á nação, dando aos seus empregados, sem gravar o orçamento, vantagem equivalente a um verdadeiro aumento.

Aumentar vencimentos como já expusemos no comêço, é adiar a solução da questão. O custo da vida se elevará, porque para pagar os acréscimos se levantarão novos tributos. Nêsse círculo vicioso, o dinheiro se desvaloriza e é êsse o único resultado, pois que a situação continuará idêntica. Portanto, em terceiro lugar, ao invés de cuidar de aumentos, deve o govêrno procurar baratear a vida, fornecendo aos seus servidores meios de viverem com mais confôrto e mais barato.

Se isso é o ovo de Colombo, como é que o Estado Liberal ainda não lhe quebrou a ponta? Porque o Estado Liberal não tem fôrça, não governa, é governado pelos interêsses pessoais ou pelos interêsses de facções, corrilhos e grupos. Êstes se opõem a um intervencionismo estatal no comércio de gêneros de primeira necessidade, no comércio do dinheiro e no comércio do favoritismo.

Com o que o govêrno poderá despender num ano de aumento de vencimentos aos funcionários dos Correios, por exemplo, se construiriam por todo o país casas de vários tipos para os referidos funcionários. Questão só de ordem, organização e honestidade. Essas casas poderiam ser dadas aos empregados para moradia, mediante um aluguel suficiente para amortizar o capital em dado período. O govêrno protegeria assim, "solidamente", a família do seu servidor, faria uma despesa única e não constante, enriqueceria o patrimônio de construções do país, etc.

Medidas dessa natureza muitas há que podem ser tomadas e que, em lugar de agravar, diminuirão o custo da vida, melhorando a situação dos que trabalham para o Estado,

sem grande onus para êste e acabando o círculo vicioso dentro do qual governos e funcionários teem vivido, uns iludidos e outros de má fé...

Naturalmente, quando se examinam desta sorte as componentes do problema e se encara a sua solução por êste prisma, logo se verifica que a greve e outras agitações que ponham em cheque ora o prestígio dos governos, ora o prestígio dos funcionários públicos civis ou militares, sómente podem aproveitar aos pescadores de águas turvas... Aos funcionários e aos governos não aproveitarão.

O que é preciso é criar nova ordem de cousas, nova justiça social, nova concepção dos problemas nacionais, nova maneira de resolvê-los, não para gáudio dêstes ou daqueles, mas para o bem geral da Nação. E isso não se consegue com greves por mais legítimas que elas sejam, sim com a Revolução Integralista.

O VERDADEIRO COMUNISMO

O comunismo marxista não passa hoje de simples doutrina de exportação, propagada por alguns judeus em vários países com o fito de levá-los á ruina e á desordem, como se vê em Cuba. Enquanto isso, os especuladores vão ganhando nas altas e baixas das bolsas e da produção, sem a menor piedade para com os cristãos espoliados, até o dia em que se estabeleça a famosa "ditadura do proletariado", por trás da qual o capitalismo judaico, tornado capitalismo de Estado, exercerá o poder.

Judaismo capitalista e comunismo, embora pareça isso um paradoxo, são dois sócios na mesma emprêsa de destruição das pátrias. São tão aparentados pelos interêsses que a propaganda doutrinária é feita á socapa e mesmo abertamente por elementos israelitas.

Naturalmente, sendo o comunismo um processo de desagregação e dissolução dos povos, está visto que não pode servir para o seu progresso e felicidade. Desde que chega ao poder, tira a máscara, larga as roupagens dos "impossíveis" com que se disfarçou para enganar as pobres massas exploradas e revela-se o que é: simples capitalismo de Estado, proletarizador das nações, destruidor das famílias, escravizador dos indivíduos a quem arranca todas as

crenças e virtues. E adeus, com o pretêsto das "Neps" e outros recuos, todas as teorias falsas do marxismo!...

O govêrno judaico-soviético segue um rumo e a doutrina outro. O desta é infiltrar-se no seio de outros povos, conquistá-los e lançá-los ao assalto de suas próprias pátrias que desaparecerão no sonhado internacionalismo de Israel. Essas afirmações poderiam ser contestadas, se as não pudessemos provar com documentos inconfundíveis na mão, para mostrar a verdade ao operário brasileiro enganado pelo canto de certas sereias.

Temos em mão a revista ilustrada oficial russa, em inglês, destinada á propaganda exterior, "Moscow News", de Moscovo, Petrovski Pereulok n. 8. No n. 46 de 15 de novembro de 1934, á página 10, "in fine", se encontra o seguinte anúncio:

EMPRÉSTIMO INTERNO DO ESTADO DA U. R. S. S. SEGUNDO PLANO QUINQUENAL.

Emissão de sete por cento

O valor nominal dos títulos será acrescido dos juros na data do pagamento do último "coupon", data em que será creditado no Banco do Estado da U. R. S. S. o pagamento correspondente aos bonus.

*

Os juros serão de 7% ao ano, pagáveis por "coupons" vencidos a 1.° de janeiro, 1.° de abril, 1.° de julho e 1.° de outubro.

*

Os valores nominais serão de 10, 25, 100, 500 e 1000 rublos.

*

Os valores correntes do empréstimo serão em rublos. Todas as transações efetuadas em moeda estrangeira sê-lo-ão na base da paridade do rublo na data do pagamento.

*

O prazo do empréstimo será de 1.° de outubro de 1933 a 1.° de outubro de 1934.

*

O empréstimo será amortizado anualmente por um quinto da emissão, a contar de 1.° de outubro de 1939.

*

No mercado de títulos o Banco do Estado da U. R. S. S. resgatará os bonus antes de seu termo pelo valor nominal acrescido dos juros.

*

Todo o serviço de compra, venda, juros, etc., será efetuado pelo Banco do Estado da U. R. S. S.

Os títulos do empréstimo interno da União Soviética são rendosos, estáveis e seguros.

Dirigí-vos ao Banco do Estado da U. R. S. S., Neglinaya 12, Moscovo.

*

Haverá necessidade de comentários?

Que diferença há, ó trabalhador brasileiro, entre o Estado Soviético e Rotschild? Que fim levou toda a patacoada do "Capital" e quejandos? O Banco do Estado, biombo do judeu, com juros, prazos e amortizações, vai mandando e desmandando na pobre Rússia á sombra do Exército Vermelho. O' brasileiro, tu que conheces os juros, os prazos e as amortizações de Rotschild, quererás

ser escravo dos "empréstimos internos" depois de haveres sido escravo, durante um século, dos "empréstimos externos"? Escravo do judaismo capitalista internacional, quererás aumentar a dose, escravizando-te, ao judaismo interno?

Abre os olhos enquanto é tempo!

A CÊRCA DE ARAME FARPADO

No seu preâmbulo, a lei concebida pelo sr. Vicente Rao e amadrinhada pelo sr. Raul Fernandes, sob a potente inspiração do consórcio judaico que suga o Brasil, reconhece que as instituições não são imutáveis e que o povo tem o direito inconteste de reformá-las ou de substituí-las por outras. Dêsse instrumento talmúdico e torpe é a única cousa que se salva, essa declaração. E ela contraria e condena, se não propriamente o texto da lei, pelo menos o espírito torvo e covarde que a ditou.

Na verdade, hoje que, por todas as pátrias, as massas se agitam ao empuxe das fôrças econômicas e sociais desencadeadas, os homens, ainda os menos inteligentes e menos cultos, sabem que é materialmente impossível manter as fórmas sociais que não correspondam mais ás necessidades daquelas massas. Ora, examinemos agora se as fórmas atuais do Estado Brasileiro correspondem ainda ás necessidades do povo brasileiro. Acha-se êste onerado de contribuições, ameaçado de todos os lados de onus novos, coberto de taxações diretas e indiretas, federais, estaduais e municipais. Seus produtos principais — borracha, cacau, café, açucar, algodão, em crise. Sua balança comercial, desequilibrada. Seu câmbio, pela hora da morte. Os crédi-

tos estrangeiros, congelados nos bancos. Os juros da imensa dívida externa, acumulados. E falta de circulação de dinheiro e de utilidades. As paredes de operários sucedem-se diariamente. Frémitos ameaçadores perpassam em todos os membros do corpo social. Agitam-se as classes em luta. Todos os problemas desafiam soluções urgentes e seguras.

Pois bem, deante disso que se vê?

Interventores que viajam de avião e preparam suas eleições a governadores; ministros de Estado que vão suplicar misericórdia ao credor internacional; militares que exigem aumento de soldos; generais que declaram de público morto ou agonizante o regime; ministros do Supremo Tribunal que o consideram falhado; comunistas que prégam a destruição da pátria e da família na praça pública e na cátedra; conspiradores que se embuçam em mistérios ridículos; próceres que são apeados das posições e recebem o presente dum passeio á Europa; desorganização, deshonestidades, cinismo. A nação, arfando, agoniada, moribunda. Ninguém com coragem de enfrentar um único de seus problemas. Velhas múmias da passada República saindo do sepulcro e pondo carmim nas faces para presidir assembléas ou liderar maiorias, a desafiar com seus ademanes de vampiros e suas melifluidades de além túmulo a imaginação dos creadores de Golens, de Frankensteins, de Homúnculus e de Dráculas... E, enquanto isso, o Chefe do Estado, com um eterno sorriso nos lábios, descansa nas estâncias do pampa, anuncia um repouso em uma estação de águas, um veraneio alegre em Petrópolis e uma visita pomposa ao presidente da República Argentina...

A nação que sofre e espera, a nação dos humildes e dos sonhadores, a nação do operário e do estudante, do homem do povo e do intelectual sabe que êsse quadro de administradores e de políticos, que só pensam em gozar e permanecer nos postos, não ouvirá seus anseios, não se comoverá com seus pedidos, não se inquietará com suas reclamações, e ela começa a rosnar e a estremecer como o oceano que sente as primeiras crispações do temporal.

O sentido do povo brasileiro diverge fundamentalmente do sentido daqueles que o governam. Já os intelectuais sentiram que a angústia infinita dos explorados se traduz num movimento que ninguém poderá conter. Êles falaram, doutrinaram, escreveram livros, esclareceram os espíritos, plasmaram as fôrças descomedidas da reação, preparando os diques por onde elas terão de correr até inundarem o país. Já se nota nas massas brasileiras uma vontade coerente voltada para o mesmo ideal, do mesmo modo que os corpos vestem a mesma camisa, os braços se erguem na mesma saudação e os lábios pronunciam o mesmo grito de incitamento e de guerra! A consciência dum ideal comum une por fios invisíveis milhões e milhões de brasileiros, desde os pântanos da Amazônia aos pampas do Sul, desde as praias do oceano até os araxás dos sertões longínquos. O Brasil acorda e dá os primeiros passos. Êle quer libertar-se das algemas que o prendem ao banqueirismo judaico internacional através de governos e assembléas enfeudados a êsses banqueiros. Sua vontade soberana vai fazer-se ouvir, mudando as instituições a cuja sombra medram sómente os cogumelos da politiqueira.

Revolução magnífica e formidável, realizada pela palavra escrita e falada na alma de uma nação! A maior revolução da história do Brasil! As outras mudaram regimes, desviaram de seus rumos fôrças políticas ou fôrças sociais. Nenhuma desviou o rumo das fôrças culturais e económicas. A revolução integralista já é a maior do Brasil, porque creou já uma nova consciência económica que modificará completamente em futuro pró-

ximo toda a estruturação económica do país. Só ainda não compreendeu isso quem não penetrou no âmago da nossa doutrina.

Essa revolução económica está virtualmente feita no pensamento dos integralistas, sem que êles precisem para isso de renunciar a seu Deus, de negar sua Pátria ou de destruir sua Família. Porque — para o integralista — de acôrdo com a lição de Lucien Romier, "a idéa de nação é inseparável da idéa do território e da tradição"; porque, na nossa revolução, temos dois elementos: um de permanência e outro de adaptação, o primeiro enraizando-nos na alma do passado, o segundo impulsionando-nos para o futuro; porque não queremos mudar governantes nem abiscoitar posições de mando, porém lançar os efeitos políticos, culturais, económicos e sociais da nossa doutrina na continuidade da vida brasileira.

Para chegarmos a isso, é necessário organizar o país de modo diverso do que êle está hoje. As instituições e os homens de agora são o biombo que esconde a imensa coligação de interêsses judaicos que nos exploram. Declaramo-nos contra essa coligação e contra o seu biombo. Queremos arrancá-lo de onde está sob o impulso da massa de sofredores e patriotas devidamente esclarecidos pela nossa doutrina, dentro da ordem, sem recorrer á anarquia ou á conjura, sem destruir a nação, mas reconstruindo a nação. Usamos, como brasileiros, dum direito que nos reconhece o preâmbulo da lei Rothschild-Rao: o de reformar ou mudar as instituições, quando não correspondem mais ás necessidades nacionais.

Faremos isso mais hoje, mais amanhã, com lei Rotschild-Rao ou sem ela. Se a idéa integralista pudesse ser morta por uma lei talmúdica e gelatinosa, assoprada pelos judeus de Londres e Wall Street a um ministro da Justiça que amanhã não será mais cousa alguma; levada a plenário por

um lider que, após trinta anos de política e diplomacia, não escreveu um livro, não produziu um discurso digno de nota e não teve um pensamento filosófico ou mesmo literário que possa passar ás gerações de amanhã; assinada por cento e poucos deputados que prorrogaram ilegalmente seu mandato e votaram indecentemente aumento de subsídios; discutida e votada sob o olhar frio dum velho politiqueiro célebre não pelos seus serviços á nação ou pelo seu talento, mas pela sua habilidade em despistar e manter-se no poleiro; se a idéa integralista pudesse perecer sob as ameaças de tal lei e de tal gente é que ela nada valia. Mas ela incendiou a alma de centenas de milhares de brasileiros, em sua defesa forma uma mocidade culta e decidida, os livros dos seus doutrinadores enchem as montras dos livreiros, a palavra do seu Chefe ecôa de Norte a Sul, de Léste a Oéste do Brasil.

A lei Rotschild-Rao é uma cêrca de arame farpado e as cêrcas de arame farpado nunca puderam deter os arrancos do mar...

INTEGRALISMO BRASILEIRO

No mês de outubro de 1930, Plínio Salgado, romancista, jornalista e ex-deputado, publicou em São Paulo um manifesto convidando todos os brasileiros de boa vontade e especialmente a mocidade para lutar pela construção de um novo Brasil.

O país havia sofrido sucessivas revoluções, culminando a daquele ano, em que alguns Estados sublevados depuseram o presidente da República colocando em seu lugar um ditador. Veiu, depois, a de 1932, em que o Estado de São Paulo, sózinho, se bateu por uma nova Constituição. No fundo dêsses movimentos só havia politicagem. Esta última derramava nas trincheiras o sangue da mocidade, afim de assaltar, como as demais, sem pudor, as altas posições políticas e administrativas.

O povo brasileiro, empobrecido e desconfiado, andava em busca de um ideal. Recebeu a idéa de Plínio Salgado com certa frieza, mas alguns homens de ação e alguns moços a consideraram como salvação da pátria ameaçada pela anarquia.

Prégou-se o novo evangelho político-social com o nome de Integralismo e com o símbolo do "Sigma", sinal do cálculo integral, letra que outrora servia de senha aos cristãos gregos, porque o nome do Salvador — "Sóteros" — começa e acaba por um "sigma". Em pouco tempo, os

primeiros rapazes de camisa-verde passaram pelas ruas afrontando a excitação dos olhares curiosos. Ao princípio, liberais e comunistas zombaram; depois, fizeram as campanhas do ridículo e do silêncio. O movimento crescia lentamente. Sentiram isso e atacaram-no de todos os modos. Era tarde. Duzentos mil camisas-verdes obedeciam já ao mesmo chefe, seguiam a mesma doutrina e começavam a repelir, de armas em punho, os ataques dos comunistas.

A Ação Integralista Brasileira (A. I. B.) combate os partidos, não reconhece classes, e quer a Nação unida, o Estado identificado com a Nação, o Estado Nacional, o Estado Forte, o Estado Heroico. O govêrno não deve mais ser eleito pelos partidos que dividem a Nação, mas pela Nação Totalitária através das corporações, das organizações técnicas, culturais, etc..

Êle realizará a unidade integral do Brasil com a maior centralização política e a maior descentralização administrativa, na base da autonomia municipal. Controlará a economia nacional de modo a impedir o intermediário de sugar as fôrças da produção, o trabalho de ficar reduzido pela lei da oferta e procura ao papel de mercadoria, a especulação de abafar consumidores e produtores, a soberania económica nacional de cair ás mãos do judaismo internacional. Nacionalizará as minas, as estradas de ferro, a navegação, as quédas de água, as emprêsas de eletricidade e o banco. Terá o monopólio dos produtos que servem de base á alimentação pública. Considerará a propriedade como um direito que obriga a certos deveres para com a sociedade, espécie de "munus publicum"; respeitá-la-á dentro dos limites marcados pelo bem estar da comunidade. Manterá a integridade da família, dando-lhe bases económicas sólidas que lhe permitam um papel moral educativo. Suprimirá todos os impostos indiretos, todas

as taxas que pesam sôbre a vida, de modo a acabar com o horrível sistema tributário em que o homem é obrigado a pagar tributo para nascer, trabalhar e morrer. Imporá uma justiça rápida e barata com uma magistratura especial para resolver as questões entre o capital e o trabalho; ensino gratuito nos dois primeiros graus; cursos de alta cultura; educação moral e colaboração entre a Família e o Estado para a formação espiritual da mocidade.

O Estado Integral, considerando as crenças e religiões do povo brasileiro, realizará acôrdos com as autoridades eclesiásticas no sentido de encontrar a linha exata de colaboração da religião para a grandeza nacional dentro do ideal cristão. Respeitará todas as crenças, mas combaterá por todos os modos tanto o materialismo burguês capitalista quanto o materialismo judaico comunista.

O Estado Integral exercerá a censura sôbre o cinema, o teatro, a imprensa, o rádio, todos os meios de propaganda. Auxiliará as artes e os artistas nacionais. Seu Exército e sua Marinha serão olhados como os nobres defensores da soberania externa da Nação e, para estarem á altura de sua nobre investidura, dotados de toda a eficiência. A Milícia Nacional dos Camisas-Verdes será sómente a guarda da soberania interna.

O Integralismo exige disciplina, respeito á hierarquia, obediência á autoridade, um Brasil unido para os brasileiros, um só hino nacional, uma só bandeira, uma concepção homogênea de pátria, de justiça e de liberdade. Restaurará as velhas tradições nacionais de honra, vida pura e simples, coragem, sacrificio e fé. Transformará os Estados rivais em Províncias amigas e construirá o glorioso monumento de oito milhões de quilómetros quadrados e quarenta e cinco milhões de habitantes — "cor unum et anima una" — que será a República Imperial do Brasil.

O ELEFANTE E O BEIJA-FLOR...

Depois da revolução de 1848, Lamartine escreveu que a França era um "deserto de homens e de idéas". Depois da revolução de 1930, o sr. Osvaldo Aranha disse a mesma cousa do Brasil. Ambas as revoluções, assopradas dos conluios secretos que dividem e perturbam o mundo para reinar sôbre êle, não traziam o ímpeto poderoso dos grandes ideais. Visavam mudar governos ou a fachada das instituições, visavam substituir homens e não transformar almas. Faltava-lhes, pois, em profundidade o que lhes sobrava em superfície.

No deserto brasileiro, porém, sob a chuva das lágrimas dos espoliados e do sangue da heroica mocidade sacrificada nas trincheiras de 1932, vingou a semente duma idéa nova e homens novos surgiram, vestindo uma camisa côr da esperança. A voz do Integralismo ecoou por todos os quadrantes da pátria. A pátria despertou e deu os seus primeiros passos. As idéas fecundaram o deserto, voando dos lábios dos oradores ou das páginas dos livros integralistas: renúncia, sacrifício, heroismo, estado corporativo, economia dirigida, Brasil-integral, família, pátria e Deus.

Os políticos e estadistas liberais, individualistas, confusionistas e simuladores, zombaram do Integralismo pri-

meiro, depois inventaram leis de segurança e arrôcho, enfim vão se preparando para aderir oportunamente. Entretanto, sem querer e sem pensar, trombetêam a vitória do Integralismo, deixando-se infiltrar pelas idéas integralistas, recorrendo á doutrina integralista. Aliás, se não fizerem isso, morrerão á míngua de idéas. Próprias, não possuem, nunca possuiram. No panorama do mundo presente, ou agarram as do Integralismo ou as do comunismo. Não hâ outra escolha. E é por isso que certas múmias liberaloides morrerão de fome como o famoso asno filósofo de Buridan, indeciso entre a cevada e a aveia...

Antes de vencer praticamente, isto é, de assumir a direção dos destinos nacionais, o Integralismo já venceu no terreno das idéas, impondo seus pontos de vista aos responsáveis atuais pela política e pelo govêrno.

Exemplifiquemos:

O sr. Armando Sales de Oliveira, interventor em São Paulo, excursionando pelo interior daquela província em campanha eleitoral, fez tantos discursos inspirados diretamente nos livros integralistas que vários jornais da Paulicéa reclamaram. Pilhou as idéas de Miguel Reale e transcreveu sem aspas, períodos inteiros do "Integralismo de Norte a Sul"... O próprio sr. Vicente Rao, no preâmbulo da lei de segurança que lhe ditou por trás da porta o amo Rotschild, afundou-se no Integralismo, reconhecendo aquilo que prégamos desde que aparecemos: a necessidade de mudar as fórmas de govêrno em presença das novas circunstâncias e condições no tempo e no espaço.

Poderiamos enumerar muitos outros exemplos, tão significativos quanto êstes dois, dêsse aproveitamento de nossas palavras e teorias. Para não fatigar o leitor, porém, citaremos unicamente o último ocorrido.

Há dias, o sr. Macedo Soares, ministro das Relações

Exteriores e célebre autor do inesquecível telegrama ao almirante Protógenes, em que diz textualmente que "a parca condenou os nossos navios de guerra", reuniu no Itamaratí os jornalistas cariocas, afim de falar-lhes sôbre o tratado de comércio negociado com os Estados Unidos pelo sr. Osvaldo Aranha. Deitou-lhes falação a respeito da "economia dirigida" e declarou que, por ora, o govêrno vai ficando na "economia vigiada", primeiro passo para chegar áquela.

Registemos o fato sem entrar em minúcias nem explicar ao nobre ministro que economia dirigida não é cousa a que possa chegar um govêrno qualquer, quando bem lhe pareça, mas um resultado que depende dum complexo social e orgânico, uma situação que sómente pode decorrer duma organização integral do Estado. Fora daí será um êrro de graves consequências para o Estado Liberal que se vai meter em funduras sem lastro doutrinário para tanto.. Registemos o fato como registámos o da lei Rotschild-Rao e o dos discursinhos dêsse mocinho bem educado que é o interventor paulista e civil; mas contemos a propósito a história do elefante e do beija-flor.

O elefante, numa linda manhã de primavera, ficara estarrecido diante de mimoso colibrí que fazia mirabolantes cabriolas no ar, sugando o mel das corolas desabrochadas. Um suspiro profundo dilatou a arca do seu vasto peito:

— Ah! se eu também pudesse voar...

A voz do beija-flor respondeu-lhe piedosamente:

— Compadre elefante, é tão fácil!

— Fácil?... Como?...

— Ora!... Não tem você essas vastas orelhas que parecem asas?... Ponha-lhes resina ou cola, encha-as de penas e, depois, vôe...

E acrescentou, em latim:

— "Macté, animo!"

O elefante não teve dúvidas em seguir o conselho do beija-flor. Untou de cola os largos pavilhões auriculares e cobriu-os com quantas penas deixadas pelas aves na muda achou nos ninhos da floresta. E, batendo os orelhões emplumados, saiu a trote ligeiro pela estrada, convencidíssimo de que voava.

A certa altura, estava um macaco trepado numa enrediça. Vendo aquela cêna, bradou, escarninho:

— O' elefante bestalhão, pensarás mesmo que estás voando?!

E o proboscideo replicou-lhe com ênfase:

— Elefante, não; dobre a língua!... Beija-flor, e dos grandes!...

No lamartineano deserto de homens e idéias dá República Nova, enxameam os elefantes convencidos de que enganam a nação e de que, só por botarem cola e penas nas desmesuradas orelhas, se transformam em colibrís e dos grandes...

Bildpai, Esopo, Babrio, Florian, Lafontaine, Trilussa e Kipling teriam na fauna política do Brasil motivos para maravilhosas fábulas, escarmento de pretenciosos e lição proveitosa ás gerações moças.

MANÉ — THECEL — PHARES

Os nossos três anauês á Revolução Integralista, que tanto assombram os medíocres politiqueiros liberais e que provocam do judaismo internacional, através de governantes e legisladores, as leis talmúdicas chamadas de segurança nacional, deviam ser repetidos duas vezes. Porque o Chefe já declarou, na sua luminosa entrevista do "Correio da Manhã", que o nosso movimento contém duas Revoluções, uma subjetiva e outra objetiva.

Se a curta mentalidade dos nossos homens públicos, baldos de cultura geral tanto quanto vazios de caráter, pudesse compreender a fôrça, a grandeza, a profundidade e a espiritualidade dessas duas Revoluções, êles estremeceriam da cabeça aos pés ao verificarem que nenhuma fôrça humana poderá conter a onda de reação contra seus vícios, misérias e infâmias levantada por um sôpro, que parece ser de um homem, mas que é o sôpro de Deus através de um homem.

A Revolução subjetiva ou interior, feita dentro de nós, de nossa compreensão da vida, de nossa alma, de nosso eu, essa não tem praias que a limitem, porque ela pode tornar o maior dos criminosos um homem de bem e conduzí-lo até á santidade. Foi a Revolução que se operou nos cora-

ções pagãos na prégação do cristianismo e que levou os mártires a enfrentarem, sorrindo, no circo, os carrascos e as feras. E' dela que decorre a outra, a que se projetará fatalmente no cenário político, social e económico do país, mais dia, menos dia, inexoravelmente, iniludivelmente, quer queiram ou não queiram presidentes de República, congressos, interventores, judeus internacionais e seus capangas intelectuais. Ela é um reflexo, é uma simples função da outra. Realizada a revolução das almas, a dos corpos se seguirá como uma consequência lógica e insuperável.

Quem poderá proibir essa Revolução Interior, essa Revolução dos Espíritos que nós vimos prégando há dois anos e continuaremos a prégar haja o que houver? Revolução silenciosa e magnífica que se processa no tabernáculo das almas, nenhuma lei dos homens a pode alcançar, porque ela está unicamente sujeita ás leis de Deus! Demitam, persigam, prendam, deportem e desterrem, ó caixeiros de Rotschild e advogados de Murray & Simonsen, os nossos chefes ou companheiros, se a lei passar, como o judaismo manda, se a lei fôr aplicada, como o judaismo quer, nêste *Brasil-Colónia de Banqueiros!*... Demitirão, perseguirão, prenderão, deportarão e desterrarão os corpos. Porém não há judeus internacionais, não há leis Rotschild-Rao, não há chefes de polícia, não há esbirros que possam com as almas. A fôrça incontrastável dessa Revolução Integralista que nós saudamos com três anauês vibrantes nas barbas dos bonzos da politicagem nacional, fazendo-os empalidecer de despeito e raiva, é que ela é uma Revolução dos Espíritos e não uma revolução dos corpos.

Não quero perder tempo referindo-me ás revoluções brasileiras que trouxeram como consequência o que aí está, para glória eterna do seu indefinido "espírito revolucionário". Perco um instante, contudo, a lembrar o comunismo, que é, em verdade, o mais sério adversário do integralismo, por ser a negação de tudo quanto êste afirma, negação de Deus, negação da Pátria, negação da Família. E' a revolução do sinal *menos,* enquanto nós somos a Revolução do sinal *mais.* O comunismo mesmo, em toda a parte onde tentou enfrentar os movimentos fascistas, foi lamentavelmente batido em toda a linha — na Itália, na Alemanha, em Portugal, Porque o comunismo é materialista e para êle a alma não passa de simples função orgânica. Porque o comunismo é uma revolução dos corpos, guiada pela parte menos nobre do corpo, que é a barriga. E a concepção de uma revolução tal só poderia mesmo ser gerada em cérebros de judeus...

Todos os movimentos fascistas do mundo divergem na sua formação, no conceito das realidades a atender, nos característicos próprios de seus ambientes políticos, geográficos, económicos, étnicos ou culturais. Entretanto, todos se unem na mesma fôrça espiritual íntima, que emana do Espírito Eterno que guia e dirige os destinos dos povos. Tenho uma prova definitiva disso na linda carta que acaba de me dirigir o meu amigo e camarada dr. G. A. Pfister, chefe do Departamento de Estudos da *British Union of Fascists,* um dos auxiliares de confiança de Sir Oswald Mosley. Depois de dar-me algumas indicações que pedi e de fornecer-me certas informações acerca do plebiscito do Sarre, a maior vitória moral de Hitler nos últimos tempos, diz êle estas palavras de elevação moral muito rara:

"Os sarrenses aplicaram o princípio fascista que é necessário sacrificar o bem estar pessoal aos ideais nacionais. Não sei se a você, no outro extremo do mundo, a questão do plebiscito parecerá tão importante quanto a nós que estamos na Europa. Ela não o deve interessar de perto.

Parece-me, entretanto, que, além do aspecto político e, por conseguinte, europeu, há o aspecto étnico que importa ainda mais — a regeneração de um povo, que, graças aos princípios doutrinários fascistas, abandona a orientação geral do após-guerra, que fez do prazer um Deus, do confôrto outro Deus e outro Deus da riqueza. Essa orientação foi inculcada e propagada pelos judeus. Quem ensinou que a especulação vale mais do que o trabalho honesto? Quem acabou por desmoralizar toda a concepção do belo nas artes e na literatura? Quem perverteu o teatro a tal ponto que sua importância passou do palco para a bilheteria, onde o público paga para ouvir e ver obcenidades? A resposta é a mesma, sempre e por toda a parte — o judeu.

Nós todos, fascistas, nacionais-socialistas, sindicalistas, integralistas, pouco importa o nome, absolutamente não somos um partido político que só se preocupe com um plano económico como o de Roosevelt. Sem dúvida, um melhoramento dêsses é parte integral do nosso programa; mas, em primeiro lugar, nós somos reformadores, apóstolos e missionários dispostos a tudo sacrificar para salvar nossos povos da desagregação a que os levaram. E a nossa missão é tão alta, tão nobre e tão santa quanto a dos grandes reformadores, apóstolos e missionários da história cristã.

Talvez lhe pareça que me falte a modéstia. Não penso assim. Sigo meu caminho com a maior altivez deante de nossos inimigos, mas com absoluta humildade deante de Deus, o qual permitiu que eu pudesse empreender êsse trabalho em Seu Nome e por Sua Glória. E', pois, com profunda gratidão que verifico que os estudos de ciências políticas, de questões sociais e económicas foram simples aprendizagem que hoje faz com que eu cumpra meu dever não só com entusiasmo, mas com ciência e consciência."

Estas linhas mostram claramente o que é a Revolução Interior na alma de um fascista ou integralista, pouco importa o nome. Pureza de intenções, espírito de sacrifício, apostolado, nobreza de atitudes, desprezo do perigo e do comodismo, humildade deante de Deus. Como poderá o banqueiro judeu aliado ao interventor paulista, agindo escondido por trás dos srs. Enrique Bayma e Vicente Rao, combater com capítulos e artigos de uma lei talmúdica e sinuosa uma Revolução dessa ordem que se processa com tal fôrça dentro dos mais cultos espíritos, a mesma no seu fundo e nos seus propósitos, nos corações que palpitam sob as camisas-pretas da Itália e da Inglaterra, sob as camisas-pardas da Alemanha, sob as camisas-azues da França e sob as camisas-verdes do Brasil?

Essa Revolução Subjetiva, que as leis de modo algum poderão deter, depois de atingir a sua plenitude se derramará objetivamente na sociedade já minada e contaminada por ela. O Império Romano não resistiu a um impulso dessa natureza. O lábaro de Constantino não foi mais do que o reconhecimento oficial de um estado de cousas creado por um estado de espírito. As perseguições de Nero, Domiciano, Deocleciano, Severo e dez outros Césares, não detiveram essa grande Revolução Interior que acabou por se exteriorizar no tempo e no espaço.

O fenómeno fascista tem amplitude mundial. Em todos os corpos que vestem uma camisa de côr, nêste ou naquele extremo do mundo, vibra, como mostra essa magnífica missiva, a mesma espiritualidade profunda e nobre. E' ridículo querer combater isso com o silêncio ou com picuinhas de jornais, com leis mandadas por banqueiros a ministros subservientes, sôbre as quais opinaram advogados de casas judaicas e que tenham sido aprovadas por assembléias inexpressivas e anarquizadas...

Nas paredes do salão da orgia liberal a que o judaismo

sem pátria impeliu os politiqueiros sem alma, já a mão do Mensageiro do Senhor riscou em letras de fogo as palavras fatais da sentença infalível:

Mané — Técel — Fáres = Pêso — Conta — Medida.

Nos arcanos da Providência, ó Rotschild que nos explora, ó Rao que o serves com tamanha obediência, os destinos da liberal democracia brasileira, pasto gordo de um rebanho de bêstas esfaimadas, já estão traçados! Pesados foram os seus crimes contra a nossa querida pátria. Contados foram os seus dias de velhacada e dissimulação. Medidos foram os minutos que ainda lhe restam para entrar em agonia.

Integralistas, rezai por alma desta Ré-pública! Aos meus ouvidos já chega o badalar dos sinos que por ela tocam a finados...

Anauê!

O VELHO ZÉ PEREIRA

Todos os dias, ultimamente, correm boatos de conspiratas ou masorcas contra o govêrno. De algumas, o próprio sr. ministro da Guerra fala numa de suas Mil e Uma Noites... isto é Mil e Uma Entrevistas... De outras, os jornais dão notícia com letreiros escandalosos. Entretanto, como êsses mesmos jornais apregoam de todos os modos que a cidade se acha sob o govêrno, império e domínio de Momo, nós Integralistas ficamos com certas dúvidas, não sabendo se as intentonas projetadas são contra o sr. Getúlio Vargas ou contra Sua Majestade o Rei do Carnaval...

Contra êste seria mais justificável. Porque, tirar do Catete o sr. Getúlio Vargas e pôr em seu lugar um general ou um civil qualquer, sem doutrina, sem cultura e sem amor á Pátria, é prestar um grande desserviço ao Brasil, que precisa mudar de regime e de sentido de vida, não mudar unicamente de homens, porque, pelo contrário, urge da parte dos brasileiros de verdade uma reação fortemente contrária á direção desnacionalizante, dissolvente e degradante que vai tomando ano a ano o nosso notável Carnaval.

Escrevendo a tal respeito, obedeço a pensamentos e

sugestões de camisas-verdes que me pedem, em carta, tratar publicamente do assunto.

Em outros tempos que não vão muito longe, os divertimentos do Carnaval, que haviam evoluido da seringa de entrudo das gravuras de Debret ao lança-perfume das caricaturas de J. Carlos, eram até certo ponto comedidos e respeitosos. Todas as famílias cariocas vinham para a rua e brincavam com certa decência. Hoje, êsses divertimentos são fonte de renda para os exploradores do bolso alheio e um dos melhores meios de dissolver e destruir a família brasileira.

Gastam-se, sem o menor proveito para a economia doméstica da população inteira, somas colossais, energias que se tornam improdutivas e saúdes que ficam precárias. A desordem moral e a mais absoluta falta de respeito campêam, de modo que a gente de melhor quilate se reune nos bailes, onde a mesma desordem se restringe a certos círculos sociais, ficando as ruas entregues á populaça. O espírito dos mascarados desapareceu com os mascarados. Os cordões que percorrem as ruas, batendo em latas, compostos de homens e mulheres semi-nús, besuntados de carvão, que não escondem sua fraqueza física, magros, pálidos, desdentados, aos pinchos, dão tristíssima idéia de nossa gente.

Durante a folia que retumba por essa babilónia afora, o judaismo goza a depravação do cristão, o qual rende tão grande culto ao Deus Momo que chega a levar aos bailes frequentados pelo "demi-monde" as suas filhas e aos teatros quentes e pouco higiênicos, onde se realizam os bailes infantís, os seus filhos pequeninos.

Um Integralista que me escreve a respeito do Carnaval, diz-me o seguinte na sua carta: "Há no interior dos Estados próximos, como Minas e São Paulo, muitas famílias de recursos que teem duas ou mais pessoas morféticas, as

quais, nas proximidades do Carnaval, embarcam para o Rio e aqui, durante os três dias de loucura, se entregam nos bailes de máscaras dos hotéis, teatros e casinos a toda sorte de folguedos. Naturalmente muito bem disfarçadas. São fócos de transmissão. E algumas vingam-se da sociedade transmitindo-lhe a sua doença."

Acredito que o companheiro missivista tenha provas do que afirma. O caso é possível. Então, o conto do "Bébé de Tarlatana Rosa" de João do Rio pode não ser sómente produto da imaginação dum escritor, porém também uma cêna sinistra da vida real...

Competia á nossa imprensa, se ela não estivesse judaizada de alto a baixo, dirigir, por meio de útil propaganda, o Carnaval carioca num sentido tradicional e mais decente, influindo na organização dos préstitos, dos ranchos, na escolha das músicas, das canções, etc., de maneira a imprimir á folia carnavalesca, tanto quanto possível, o caráter que ela teve em outros tempos, espontaneamente. Competia aos poderes públicos, se enxergassem um palmo adiante de suas ambições galináceas, agir do mesmo modo e para idêntico fim.

Entretanto, ambos, de mãos dadas, trabalham em sentido contrário e até já mataram o inocente Zé Pereira da nossa meninice, afim de que ficasse sózinho em campo Sua Majestade o Rei Momo, que vem da "estranja", talvez dum Ghetto ou Kahal, e desembarca no cais do Porto como um Rotschild conquistador...

Viva o Zé Pereira,
Que a ninguém faz mal,
Viva a pagodeira,
No dia do Carnaval!...

Êsse refrão de nossa infância não ressôa mais sob os

céus do Brasil. Fugindo diante do Momo alienígena, o velho, pobre e abandonado Zé Pereira não se deteve nos nossos subúrbios, nem mesmo nas nossas cidades do interior. Êle internou-se pelos sertões a dentro e talvez só esteja ainda vivo nalgum povoado das caatingas, porque o bando revel de Lampeão defende dos judeus compradores de ouro velho a região batida de sol onde vicejam o joazeiro e o mandacarú.

Pobre Zé Pereira dos nossos distantes, alegres e puros carnavais de criança, espera mais um pouco e nós te iremos buscar para expulsares de vez o Momo Judaico, ao mesmo tempo em que substituiremos êste regime de confusão por um regime de ordem!

Por ora, tudo o que vai por aí não passa de boato. O sr. Getúlio Vargas governa o país, mas Momo domina a capital. Nós Integralistas temos certas dúvidas: não sabemos se as bernardas projetadas são contra um ou contra outro...

Substituir o sr. Getúlio Vargas por qualquer general ou político de nada adeanta ao Brasil. Substituir Momo por qualquer outro rei da folia, suburbano ou não, nada adeanta ao Carnaval. Só vale a pena fazer uma revolução para, no lugar de Momo, pôr o velho Zé Pereira...

*
* *

Antigamente, tanto no Rio de Janeiro como em qualquer capital de Estado ou cidade de terceira categoria, o Carnaval era anunciado quinze ou vinte dias antes de sua data pela zoada do Zé Pereira. A' porta das casas comerciais vendedoras de artefatos carnavalescos, nas sacadas dos clubes tradicionais ou nos coretos das praças públicas, meia dúzia de músicos batiam bombos, faziam retinir

pratos, sopravam clarins e trombones, enquanto a molecada ia cantando:

> Viva o Zé Pereira,
> Que a ninguém faz mal!
> Viva o Zé Pereira,
> No dia do Carnaval!

Durante longas décadas, não se ouvia outra música nem se cantava outra canção carnavalesca. Essa bastava a toda a gente e o espírito popular sintetizava nessa individualidade do Zé Pereira o próprio Carnaval. Com êsse nome brasileiro e popular, êle era o nosso Momo. Fazia parte integrante do nosso folclore. Estava enquistado nas tradições de nossa gente. E não havia necessidade, portanto, de se inventar um tipo para representar o Carnaval brasileiro.

Mas nós somos o povo-macaco. Somos os *bândar-log* de que fala Kipling. Inconscientes e inconsequentes, largamos o que temos na mão para apanharmos o que está na mão dos outros, ou imitamos o que vemos fazer. Todo brasileiro maior de quarenta anos acreditou na meninice, passada no Norte ou no Sul do país, que, na noite de Natal, o Menino Jesus voando como um passarinho, punha presentes e brinquedos nos chinelos que as crianças boas deixavam ao peitoril da janela e carvões nos das crianças más. Pois bem, abandonámos, esquecemos êsse lindo Menino Jesus, herdado do colonizador, conservado na alma de muitas gerações de homens livres, de mestiços e de escravos através da tradição oral, para adotarmos o Papai-Noel barbudo do inverno europeu, que entra pelas chaminés e sai do borralho das lareiras que nunca possuimos. Para substituí-lo, não procurámos o olvidado Menino

Jesus da nossa gente, porém inventámos a tolice sem par do Vovô Índio.

A exemplo de algumas cidades estrangeiras, onde se usa festejar a chegada de bonecos gigantes, reis de Quaresma, reis da Folia ou reis do Carnaval, todos êles filhos legítimos de tradições locais que poderia descrever miudamente, mas que basta assinalar, o Rio de Janeiro recebeu e homenagêa o Rei do Carnaval. E' curioso que a autoridade municipal e que o Touring Club, ambos proclamadores contínuos do *que é nosso,* não tenham intervindo no sentido de dar o cunho brasileiro a essa idéa interessante. Nada mais fácil do que nacionalizá-la. Para tanto, não era preciso mais do que receber e homenagear á sua chegada ao Rio de Janeiro o nosso velho e querido Zé Pereira, dono tradicional do Carnaval brasileiro. E o Zé Pereira é muito mais democrático que o tal rei de papelão...

A MATÉRIA NOS ULTRAPASSA

La matiére nous dépasse. E' êste o título dum dos últimos livros do notável escritor francês Vítor de La Fortelle, autor dos romances modernos de grande êxito: *Je cherche de l'or* e *Je cherche une femme.* A tese que encerra — de alto valor social no momento angustioso que passa — foi ditada pela observação direta dos fatos. Êle próprio confessa isso: "Voilá huit ans que je dirige la revue *Art et industrie* et que deux spectacles me sont offerts: celui de la Matiére (ciment armé, tubes d'acier, revêtements nouveaux, éclairages scientifiques, etc...) qui influe longuement sur les formes, et celui d'une jeunesse intellectuelle cherchant sa voie, parmi des difficultés croissantes, avec un courage qui prouve ses qualités." E se presta á reflexão, á meditação pela importância do assunto que nos é proposto, abordando-o no seu palpitante imediatismo, sem pender para a Esquerda nem para a Direita, sem fazer concessões de espécie alguma aos tabús religiosos ou políticos, porém procurando expôr claramente aquilo que o autor está seguro de ser a verdade.

"Nossa vida social — afirma Vítor de la Fortelle — sai duma crise para cair outra, como se tivesse uma base falsa... E, sem dúvida, deve-se ver um sinal de inquie-

tação coletiva na multiplicação das obras recentes que tratam da nossa doença contemporânea." Acusa de produzí-la a matéria, tanto na sua ação direta sôbre a vida prática quanto na sua ação indireta sôbre os espíritos; a matéria dinâmica, os mecanismos que substituem o homem; a matéria estática, a produção que o esmaga. Em todo o caso, nós vivemos dentro duma civilização que manejou a matéria de tal sorte que acabou por se ver excedida, ultrapassada por ela em tudo. Não se deu ainda conta disso, continuando orgulhosamente a pensar que o seu espírito domina a mesma matéria nas suas múltiplas fórmas e nas suas inumeráveis funções de utilidade, quando, pelo contrário, êle já não passa de escravo dela. Entretanto, os sintomas da enfermidade se desdobram e, ás tontas, a humanidade procura recursos de emergência e aplica remédios empíricos, atendendo dia a dia ás manifestações mais alarmantes da desorganização social produzida pelo excesso de matéria sôbre o espírito. Ela caminha, avança a passos de gigante, assombrando as mentes com as novas invenções, os novos maquinismos; êle vai ficando para trás em tudo e por tudo. Resultado: o materialismo, ou melhor, como diz Vítor de la Fortelle, o *materismo*.

Olhando o panorama atual da civilização em que fomos criados, êle escreve! "Des mesures de fortune, une vitesse acquise, des lois existantes permettent de reporter les dangers qui nous ménacent á quelque liquidation future, et nous vivons ainsi, au jour le jour, pendant une certaine période, comme nous le faisons depuis plusieurs années. Et puis l'état maladif se dénouera, par la guérison on par une catástrophe: la mort peutêtre des vieilles sociétés..."

Cuidemos, porém, de tratar e curar o enfermo, não permitindo que a morte o leve. Para isso, o autor propõe

a todos os intelectuais a formação da frente única contra a matéria, colaborando todos para a creação dum meio favorável á eclosão duma idéa nova e eficaz que proteja a saúde dos povos, já que muitas das em fóco — cooperativismos, sindicalismos, socialismos, comunismos, *et reliqua*, quer marchem para a Direita, quer para a Esquerda — estão mais ou menos desmoralizadas. Para tanto esqueçamos dores, prazeres e métodos do passado e fitemos o luzeiro da Verdade, confrontemos lealmente o que foi com o que há e daí deduzamos os remédios a serem aplicados: primeiro, conjugalmente, moralizando a família e fortalecendo a pedra angular da sociedade; segundo, financeiramente, estatuindo as bases duma economia sã e duradoura com a destruição das barreiras alfandegárias sobretudo; terceiro, politicamente, acabando os vícios locais e os êrros internacionais por meio de sanções e duma técnica social *completamente nova;* quarto, inteletualmente, aliviando os espíritos das bagagens que não servem mais e preparando com cuidado o fardo dos conhecimentos novos e necessários.

Enfim, em duas palavras, Vítor de la Fortelle nos indica o único caminho a seguir: "O progresso não está á Esquerda nem á Direita, porém á Frente". Que o espírito, pois, torne a apanhar e a dominar a matéria!

A LIÇÃO DE PETRÓPOLIS

Durante os dias em que se reuniu o Segundo Congresso Integralista de Petrópolis, mais de seis mil Camisas-Verdes estiveram naquela cidade. Ocupada, pode-se dizer, pelos soldados do Sigma, a antiga residência Imperial viveu horas duma intensa vibração cívica, horas de palpitante brasilidade. Os hotéis, os bars, os restaurantes, os cafés e as confeitarias noite e dia estavam cheios de milicianos verdes. Nas ruas, não se via outra cousa. A camisa integralista foi como que o uniforme de toda a população.

Demonstração magnífica e gloriosa a dêsse congresso. Os brasileiros viram o que é uma disciplina e o que é uma convicção. Os petropolitanos compreenderam que calúnia infame é a que atribue aos Integralistas o nome de desordeiros ou a pécha de provocadores. Operários da cidade das hortências, veranistas cariocas, diplomatas estrangeiros todos são testemunhas de que êsses milhares de Camisas-Verdes portaram-se como verdadeiros cavalheiros. Não houve um caso de embriaguez, não se registrou uma falta de respeito e não se manifestou a menor reclamação. Também a população de Petrópolis tratou os soldados do Sigma com um carinho admirável. Êsses filhos do Brasil haviam vindo de todos os cantos da nossa terra, em vapo-

res, em caminhos de ferro, em automóvel, a pé. E todos comungaram ali no mesmo ideal de grandeza da Pátria.

O altar para essa comunhão mística foi armado e preparado pelas próprias mãos do Chefe Nacional, no meio do Palácio de Cristal, onde se organizou o esplêndido Museu Integralista. As delegações que vieram ao Congresso trouxeram um pouco de terra de cada Província: terra escura e húmida da Amazônia, encharcada pelas águas do Grande Rio e pelo suor de febre dos seringueiros e paroáras; terra clara e ensolarada do Nordeste, queimada pelas estiagens cruéis; terra corada da Baía, que o pé do descobridor pisou no primeiro dia e em que pela primeira vez os joelhos se dobraram deante da cruz da primeira missa; terra florestal do Espírito Santo em que se imprimiram outrora as pegadas dos Aimorés e dos Capichabas; terra aurífera de Minas, miragem tentadora que atraiu as bandeiras ao sertão; terra rôxa de São Paulo e do Paraná, mãe do oceano de cafezais que o Jéca rega com o seu suor e do qual o judeu arranca vorazmente os lucros; terras diamantíferas do Oéste, bergo de aventuras e epopéas; terra macia de Santa Catarina, em que parece que ficou o sinal do meridiano de Tordesilhas que os nossos ancestrais recuaram; terra gloriosa do Rio Grande do Sul, ensopada pelo sangue dos centauros que á ponta de lança defenderam as fronteiras do Brasil! O Chefe dispôs todas essas terras em volta da mesa, uniu-as pelas extremidades e misturou-as num conglomerado só, enterrando com volúpia as mãos esguias nos torrões da gléba brasileira. Era a grande missa nacional que êle celebrava deante dos representantes de todo o país.

Ali estava o joven escritor nordestino Afonso Freire representando os Camisas-Verdes do Acre, ao lado do tenente Guiomard, que representava os do Amazonas e regressava dos lindes septentrionais, onde ensinara a cinco

mil índios brasileiros a saudação integralista. Ali se via Helvídio Martins, pelo Maranhão, um dos que na velha cidade de São Luiz se batem pela palavra e pela pena contra comunistas e liberaloides, junto a Giovanni Costa, piauiense enérgico que, recebendo no Pará a palavra do Novo Credo a levou aos sertões de sua esquecida terra. Os cearenses de Ubirajara e Lauro Maciel ombreavam com Pedro Batista, chefe da Paraíba, e com os rio-grandenses do norte de Sérgio Marinho, Veras e Brito Guerra. Andrade Lima Filho trouxera os pernambucanos, Alfredo Lages e Carloman Carneiro, os alagoanos, Milciades Jaqueira, Romulo Mercuri e João Marcelino, os baianos. Na fileira dos delegados do Espírito Santo, brilhava a prata das cãs de Arnaldo Magalhães, apóstolo da Idéa Nova; na dos delegados do Paraná, a prata das cãs de Vieira de Alencar, alma de moço. Não faltaram á cerimônia augusta os goianos, os matogrossenses e os gloriosos Barrigas Verdes. De Sergipe veiu a mocidade de Omer Mont'Alegre, que entrou criança para o movimento e nêle já se fez homem. A delegação de Minas Gerais tinha á sua frente, além de Olbiano de Melo, soldado das primeiras éras, tradição viva da Ação Integralista, os companheiros que fundaram os núcleos de Juiz de Fora e de Belo Horizonte. São Paulo mandou, com os veteranos da primeira marcha, a flor dos seus milicianos, tendo á testa as nobres figuras de Marcel da Silva Teles, de Francisco Stela, de Mario Giorgi, de Crisci. E, enfim, Dario Bitencourt e seus gauchos chamavam a atenção de todos pela glória de que se haviam coberto os seus companheiros em São Sebastião do Caí.

Museu, sessões preparatórias e ordinárias, reuniões de comissões, sessões solenes, desfile de legiões verdes, tudo isso se realizou dentro da maior ordem, do maior respeito e da maior cordialidade.

A parada dos Camisas-Verdes pelas avenidas petropolitanas provocou os aplausos febrís da multidão. Não ficaram esquecidos dos Integralistas os Imperadores adormecidos para sempre na nave da Catedral. Visitaram-nos e o Chefe Nacional fez a sua chamada, a que todos os Camisas-Verdes responderam: Presente! Porque na memória da Pátria não devem morrer os que bem a serviram.

Dirigindo os trabalhos, passando revista ás legiões, assistindo aos desfiles, discursando nas solenidades, o Chefe Nacional tudo supervisionou, tudo comandou, tudo fez, multiplicando-se, esgotando-se, mas dando a todos os congressistas a impressão um Homem Superior pelo talento, pela cultura, pela virtude e, acima de tudo, pela simplicidade!

Aos que assistiram ao Segundo Congresso Integralista de Petrópolis ficou a impressão de que um novo Estado já nasceu e já se formou dentro do apodrecido Estado brasileiro.

Por que êsse fenómeno?

Porque o Estado atual entrou em franca decomposição e, para evitar a anarquia, é necessário que os brasileiros se reunam e fundem outro Estado, capaz de assegurar ordem e justiça. Toda a vez que isso aconteceu na história o mesmo fenómeno se reproduziu. O Integralismo quer dar ao Brasil a energia suficiente para salvar-se do abismo em que o estão precipitando.

Desde que o povo não confia mais no Estado, porque êle não distribue justiça, deixou que a administração se gangrenasse, premiou criminosos, perseguiu honestos, se entregou a negocistas, abandonou a escola a um ensino sem consciência, se abraçou ao favoritismo e acabou se tornando biombo dum govêrno oculto composto de corrilhos secretos e de banqueiros judeus, exploradores da nação; desde que o povo não confia mais no Estado, outro

Estado necessariamente brota no meio das ruinas e vai dia a dia se desenvolvendo até tomar conta do país inteiro. Êsse Estado primeiro se forma nas consciências e só depois se objetiva na realidade.

Assim se passou quando da derrocada do Império Romano saiu o Império Germânico; quando do esfacelamento dêste brotou do chão o Feudalismo; quando a êste sucedeu o absolutismo real; quando a democracia burguesa tomou conta do terreno em que o último frutificara...

O Congresso de Petrópolis mostrou que o Estado Integral está formado nas consciências brasileiras. Falta-lhe agora sómente a projeção objetiva na realidade...

UTOPIAS

A incoercível aspiração das multidões á felicidade na terra — escreveu um grande político — não constitue fato novo na história da humanidade apesar dos períodos de misticismo e de esperança na felicidade terrestre, porque se manifestou em todas as épocas, persistiu através de muitas decepções e sobreviverá aos desenganos de hoje e de amanhã. O mesmo espírito de sociólogo e de estadista continuava: "Resignação estoica, fé religiosa e utopia são, de certo modo, as *categorias* indestrutíveis da existência social. Em todas as épocas se encontram, embora nem sempre com a mesma intensidade. Ora, o estoicismo prevalece e civiliza os povos. Ora, a fé religiosa os embala. Ora, a utopia os fascina."

Atravessamos agora um momento curioso, em que, ao lado das realizações práticas mais estupefacientes, certas utopias dominam certos povos. E' que, faltando-lhes a filosofia e a religião, não lhes bastando a ciência para minorar os males do corpo e da alma, se lançam ao seio das miragens sociais, convictos de que se iluminam com os fócos de luz da Verdade.

Certas teorias destinadas ás massas sofredoras surgem das sombras do mistério e estendem seu falso idealismo

á face das nações. Certos inteletuais amalucados, interesseiros, pérfidos ou secundários batem palmas aos seus aparentes triunfos. E, como o carro daquele deus feroz da Índia, Jagernaut, a idéa rola, esmagando á sua passagem homens, instituições, tradições e até os próprios deuses!

Depois, tudo entra nos eixos. Os cánones avançados são postos abaixo. Há recuos na ideologia. Volta-se mais ou menos ás fórmas antigas, claramente numas, disfarçadamente noutras. E os raros progressos alcançados teriam sido conseguidos sem violência, não justificando os crimes cometidos nem o sangue derramado.

O inteletual é o instrumento melhor dêsses golpes vibrados pelos poderes ocultos do mundo. Êle crêa a utopia e mostra-a á massa como se acende uma luz para atrair insetos. Porque a massa, como a história no-lo ensina, é privada de compreensão perfeita e de direção própria. Abandona-se por isso sempre e sempre ás mãos dos tiranos coroados ou não. Sómente conquista a liberdade a uns para entregá-la a outros. Dá aos Césares a liberdade de Roma; aos Médicis, a de Florença; a Robespierre e a Napoleão, a da França; a Lenine, Trotski e Staline, a da Rússia.

E' que "a igualdade política não é mais legítima nem é mais racional do que a igualdade social". E' que "a lei fatal de todo organismo, no nosso obscuro planeta, como nos mundos de que só avistamos os distantes reflexos, é a diversidade, isto é, a desigualdade".

Entretanto, o espírito humano não quer conformar-se com a verdade iniludível e a lei fatal. Por isso, a humanidade correrá atrás das utopias enganadoras, continuando a regar com lágrimas e sangue plantas que lhe não darão senão frutos amargos e venenosos.

A BENGALA DE EFIMOF

No seu interessante e documentado livro sôbre a Rússia comunista, Henri Béraud conta êste fato digno de registo, divulgação e comentário. Em Kiev, depois dum discurso de Trotski, um operário chamado Efimof contraditou-o com poucas palavras, mostrando á assistência sua bengala e dizendo:

— "Camaradas, esta bengala simboliza a história da revolução russa. Antes dela, o país era governado pelos aristocratas que são o castão. Esta ponteira de ferro representa os forçados, os criminosos. O meio, os operários e camponeses."

Calou-se e virou a bengala de cabeça para baixo, acrescentando:

— "Camaradas, feita a revolução, os aristocratas passaram para baixo, os forçados e criminosos tomaram o primeiro lugar, e nós, operários e camponeses, como sempre, continuamos no meio."

Henri Béraud conclue tranquilamente: "Na semana seguinte, o operário Efimof foi passado pelas armas..." Fusilado sem apêlo nem agravo. Para isso, havia, então, a Checa e há, hoje, a Guepeú...

Felizmente, no Brasil, forçados e criminosos tomam cartórios e emprêgos, mas ainda não fusilam oficialmente a gente, limitando-se a fusilamentos oficiosos como os de Baurú, da praça da Sé e de S. Sebastião do Caí. Pode-se, portanto, sem perigo iminente de ser na semana seguinte passado pelas armas, dizer a verdade sôbre o comunismo.

Na Rússia, êle não tem sido mais do que um meio de aventureiros, na maioria judeus, subirem á custa do operário e do camponês, os quais deixam de ser explorados pelo capitalista-indivíduo para o serem pelo Estado-capitalista, com uma grande diferença: o capitalista indivíduo pode ter uma boa alma, ser benevolente e generoso; o Estado-capitalista é uma abstração, não tem sentimento algum.

A experiência comunista russa se tem processado num país híbrido, de fundo asiático, semi-bárbaro, á custa de mais lágrimas e mais sangue do que ali derramaram as autocracias em dez séculos. Além disso, fomes e epidemias.

Estudiosos do assunto, como Edouard Herriot, Anatole de Monzie, Max Eastman, Brian Chaninov e Júlio Moch, alguns dêles mesmo muito simpáticos ao regime russo, como de Monzie, consideram essa experiência, quando não falida, pelo menos "interrompida" ou "em estado de regressão".

O comunismo vive de mentiras, porque nasce de mentiras. Seus cornacas e propagadores costumam fazer do preto branco e do branco preto, segundo as melhores lições do Anticristo. Entretanto, o que disse com o símbolo de sua bengala o operário de Kiev, o pobre Efimof, imolado aos deuses da vingança judaico-soviética, é irrespondível, tanto assim que os forçados e criminosos continuam a governar a Rússia: Litvinof, ministro do Exterior, é o

mesmo judeu Abraão Finckelstein, que se chamava Wallach-Beer, quando, em 1908, atacou a dinamite e roubou o Banco de Tiflis e foi agadanhado em Paris pelo inspetor Guichard; o ditador Staline é o mesmo georgiano Koba, que assaltava trens nas linhas da Finlândia. A maioria dos demais bonzos da famosa "ditadura proletária" medem-se pela mesma craveira...

AS DUAS INTERNACIONAIS

Socialistas e comunistas sempre viveram como gato e cachorro. Não se tragavam. Filhos do mesmo berço e tendo mamado nas mesmas têtas filosóficas, desejavam cousas idênticas: supressão da propriedade privada e socialização das riquezas, a caserna social com rações para o corpo e para o espírito, a uniformização sob a égide das Checas e Guepeús, a ditadura proletária após a luta, ou melhor, após a guerra social de classes. Entretanto, divergiam quanto aos meios para obter êsses magníficos resultados. Os socialistas de qualquer tonalidade contentavam-se com uma marcha evolutiva... Os comunistas exigiam o salto brusco, a revolução vermelha. E eis por que se detestavam e se injuriavam. Lenine chegou a afirmar que preferia unir-se á burguesia a ter o menor contacto com os sociais democratas.

Daí a existência de duas Internacionais que se não entendiam em terreno algum. A de Moscovo, marxista, anatematizou a outra pelos seus resíduos burgueses-democráticos, qualificando-a textualmente de "Internacional dos Social-Traidores". Em 1933, a Internacional Socialista respondeu-lhe, proibindo seus partidários de qualquer acôrdo ou combinação com os marxistas.

— Continua, Ashavero das Revoluções, teu caminho enlameado e ensanguentado pelo mundo afora, carregando o eterno pêso do Bezerro de Ouro, porque, enquanto não o largares e não te abraçares ás táboas da lei, não terás descanso e serás maldito!

IIª Internacional e IIIª Internacional repetem a eterna história: Judá e Samária. Deus dividirá sempre, para salvação dos povos explorados pela usura e ensanguentados pelas intrigas judaicas, as tendas de Israel!...

O SANTO GRAAL

A humanidade em crise, salteada pelos inimigos do corpo e do espírito ao mesmo tempo, interroga ansiosamente os horizontes embruscados á procura duma luz que a possa guiar.

Todas as fôrças morais foram abafadas ou afastadas. Todos os sentimentos conspurcados. E a máquina triunfante estabeleceu o reinado dos mesquinhos e ásperos interêsses materiais.

O racionalismo puro, criador do maquinismo, secou todas as fontes de vida interior, derramando na civilização o veneno de todas as descrenças, proletarizando as massas exploradas e criando o domínio do confôrto. Os resultados de tal sistema teem sido a descentralização espiritual da sociedade, a insatisfação crescente dos prazeres e a escravidão universal aos postulados da matéria.

Três grandes faculdades fundamentais informam o indivíduo: imaginação, razão e vontade. A imaginação crêa, a razão ordena e a vontade realiza. A' razão experimental, diz Philéas Lebesgue, coberto de razões, se deram todas as prerrogativas desde o século XVIII até a Grande Guerra. Entregou-se, portanto, o mundo ao domínio do instinto com a sua consequência fatal da inversão de va-

lores: o homem no lugar de Deus. "Sob o pretêsto de nos apoderarmos das fôrças naturais, somos por elas conquistados e a espiritualidade se obnubila."

"Negando Deus, declara Nicoláu Berdiaef, o homem renega-se a si próprio." O remédio é restabelecer a harmonia social, tornando o homem senhor da máquina, fazendo com que sua imaginação unida á sua razão dominem a sua vontade. A síntese realizada na vida interior do indivíduo se projetará na sua vida exterior. A sociedade refletirá a harmonia das consciências em todas as manifestações.

Aos espíritos superficiais ou materializados, a crise mundial parece ser simplesmente económica. Entretanto, o que é é eminentemente moral. Repitamos a lição do mestre: "os dados do problema são económicos; a solução só pode ser moral".

Num estudo curioso de Pelékus, a sombra de Pitágoras fala de além tumulo e diz estas palavras magníficas: "Percebi a inquietação de teus pensamentos. Pensas que assistes á falência de todas as idéas sôbre que se baseava a vida social. O que parecia fixo não o parece mais. Crenças políticas, religiosas, filosóficas ou artísticas, muralhas de aparência inexpugnável, ao abrigo das quais podia desenvolver-se a vida do espírito tranquilamente, são hoje olhadas com desconfiança ou mesmo postas de lado. E o homem, ás apalpadelas, sem guia seguro para seus passos, vai se prestando ás peores experiências a que o queiram submeter."

O quadro da situação em que se debatem os povos civilizados do Ocidente está aí exatamente pintado. E' uma verdadeira putrefação. Mas tal putrefação é necessária, pois nela fermentará a Nova Vida que trará ao mundo a Nova Aurora. Por toda a parte a mocidade se alça, inspirada nas tradições estéticas e morais das raças e das nações. E' uma verdadeira cruzada do Espírito contra a Matéria,

a cujo aspeto maravilhoso Gaston Luce exclama cheio de entusiasmo: "Levantem-se resolutos e numerosos os homens de boa vontade, novos cruzados da causa do Bem! No rasto dos antigos paladinos, vão pisando os mesmos trilhos ásperos e gloriosos, combatendo as mesmas hordas tenebrosas. Se tombarem os seus corcéis, continuem de lança em riste e de olhos erguidos, aconteça o que acontecer, para o Monte da Salvação! Então, poderão ver, vindo ao seu encontro, revestido com os esplendores do Santo Graal e montado num cavalo branco, Aquêle que o vidente de Patmos chama o Fiel e o Justo, o Verdadeiro e Eterno Rei dos Cavaleiros!"

O PENSAMENTO

FÔLHAS DUM CADERNO INTEGRALISTA

O romance de Plínio Salgado é um grito de angústia da terra brasileira.

Nas suas páginas, palpita o poema heroico das bandeiras, cujo espírito precisamos acordar para a reconquista do país vendido ao ouro internacional. Algumas delas, as que evocam os contactos primitivos das raças e das terras teem um tom bíblico, evangélico, védico, de revelação e de mistério.

Êsse grito de angústia há de ser ouvido com o tropel histórico das milícias dos novos bandeirantes verdes a caminho da grande pátria do futuro! Escutai o tropel, ó brasileiros, o tropel dos fantasmas ancestrais no passado e o tropel da mocidade no presente. Ambos vão marcar os limites do nosso Império no fundo das almas e no recuo dos horizontes.

A palavra e a pena de Plínio Salgado acordaram êsse tropel no Brasil adormecido. O homem que semêa idéas é como aquêle velho duma poesia crepuscular de Vítor Hugo, cuja mão alongada pelos véus da noite parecia derramar o trigo na terra e as estrêlas da Via Láctea no céu. O homem que semêa idéas passa além de seu tempo e além de seu espaço. Vive uma vida maior do que qualquer

vida, porque continua a viver com suas idéas nos corações em que as semeou. E' ao homem que semêa idéas que o poeta Gregório Reynolds dedica êstes versos admiráveis:

"No morirás, porque sembraste ideas;
no morirás porque has de ser semiente!"

O homem que semêa idéas é êle próprio uma semente e por isto diz dêle o poeta:

Renacerás, retornarás mañana,
porque serás fecundo hasta en la muerte!"

Plínio Salgado é um semeador de idéas, tanto nos seus livros de sociologia como nos seus romances. A Revolução Intégralista de que se tornou a semente é a Grande Revolução das Idéas, que a Voz de Oéste sopra sôbre o litoral corrupto do velho e puro Brasil esquecido nos gerais, nos araxás e nas caatingas do vasto sertão que adormece ao som das violas sob o brilho do seu altar de estrêlas...

*
* *

Em um livro recente, "La mystique démocratique", Louis Rougier processa a civilização moderna e a leva á barra do tribunal da inteligência. Filha da Reforma de Lutero, que iniciou o período das guerras religiosas, e da Revolução Francesa, que produziu as guerras políticas e civís, prepara-se para terminar seu ciclo com o Comunismo, produto da guerra social, da guerra entre as classes.

Conseguiu tudo isso criando uma mística falsa, a mística democrática, que se basêa nos princípios da falsa liberdade, da falsa igualdade e da falsa fraternidade, os quais sómente

produziram uma plutocracia sem alma, uma burguesia vil, uma casta de negocistas, civilização grosseira, em que os letrados, os artistas e os filósofos não são tomados na devida consideração, se sentem deslocados e fadados a desaparecer. "A república não precisa de sábios" — declararam os revolucionários de 1793. O operariádo não carece da ciência burguesa — afirmam os comunistas. Abriu-se e fechou-se o ciclo das revoluções com o mesmo sentido contrário á verdadeira cultura. E', pois, uma civilização que préga o desaparecimento dos intelectuais. Préga e realiza o que préga. Êsse desaparecimento empobrecerá de modo muito sensível a humanidade, tornando-a sem direção, sem guias, sem educadores e esclarecedores. Mais facilmente, assim, ela poderá ser reduzida á escravidão pelo poder secreto judaico que se apoderou das manivelas de direção do mundo.

Louis Rougier escreve: "A humanidade perdeu em idealismo o que ganhou em fôrça material. Perdeu em espiritualidade o que adquiriu em confôrto pelo uso de técnicas que só se preocupam com o êxito."

Exito barato. Exito fácil. Exito seja como fôr! Eis a alavanca da civilização de nossos dias. Civilização de milhões, milhões em tudo e por tudo. Até o valor dos edifícios se mede pelo número de andares. Estatísticas e mais estatísticas. Gráficos e mais gráficos. Razão sobra a Guglielmo Ferrero em afirmar que a Reforma e a Revolução Francesa transformaram a civilização do Ocidente de "qualitativa" em "quantitativa".

Rougier ainda declara: "Os verdadeiros sacrificados do mundo atual são justamente todos aquêles que fizeram a grandeza e foram o lustre das civilizações qualitativas. O grave problema do futuro não depende tão sómente do conflito do Capital e do Trabalho, cujos interêsses a prática vai diariamente demonstrando não serem incompa-

tiveis, mas solidários; porém também do recrutamento duma "elite" espiritual bastante independente, respeitada e forte, que possa consagrar as enormes riquezas criadas pelo regime capitalista á realização dos fins desinteressados já definidos no humanismo grego: atividade estética, ciência pura e arte de viver moralmente, únicos que podem qualificar uma civilização digna dêsse nome."

Por toda a parte, na imprensa, nos panfletos e nos livros, ao lado duma intensa e monótona propaganda comunista, se vai sentindo pelo mundo inteiro um intenso fluxo de renovação espiritual que consola e eleva o espírito.

As fôrças espirituais do mundo despertam ao toque de rebate dos intelectuais ainda não pervertidos. Despertam e se organizam no sentido de oferecer um dique á inundação do materialismo grosseiro. Contra a falsa mística da Democracia, contra a falsa mística do Comunismo, ela ergue a mística verdadeira dos Grandes Princípios morais que sempre nortearam os homens civilizados. A fôrça dessa reação se alastra pelo planeta como uma corrente elétrica. E tenhamos fé que, como sempre e por toda a parte, a "qualidade" vencerá a "quantidade".

*

*   *

Nosso século sofre de uma moléstia que o clamor público resolveu denominar "crise mundial". Segundo o diagnóstico dos melhores médicos, especialistas no assunto, são suas causas o positivismo, o mercantilismo, o urbanismo, o socialismo messiânico e outras toxinas em "ismo" que todas saem de um micróbio único — o *materialismo*.

A crise ia levando a humanidade pouco a pouco, em silêncio quasi, se não fôra o grito de alarma de Mussolini e o brado angustioso de Hitler, para qualquer cousa "além do próprio comunismo", para o que Alexis Markoff chama com a maior propriedade o Governo Internacional.

De fato, êsse govêrno chegou quasi a formar-se, superior a todas as nações e orientando-lhes os destinos, ajudado daquio que se pode considerar o Néo-Maquiavelismo. Êste trava desde muitos séculos, mais na sombra do que na luz, uma luta sem tréguas contra a civilização cristã. O resultado dessa peleja secular foi a criação, nos últimos tempos, de um Super-Govêrno dos povos, manejado por mãos criminosas e jogando com ideologias perigosas e destruidoras.

Segundo Markoff, os grandes escândalos políticos, sociais e financeiros dos dias que correm patentêam não só a existência das fôrças ocultas que desintegram a sociedade como a sua já inegável desagregação.

Veremòs com alegria o fim do Néo-Maquiavelismo.

*

*   *

A sociedade precisa dum quadro hierárquico dentro do qual viva e progrida.

Êsse quadro pressupõe organização e disciplina.

No angustioso momento por que, hoje, passa o mundo, vendo morrer a liberal-democracia e bracejar o comunismo impotente, sòmente uma doutrina mostra no horizonte dos povos um lume de esperança: o Integralismo.

Porque êle cria e mantém aquêle quadro hierárquico salvador sob o simbolismo do FASCIO de Mussolini, da SWASTICA de Hitler ou do SIGMA de Plínio Salgado.

*

*   *

E' mais fácil fazer revoluções-pronunciamentos, revoluções-motins, revoluções-assalto ao poder, do que realizar reformas, reformas-revoluções de verdade.

Para as revoluções da primeira espécie, bastam a falta de escrúpulos, a ambição pessoal ou a insensibilidade moral. Para as da segunda, é preciso ter grande soma de cultura e muita inteligência.

Ainda mais: é imprescindível a virtude. E' mais do que imprescindível a sinceridade.

Faz revoluções-desordens quem quer. Só faz reformas-revoluções quem pode.

A reforma-revolução é sempre um passo para deante. A revolução-desordem afirma-se como um passo para deante e é na verdade, sempre, muitos passos para trás.

*

* *

Em verdade, a injustiça feita a um indivíduo devia ser repelida e condemaada pela sociedade inteira, não porque ela se deva incomodar com a vida particular dum de seus membros, mas porque a isso está logicamente obrigada.

"O direito violado num indivíduo — escreveu um mestre insigne — foi violado em todos os indivíduos."

Por que?

Porque aquêle que violou o direito de um só violou no mesmo instante uma regra geral, e, amanhã, violará com a mesma sem-cerimônia o direito dos outros, de muitos mesmo que, por adulação ou mêdo, em lugar de protestarem contra a violação praticada, a aplaudiram.

As repúblicas liberais democráticas foram os paraisos dessas violações, que violaram os seus próprios postulados. E foi assim que o liberalismo, antes de matar-se com o veneno da própria cauda, como o escorpião da fábula, violou-se...

*

* *

O grande estadista liberal, que foi Emile Olivier, escreveu:

"Os inimigos são como os botaréus das igrejas góticas: sustentam o edifício."

Por isso, os homens e as instituições cercados de inimigos, por mais ferozes e terríveis que sejam, não perecem aos seus golpes. Antes pelo contrário: cada vez mais se afirmam. Só uma cousa os pode destruir: o suicídio.

O Integralismo está nêste caso. As matilhas adversárias são contrafortes que o vão ajudando a elevar-se. Deus nos livre que elas nos faltem, e, quanto mais numerosas mais preciosas...

*

* *

Quando um homem chega a possuir por meios maquiavélicos ou inconfessáveis, grande soma de poder, todos a quem êsse poder pareça durar por muito tempo devem lembrar-se do diálogo profundamente filosófico entre Io e Prometeu, na tragédia esquiliana. A primeira pergunta ao segundo:

— Quem o despojará do supremo poder?

E êste replica:

— Êle próprio.

Geralmente, na vida das nações, é o todo poderoso quem, com suas próprias mãos destrói o seu poder...

*

* *

Dizia Blanqui que o maior inimigo da felicidade do operário é aquêle que o explora para fins eleitorais e subversivos, fingindo-se desinteressado. Porque sabe de fonte limpa que, se o operário fôr inteiramente feliz, não o ajudará a eleger-se ou a fazer revoluções, seus únicos meios de vida.

Sòmente com massas infelizes se desencadêam as perturbações de que muita gente vive. Essa *muita gente*, pois, engabela o operário e, em lugar de bater-se por sua felicidade, finge isto e bate-se, em verdade, por sua infelicidade. Um dia, os trabalhadores compreenderão essa verdade...

*
* *

Êste século não é mais o século dos Direitos do Homem, porém, o século dos Deveres do Homem, que o materialismo tem feito esquecer com a ilusão daquêles apregoados Direitos. Por essa razão, todas as nações procuram mergulhar no passado em busca do espírito histórico, racial ou nacional, que encarnam e que ficou latente, guardado no fundo dos séculos, em busca de seus Egrégoros, como diziam os antigos gregos.

Os do Brasil são o seu sentimento cristão e a sua tradição de unidade nacional. A sua história toda ainda estremece ao passo dos Bandeirantes e dos Catequistas. Seus olhos não se podem voltar para as estepes gélidas da Rússia, onde habitam outros Deuses, mas para os sertões queimados de sol e as serranias banhadas de luz onde ainda falam os seus Egrégoros formidáveis!

*
* *

Há tempos, iniciou-se em Moscovo a construção dum

novo templo, apesar de toda a violenta campanha oficial de ateismo movida pelos soviets.

— Que espécie de templo?

— Uma igreja católica.

Resultado do acôrdo entre a Rússia e os Estados Unidos, pelo qual os cidadãos norte-americanos não poderão ser incomodados no exercício de seus cultos, ela ficará a cargo do padre Leopoldo Brown.

Está escrito que o ranger de dentes e as portas inferiores não prevalecerão contra Ela.

*
* *

Foi Karl Marx quem escreveu um livro sob o título *Miséria da Filosofia*. E até certo ponto êle tem razão, pois ás vezes não se entende o que certos filósofos pretendem, tão universal é a confusão com que nos enchem o espírito.

Quando lemos, nos *Aforismas* de Feuerbach trechos desta categoria: "Como tomamos conhecimentos do mundo exterior? Por que não temos outros meios além dos que aplicamos para tudo? Posso saber alguma cousa de mim sem ser por intermédio de meus sentidos? Existo ou não existo fora de mim, isto é, fora do meu pensamento? Mas de onde sei que existo? De onde sei que existo na minha imaginação, porém de modo acessível aos sentidos, realmente, se me não percebo a mim próprio sem os sentidos?" Quando lemos trechos como êste de Hegel, *Filosofia da História* — 1.ª parte — 3.ª seção — cap. II — sôbre o Cristo: "Êle nasceu, êsse homem, em abstrata subjetividade, porém de tal modo que, por uma inversão interna dos termos a finitude é sòmente a fórma de sua aparição fenomenal, cuja essência e conteúdo consistem antes na

infinitude, no absoluto existir-por-si... A natureza de Deus, que é a de existir em puro espírito, revela-se ao homem na religião cristã. Mas que é o espírito? E' o Um, igual a si próprio, pura identidade, que se separa de si tanto quanto a outra dela própria, como o existir-por-si do em-si por oposição ao geral. Mas essa separação é abolida pelo fato que a subjetividade atômica, como simples relação de sujeito a sujeito, é ela mesma, a qual é identica a si." Quando lemos isso, é que compreendemos a que miséria moral nos pode levar a filosofia. Então, aquela em que se basêa o comunismo, vindo diretamente de Hegel e Feuerbach, é de molde até a fazer desesperar do raciocínio humano.

Essa miséria da filosofia leva o mundo ao círculo vicioso da guerra e da ruina económica. Já é tempo de nos libertarmos dessa anarquia espiritual por meio duma síntese que dê paz aos homens e sobretudo tranquilidade aos espíritos...

*

*   *

Foi em fins do século XIII que começou a aparecer o nome de Cabála, designando uma ciência oculta.

Cabála quer dizer *recepção,* isto é, tradição que se recebe e existira outrora entre os judeus como um *misticismo,* uma doutrina secreta explicativa do *Genesis* e da visão de Ezequiel. Mais tarde, várias superstições e invenções bizarras se foram ajuntando nos livros denominados *Schiur Koma* e *Sefér-Jezira.* No século XIII, porém, definitivamente constituida, surge a verdadeira Cabála, na Espanha, na Alemanha e na Itália. Divulga-a em França o judeu Isaque ben Abraão, conhecido pela alcunha de "Cego da Fouquiéres".

A Cabála compõe-se de dois elementos que primeira-

mente se desenvolvem separados e depois se fundem num volume célebre, o *Zohar.* E' êste o verdadeiro e insubstituível breviário cabalístico.

Prende-se o primeiro elemento ás elocubrações filosóficas dos pensadores de Alexandria, com o seu *En-sof,* o ilimitado, e os seus *Sefirot,* ou potências por que se manifesta a divindade; com a sua metempsicose e seu messianismo.

O segundo elemento, *Gematria,* atribue fórma e importância ás letras e aos números, que são os caminhos da sabedoria, cujo valor e alegorias são a chave de revelações misteriosas. Combinando-os com as figuras geométricas, se constróem fórmulas mágicas capazes de produzir o mal e o bem, influindo sôbre o destino das cousas e dos homens.

Pela Cabála, pois, o ocultista pretende entrar em comunicação direta com as potências celestiais e agir sôbre elas, modificando a marcha natural dos fenómenos.

Durante toda a Idade-Média estiveram em voga os judeus cabalistas, como hoje estão as cartomantes. No Renascimento, a Cabála foi traduzida em latim e estudada por muitos sábios cristãos que julgavam encontrar nela pontos de confirmação do cristianismo.

A Cabála perturbou, assim, as consciências, tanto as católicas como as judaicas, porquanto nenhum dos grandes rabinos da Idade-Média e da Renascença foi estranho ás especulações tentadoras do *Zohar.*

A maçonaria, pela Cabála, liga-se ao judaismo.

*

*   *

A maior preocupação dos pensadores e sociólogos dum país só pode ser a formação da *elite* encarregada de dirigí-lo.

Até nossos dias não houve essa preocupação e daí a desordem das consciências em todos os ramos das atividades nacionais e a necessidade de chefes, sobretudo no domínio espiritual.

O mundo em geral, e nosso país em particular, chegaram a um grau de abastardamento difícil de ser superado. Urge uma renovação, especialmente moral. Se os homens de pensamento, de coração e de boa vontade não opuserem com energia um dique ao alude de degenerescência social, subvertido será por êle todo o patrimônio tradicional da civilização ario-cristã.

Em defesa das tradições milenárias que teem sido a grandeza e a glória dos povos ocidentais, trabalhemos a mocidade no sentido de tirar dela os elementos necessários á salvação e de constituir no seu seio os primeiros núcleos de guias para a *elite* que governará amanhã.

Preparemos os espíritos em retôrno ás nobres fontes desprezadas ou esquecidas das tradições ancestrais.

Cultivemos as faculdades físicas, mentais e morais — agilidade, destreza e resistência; observação, penetração e reflexão; sensibilidade, retidão e sacrifício.

Creemos uma espécie de cavalaria baseada na Honra e no Valor do Homem que saiba se purificar nas chamas eternas do Ideal.

Acabemos com todas as covardias e instituamos outra vez o reinado magnífico da Responsabilidade Pessoal.

Que *Servir* seja outra vez o Grande Verbo: Servir a Deus — Servir á Pátria — Servir á Família — Servir ás Idéas!

Ao "Non serviam"! de Lucifer, oponhamos o "Serviam" dos Heróis e dos Santos.

Exijams nos Chefes cultura. Já se foi o tempo em que os povos se contentavam de pseudo-chefes, sem cultura, eleitos pelo sufrágio universal...

Ensinamento e esperança!

Justiça e paz!

Eis os termos definitivos para a creação e formação das *elites* destinadas a guiar os povos.

Sem isso, será, definitivamente, o naufrágio...

*

* *

A tirania é de origem popular e representa a reação da massa, condensada numa figura contra as castas, as oligarquias e as plutocracias. Não se deve confundir tirania com ditadura nem com realeza, embora a de caráter autocrático.

Tirano é Pisistrato, o creador da talassocracia ateniense e do sistema das colónias, que lança os alicerces do Partenon á terra e planta os jardins do Liceu. Fundador de bibliotecas e construtor de canalizações de água. Tirano é Péricles, que dá o nome ao século, que multiplica as obras públicas para dar pão aos pobres, crêa a assistência social, protege as artes e as letras, a indústria e o comércio. Tirano é Tibério Graco, autor da lei agrária, da diminuição do serviço militar, da supressão de privilégios odiosos de casta e da democratização da constituição romana. Tirano é ainda Caio Graco, que realiza a reforma social e pela lei Frumentária faz distribuir trigo á plebe.

Tiranos são: Júlio Cesar, conquistador e legislador, que estende a cultura latina pelo ocidente e oriente, reergue as cidades arruinadas, alarga o direito de cidadania pelo império afora e procura organizar Roma de acôrdo com as realidades do seu novo destino. Guilherme de Julius e Jacques Van Artevelde que defendem o povo das Flandres das cobiças rivais de França e Inglaterra. Jean Colombo, dono de Bordéus, que faz as primeiras greves e créa a

primeira tarifa sindical de salários. Estevam Marcel, burguês de Paris, que resiste ao soberano em prol da classe média e da arraia miuda. Lourenço o Magnifico, político e artista, que, com o imposto progressivo, aliviou o povo e atirou o pêso dos tributos ás classes altas. Cromwell, fanático e cruel, encarnando a revolução do pensamento e dos costumes de seu tempo, fundador da grandeza britânica. Robespierre, medíocre, incorruptível, gelado, que se julgava destinado a realizar o eden social. Napoleão é o herói da lenda e o grande protetor da parentela, mas também aquêle que sentia a palpitação da alma popular e sabia corresponder-lhe, embora a sangrasse até as últimas gotas no campo de batalha.

Os tiranos sul-americanos chamaram-se caudilhos e todos êles têem sido expressões do povo guindadas aos altos cumes da governação pelo espírito de reação contra as castas dominadoras da sociedade.

Todos sem excepção. Mussolini, Hitler, Salazar, Pilsudski, Mustafá Kemal, todos representam grandes aspirações nacionais.

O tirano é filho do povo.

*

* *

A maior preocupação de qualquer pensador nos nossos dias só pode ser a Mocidade. Ela vai, quando chegar á idade adulta, encontrar uma sociedade revôlta que não compreenderá e pela qual talvez não possa também ser compreendida.

Numa civilização em termos de desaparecer, um futuro sombrio e ameaçador!

Ao sociólogo e ao filósofo compete procurar as fontes do porvir e dos novos conhecimentos, meditando as lições

do passado, afim de desfraldar o estandarte de novas esperanças.

A Mocidade vive de esperanças. Precisamos dar-lhe êsse alimento espiritual, afim de que ela possa marchar cantando e coroada de rosas pelos caminhos do seu destino.

O que não é possível é continuar a juventude entregue quasi que unicamente a si própria, presa de quanto aventureiro queira ir plasmando nos seus cérebros ainda por formar doutrinas viciosas, erradas, contraditórias e cheias de confusão e veneno. Para que se não perca, toda mocidade precisa de guias.

Urge a formação de guias para os moços que aí estão cheios de viço, estuantes de entusiasmo e, entretanto, sem direção eficiente.

Professores maldosos ou corruptos empeçonham-nos com doutrinas subversivas, minam-nos com o desrespeito por todas as cousas sérias, instilam-lhes credos subversivos e acabam por deixá-los para sempre doentes da alma, vítimas do freudismo do século.

Criminoso o poder público que, assim, desestima o valor de toda uma mocidade que poderia vir a ser amanhã a Glória da Nação. Criminosa a geração que permite que, sob seus olhos, se estrague e se inutilize outra geração.

A Mocidade é o patrimônio duma Raça. O patrimônio do Futuro. A Velhice é o patrimônio do Passado, o tesouro das experiências e das tradições adquiridas. A Mocidade é o tesouro de Amanhã, daquilo que a Pátria *vai ser,* que deve ser sempre mais do que aquilo que a Pátria *já é* e *já foi.*

Malditos os que gastam o que ainda não possuem!

*

* *

Marcel Proust, nos seus romances, procura destruir a personalidade; entretanto, dá ao homem, como razão de viver, a creação da beleza. André Gide, através de suas páginas, tenta destruir a moral; todavia, delas se desprende uma fôrça nova de humanismo; Henri Barbusse, no *Fogo* ou no *Inferno,* batalha pela destruição do patriotismo; contudo o ensinamento dos seus livros é o do sacrifício pela pátria. E' que o homem não pode viver da negação; sómente pode viver da afirmação e afirmação em todos os sentidos.

Por isso, ainda recentemente Benjamim Crémieux escreveu: "O abalo causado pela guerra foi tal e tal foi o desequilíbrio que se lhe seguiu que doze anos foram bastantes para que, como sempre, depois de semelhantes descalabros, o homem de novo se afirmasse."

A afirmação do homem novo não se faz agora unicamente no campo da psicologia ou da arte. Faz-se em todos os campos: no da moral, no da política e no da economia. O pragmatismo cede lugar a um espiritualismo crescente e avassalante, dosado de misticismo com Berdiaef, dosado de neotomismo com Maritain. A politicagem se encolhe deante dos conceitos de uma política orientada no sentido nacionalista da grandeza dos povos pela sua espiritualização. A estrêla de cinco pontas soviética empalidece ante os símbolos dos fascismos regeneradores.

Toda uma economia nova marcha ao assalto das velhas fortalezas económicas e financeiras, reduzindo-as ao silêncio deante de suas bandeiras desfraldadas. E uma nova esperança sorri nos lábios pálidos da humanidade dolorosa...

Todo um conjunto de noções novas sôbre a vida e sôbre a sociedade, sôbre o direito e sôbre as finanças brota por toda a parte. A velha árvore humana sente percorrer-lhe os ramos envelhecidos, o formigamento duma nova seiva,

sente que vai reverdecer, que em todos os seus galhos vão brotar fôlhas verdes e que mais uma vez a glória do sol lhe aquecerá o arcabouço antigo, livre da friagem mortal das neves moscovitas...

Mais uma primavera!...

*
* *

A beleza é uma promessa de felicidade. Stendhal escreveu isto com um pensamento unicamente sensual. Mas a frase é verdadeira em qualquer sentido e deve ser compreendida de modo totalitário.

A beleza é a única promessa verdadeira de felicidade, podemos acrescentar. Porque, tanto a felicidade na terra quanto a felicidade no céu, sómente podem realizar-se dentro da Eterna Beleza.

A beleza está no que é puro e virtuoso, no que é nobre e digno, no que é elevado e sublime, em qualquer de suas manifestações na Vida. Porque, sendo o pecado tudo aquilo que contraria o plano divino e sendo a virtude o que está de acôrdo com êsse plano, desde que o plano partiu de Deus, que é a Suma Beleza, reflete essa beleza em todo o seu esplendor.

A beleza rege os movimentos orgânicos que crêam a vida na matéria e que a servem, os fenómenos incomparáveis de todos os mecanismos biológicos e fisiológicos, mesmo as ondas de fôrças invisíveis que atravessam o planeta em todas as direções.

A beleza brota do íntimo das almas na exteriorização espontânea dos grandes sentimentos de alegria, de simpatia e de dor.

A beleza é o Ideal que só se pode atingir pela Arte, pela Moral e pela Fé. Acima da beleza das fórmas refulge

a beleza das idéas, a cujo clarão se poderá avistar a primeira revelação da Eterna Verdade. O reino das idéas não tem fronteiras e por isso pode confundir-se com o espírito. Êle gira dentro da Grandeza e da Harmonia ilimitadas, e a sua audácia o estende pelos domínios do Inacessível.

O ideal estético pode ser o ideal dum só homem, o ideal coletivo de muitos homens ou o ideal total da humanidade inteira. Em qualquer dos seus aspectos só êle pode elevar o homem á Eterna Verdade que é Eterna Beleza!

BREVIARIO

A ciência atual é a verdadeira ciência do Bem e do Mal, de que fala a Bíblia, pois indiferentemente produz o benefício e o malefício para a humanidade. Quando os seus cultores encontram a vacina contra a raiva, por exemplo, são santos; quando acham um novo explosivo para as matanças guerreiras, são demônios. E' a ciência sem consciência.

A sabedoria sómente devia ser concedida depois de altas provas de boa moral.

*
* *

O espaço, o tempo e a matéria são instrumentos naturais de desunião dos homens. O papel do espírito é dominá-los e transformá-los em instrumentos de união e de harmonia.

*
* *

Quando o espírito dos povos se obnubila e o materialismo os domina, os morcegos do ceticismo e do epicurismo voejam por toda a parte, e êles se dissolvem. Para

salvar os povos, é necessário despertar o seu espírito, mesmo a chicote...

*

* *

O fim das religiões é vencer a matéria. E' libertar dela o Espírito. E' espiritualizar. Só pode dispensar a religião o homem que mergulhe definitivamente na matéria e se ponha abiaxo mesmo dos animais...

*

* *

A's vezes, na sociedade, as construções do mal são necessárias para o triunfo do bem. J. Husson diz com grande acêrto: "Satanaz carrega as pedras e caminha deante de Cristo, calçando a estrada que leva aos tempos novos." Desta sorte, o comunismo prepara a vitória do Integralismo!

*

* *

Os símbolos tradicionais ressurgem pelo mundo: svástica ariana, feixe romano, acha céltica, sigma grego. O renascimento dêsses símbolos tão antigos indica o renascimento das idéas que encarnam. E' a fermentação que prepara a renovação espiritual do mundo!

*

* *

Ao imperialismo militar das nações conquistadoras sucedeu o imperialismo comercial e financeiro das nações económicas. Imperialismo diminuido! O primeiro exigia valor militar. O último exige covardia e astucia...

*

* *

O mundo atravessa uma grande crise e só uma Revolução o renovará. Essa renovação só pode ser obra da mocidade. Nunca se renovou uma sociedade com os velhos. Os tempos se aproximam, os tempos da grande renovação. Velhos, abram alas para a mocidade passar, cantando e coroada de louros como os vencedores de Salamina!

*

* *

Os povos rodamoinham tontos, fora dos eixos. Desapareceu da vida tudo quanto assegurava a tranquilidade dos espíritos e o repouso dos corpos. Por toda a parte, a confusão. E as almas que ainda se não subverteram de todo na voragem da corrupção, voltam-se avidamente para aquêles que lhes apontam com energia o caminho do futuro, construido pelo passado da Raça!

*

* *

Em face do apodrecimento ocidental, muitos intelectuais franceses voltam-se para o Oriente em busca de remédios morais para os males da sociedade. Por isso, Romain Rolland celebra o Mahatma Gandhi, Louis Latouretti préga o budismo messianico e René Guenon se pronuncia a favor do vedantismo. Além disso, o Instituto Budista de Paris atinge a um desenvolvimento espantoso e goza de tanta influência que obtém gordíssima subvenção do govêrno francês...

E' um êrro o Ocidente, que é ação e vontade, procurar remédios morais no Oriente, que é estagnação e contemplação. Deve buscá-los dentro de si próprio, no âmago do seu coração, no fundo de suas tradições. Só o cristianismo, cristalizado divinamente na Igreja, lhe dará toda

a seiva que pedir e de que necessitar para refazer a síntese social perdida no materialismo.

*
* *

A revolução dos séculos XVIII e XIX já produziu o que devia produzir: o individualismo para a expansão do progresso material. Vivemos agora os dias da contra-revolução: a cristalização dessas energias ás sôltas num quadro de valores.

*
* *

As políticas imperialistas fogem a todos os impositivos dos interesses nacionais.

*
* *

O capital é a divindade opressora de todos os govêrnos e de todos os povos. Não contente com o que é de Cesar quer o que é de Deus...

*
* *

Os déspotas teem horror aos livros e aos sábios. Por isto ou por aquilo. Ato de fanatismo ou de defesa. O califa Omar queimou os setecentos mil volumes da Biblioteca de Alexandria e mandou queimar por Saad a biblioteca mazdeista da Pérsia. Um khan da famosa Horda de Ouro mandava todos os anos matar aquêles que faziam versos ou estudavam em livros. Luiz o Grande incendiou a biblioteca rupertina de Heidelberg.

Ah! se os déspotas pudessem ensinar toda a gente a *não ler*... Porque o déspota é o resultado fatal da ignorância e da bastardia moral. E o livro ilumina essas trevas. Ensina e eleva.

*
* *

Tem-se feito grande abuso da chamada doutrina de Freud nos últimos tempos. E' um universalismo falso, êsse do "libido". Como tudo quanto quer explicar tudo, acaba não explicando nada.

A propósito, um grande crítico moderno de França escreve estas palavras judiciosas: "Basta que se abordem as sublimações para que o "libido" se veja obrigado a sómente figurar como simples impulso vital, não passando dum pseudónimo dado á vida, pura e simples tautologia."

Pobre "libido"!...

*
* *

Quando a gente resolve perder um quarto de hora na leitura de certos jornais recebe uma dóse de tristeza para muito tempo. Que ignorância! Que confusionismo! Sobretudo, que covardias e que misérias morais!

A's vezes, na sombra de certas campanhas se adivinham os interesses secretos que as movem. O peor é o atiçamento das divisões e dos rancores. As palavras da última mensagem do presidente Casimiro Périer ao parlamento francês até hoje estão vivas como letras de fogo: "...a liberdade de fomentar ódios sociais chama-se liberdade de pensamento..."

*
* *

Quando Mignet, na sua "Révolution Française", escreveu êste axioma: "O verdadeiro autor da guerra não é aquêle que a declara, porém aquêle que a tornou necessária", axioma que Lanfrey empregaria e que Schneider atribuiria a Montesquieu, proclamou uma verdade indiscutível. Relembremos as guerras internacionais e civís, estudemo-las e chegaremos a essa mesma conclusão. Porque o que declara a guerra em geral a ela foi forçado pelo que recebe a declaração...

*

* *

Enquanto o homem de bem trabalha como um mouro e dificilmente consegue avançar um passo, andando a pé, de bonde ou, quando muito, de ônibus, o *senhor ladrão* sem esfôrço, com qualquer negócio de banha, café, câmbio negro ou loteria, recebe todas as honras e ocupa todas as posições, fuma havanos, usa automóveis de luxo, mora em palácios, viaja á Europa, veranêa e faz estações de águas, assina a temporada do Municipal, come no Jockey Clube, tem cavalos de corridas e olha os humildes honestos com desprêzo sem igual...

Salvé, ladrões!... Antes de morrer sob as patas da lei de segurança, os Camisas-Verdes vos saúdam!

*

* *

Da educação dum povo depende o aproveitamento dos recursos que a fatalidade geográfica lhe pôs entre as mãos. Os fatores espirituais exercem a mais decisiva influência no progresso duma nação. De que servem riquezas metálicas enterradas no chão, cachoeiras portentosas, campos, montes, florestas, se a gente que vive dentro dêsse patrimônio não tem capacidade para explorá-lo?

Um povo assim é, na verdade, um pêso morto na economia da humanidade, povo condenado a desaparecer ou a ser controlado pelos mais capazes. Porque não poderá continuar a sonegar á humanidade e a si próprio os meios de vida que o destino lhe entregou.

Ou educa-se e trabalha e vence, ou morre!

Não tem outra alternativa.

*

* *

O panorama do mundo nos tempos que correm dá-nos a impressão de que se realiza uma obra diabólica, de que o Espírito do Mal tenta estabelecer seu domínio. Alastram-se as trevas para apagar a luz. E', portanto, um crime de lesa humanidade compactuar de qualquer fórma com as fôrças dissolventes da sociedade. O espírito da nossa civilização exige que, mesmo com o nosso sacrifício, combatamos por Deus, pela Pátria e pela Família, afim de não deixarmos a cristandade despenhar-se no abismo onde fulguram os olhos de fogo do Anticristo...

*

* *

O partido político é uma espécie de sociedade comercial que explora o voto para conseguir por meio dêle explorar as posições de mando. Organiza-se com vários sócios, registra-se como uma firma, toma uma marca de fábrica e atira-se á propaganda de seus produtos, isto é, de seus candidatos...

Essa propaganda feita por todos os meios, sobretudo na imprensa e nos cartazes, apregôa as excelências dos produtos-candidatos duma firma ou partido sobre os das outras firmas ou partidos rivais...

Quem os não conhecer que os compre...

DO LIBERALISMO

O liberalismo não passa duma anarquia creadora de cesarismos democráticos disfarçados.

*
*   *

O Estado creado pelo liberalismo é mera resultante das contradições civís dos partidos que o dividem e flutua ao sabor das agitações de interesses dos grupos económicos que o exploram.

*
*   *

Essa exploração liberal se faz, mostrando ao povo três letreiros luminosos pendurados no vácuo: liberdade, igualdade e fraternidade.

*
*   *

Os três letreiros anunciavam três produtos que nunca foram postos de verdade á venda.

*
*   *

O liberalismo antes de morrer teve um abôrto com o

qual pensou que se salvaria: o voto secreto. Êle acabou de matá-lo.

*

* *

A crítica racionalista do liberalismo século XVIII criminosamente pretendeu destruir a poesia da vida, desnaturar as tradições seculares e, para ir de encontro ao verdadeiro sentimento da humanidade, sómente quis ver as manifestações do homem, sem penetrar na sua essência. O século XIX continuou essa obra, mas cansou-se. Ao século XX cabe reatar o fio da perdida tradição. E' um século de verdadeiro Renascimento.

*

* *

O livre-pensador, filho do liberalismo, é tão pouco livre que deante dêle não se pode celebrar a grandeza dessa grande cousa que é o cristianismo, sem ser logo considerado clerical. A sua liberdade é uma liberdade de antolhos, só lhe aponta um caminho e êsse mesmo errado: o do combate á Igreja, como necessidade imprescindível para libertar os homens.

*

* *

O verdadeiro Estado exige a união dos homens e não sua divisão. Por isso, no fundo, os partidos são contrários ao Estado. Por isso, o Estado do liberalismo se destrói a si próprio.

*

* *

A solidariedade humana e a comunhão social sómente se explicam pela dependência recíproca e pela submissão. O liberalismo tirou-lhe esta base com o individualismo e matou a solidariedade humana.

DO COMUNISMO

Os êrros comunistas são velhos como o mundo. Já em Atenas se falava da emancipação das mulheres, que passariam a ser propriedade coletiva, e da abolição da família. Basta ler a crítica de Aristófanes. Já os papiros egipcios se referem a revoluções comunistas.

*

* *

O individualismo e o comunismo são duas fórmas análogas de escravidão; uma pelo isolamento do indivíduo, outra pela sua absorpção.

*

* *

A origem da língua é um mistério impenetrável. Os comunistas, entretanto, querem resolvê-lo com espantosa simplicidade: ela se origina dos gritos articulados durante o trabalho... As guaribas trabalham, quebrando côco e gritando, desde que há guaribas, e até hoje ainda não conseguiram falar...

*

* *

O estudo dos mitos e dos símbolos pode conduzir ao

encontro da Verdade que êles ocultam. A svástica hitlerista leva-nos aos ários, avós dos germanos; o fascio mussolínico leva-nos á grandeza de Roma; o sigma integralista leva-nos aos primitivos cristãos gregos. A estrêla vermelha dos Soviets leva-nos ao judaismo talmúdico.

*

* *

E' um grave êrro do materialismo histórico, base do comunismo, querer demonstrar que o homem primitivo está perto do animal e provém do animal, quando a simples inspeção dos túmulos prehistóricos nos demonstra sua superioridade. Êsse homem primitivo enterrava seus mortos de acôrdo com certos ritos e colocava ao seu lado as armas e adôrnos que amava, afim de que os encontrasse na outra vida. A idéa da imortalidade que iluminava êsses cérebros primitivos desapareceu de certos cérebros atuais, cujos donos, em verdade, é que estão mais perto dos animais do que o pobre habitante das cavernas, seu nobre antepassado.

*

* *

O comunismo é um simples processo de desagregação e dissolução dos povos.

*

* *

Em tudo e por tudo, desde o sôpro recebido das potências ocultas até ás crueldades visíveis, a revolução do comunismo russo se parece com a Revolução Francesa. Menos numa cousa: não gerou nem gerará um Napoleão. Felizmente, porque um gênio militar como o Corso á frente dos alúdes de bárbaros das estepes seria, lançado sôbre a Europa, novo Átila, novo Gengiz-Khan ou novo Tamerlão.

Tivesse o comunismo um homem dêsses e o mundo estremeceria, abalado nos seus alicerces, e, espavorida, a humanidade inteira levantaria as mãos trémulas para a abóbada celeste, pedindo outra vez misericórdia contra o Flagelo de Deus...

DO INTEGRALISMO

O Integralismo é valorização de fatores espirituais sem desvalorização de fatores políticos e económicos. Mas valorizando-os também.

*
* *

O Integralismo é nacionalista, porém seu nacionalismo não é xenofobia e sim justo predomínio dos interesses nacionais sem repulsa da natural interferência do resto do mundo em certas manifestações da vida nacional.

*
* *

O Integralismo é a moral, o espírito de sacrifício, o espírito, a fé, repostos nos seus pedestais que estavam ocupados pelos ídolos do materialismo semita: o bezerro de ouro e a Bôa-Deusa da Síria, o Bofomet dos templários e Baalzebub em que as môscas vinham libar o sangue das carnificinas...

*
* *

Os problemas nacionais, no Integralismo, primam todas as preocupações de legisladores e administradores. No

liberalismo, não merecem dos mesmos a atenção que exigem. Os homens de Estado teem outras preocupações, sobretudo as eleitorais, as pessoais e as de partido.

Felizmente, um vento renovador sopra pelo mundo e a vida das nações começa a ser a preocupação sincera da gente nova. Eis porque consola como uma esperança a grande afirmação integralista de Salazar, o restaurador de Portugal:

— "Os problemas nacionais estão acima dos regimes!"

*
* *

O sentido dos povos, em geral, diverge fundamentalmente do sentido daquêles que os governam.

O Integralismo soma em um só êsses dois sentidos.

CONCEITOS SÔBRE A PÁTRIA E A NAÇÃO

As constituições sociais, apesar de consideradas "tabús" pelos imbecís, teem um caráter de contínua transitoriedade.

*
* *

No comboio da vida nacional, o Estado não pode ser um vagão de administração ou um carro restaurante. Êle deve ser a locomotiva.

*
* *

O Estado Integralista é a soma da nação. E' a própria nação.

*
* *

A nação é uma realidade constituida pelos ideais e pela comunhão de interesses materiais.

*
* *

Enraizada nas suas tradições, a nação floresce no presente e frutifica no futuro.

*
* *

A desagregação moral que campêa no mundo moderno já atacou, até os nomes tradicionais das nações. Muitas delas são hoje conhecidas por simples letras: U. S. A.; U. R. S. S. Reajamos para que as nações não acabem numeradas como os quartos dum hotel...

*
* *

Idéa e sentimento são as duas grandes molas que movem as nações. Os que as não vêem ou as não querem ver negam-nas e afirmam a matéria.

*
* *

No fundo da alma de qualquer nação, dorme um dinamismo infinito. Quem o despertar moverá montanhas.

*
* *

Numa nação, o povo é o crisol de todas as aristocracias. Dentro dêle é que elas se preparam e de dentro dêle é que elas surgem. Opô-lo ás aristocracias é opôr o caule da roseira ás rosas que produziu.

*
* *

Há um divórcio absoluto entre os verdadeiros interesses duma nação e os interesses de seus grupos financeiros.

*
* *

As políticas imperialistas representam os interesses dos grupos financeiros, verdadeiras super-nações.

*
* *

Ao imperialismo militar das antigas nações conquistadoras sucedeu o imperialismo comercial e financeiro dessas super-nações económicas.

*
* *

A nação deve ser libertada de todas as fôrças económicas que se formam paralelamente a ela. Só a nação integral pode gozar dessa libertação.

*
* *

Nas nações em construção, ainda cheias de andaimes, é difícil caminhar com desembaraço e de cabeça ereta. Ainda mais difícil conservar-se limpo. Tem-se de andar agachado e de levar respingos de tinta ou baldes de cal pelas costas. Construa-se, pois, a nação definitivamente para livrar seus filhos do agachamento e da sujeira...

*
* *

Certas feridas das nações sómente se podem cauterizar com ferro em brasa.

*
* *

A verdadeira nação confunde-se com o Estado, como o verdadeiro Estado se confunde com a nação. Para a existência dêsse Todo é necessário que os homens estejam unidos, e não divididos. Portanto, no fundo, os partidos são contra a nação.

*
* *

Não é vida nacional a que girar em tôrno dos interesses de corrilhos e pessoas. A verdadeira vida nacional sómente pode girar em tôrno dos interesses da nação.

*
* *

O individualismo da liberal-democracia sotopôs os interesses da nação a todos os interesses pessoais, mesmo os mais baixos.

*
* *

O que constitue uma pátria é o Espírito que a une, inspira, guia e faz caminhar. Enganam-se os que pensam que é o progresso material quem faz a pátria. Se assim fôra, os países desgraçados não tinham resistido aos golpes da adversidade. E justamente nêles o patriotismo é maior.

*
* *

Um país que não sabe disciplinar suas fôrças pela espiritualidade, está condenado a uma desagregação fatal.

*
* *

Quando uma pátria entra em franca decomposição, as fôrças sociais espontaneamente se congregam e cream a nova fórma de govêrno que impede a anarquia. Se êsse fenómeno não se processar, o corpo social estará morto.

MAXIMAS DO NOSSO CREDO

O primado da idéa não exclue o valor da realidade.

*

*   *

Os movimentos sociais não são feitos pelos anciãos, mas pelo espírito da mocidade. Êsse espírito ás vezes habita homens idosos e já morreu no coração de certos rapazes.

*

*   *

A vontade humana é condicionada pelas circunstâncias e não tem ação sôbre o passado. O determinismo, imutável no passado, pode ser por ela modificado quanto ao futuro. Só o espírito não tem limites nem no passado nem no futuro.

*

*   *

Revolução verdadeira é mudança completa de atitude em face dos problemas fundamentais da vida universal.

*
*   *

O universo não é definitivo, nem permanente, nem estável. Seu sentido é dinâmico, revolucionário. Para evitar viver em oposição com êle, a sociedade deve imitá-lo, organizando cientificamente suas revoluções.

*
*   *

A verdadeira liberdade é a liberdade disciplinada. A outra é licença.

*
*   *

A nossa época precisa de valores, de verdades e de estímulos.

*
*   *

A análise só é necessária, porque permite a síntese com o conhecimento perfeito das partes.

*
*   *

As modalidades do presente devem cristalizar-se acompanhando as fórmas do passado.

*
*   *

Todo impulso dum povo para o futuro vem das raizes que êle mergulha no seu passado.

*
*   *

E' preciso para sofrer ser apto para o sofrimento. Nem todos possuem êsse condão.

*
*   *

Toda elevação de alma começa num misticismo. Toda depravação de alma começa num sensualismo.

*
*   *

A vida é uma peregrinação sôbre a terra. Façamo-la com intrepidez.

*
*   *

A economia é estéril quando lhe não dá vida a moral. E' a moral quem torna a economia humana. Sem moral, a economia deixa de ser de homens para ser de brutos.

*
*   *

Uma obra literária que seja simples orquestração verbal morre tão depressa quanto uma canção de rua. No seu oceano de sons, tudo flutua, nada de sólido, de pesado existe que demore no fundo, ancorado, quando as águas secarem...

*
*   *

A metafísica é o conhecimento das causas primárias e dos primeiros princípios. E' a ciência do absoluto. Estuda o sêr, como sêr, e não como fenómeno. Estuda a essência e não a manifestação.

*
*   *

A noção de imortalidade acha-se na origem de todas as tradições, porque é um princípio interno real do próprio sêr humano.

*
* *

A imortalidade do homem é um reflexo da imortalidade do universo.

*
* *

A crença em Deus pertence ao domínio da intuição. Deus é um axioma. Não se prova. Está provado de antemão.

*
* *

Só o espírito de sacrifício pode resolver os problemas sociais. Só êle, porque é Fé e é Amor. O materialismo nada conseguirá de durável e certo, porque o exclue.

*
* *

Quando o mundo chega a épocas de crise e as revoluções se preparam, surgem os profetas anunciando a vinda de novos tempos. Essas quimeras do futuro destinam-se a consolar os homens das desgraças do presente.

*
* *

A vida é uma cadeia de interesses recíprocos, que parecem contraditórios. Nessa máquina formidável, cada um de nós representa uma roda dentada que é obrigada a mover-se, acompanhando as outras. Se pára, se quebra,

se se move ao contrário, perturba a marcha de todo o sistema. Daí o fato inegável de ser o egoismo o maior dos êrros...

*
* *

Os acontecimentos sociais são de tal modo entremeados uns aos outros e teem tais consequências que se podem comparar aos círculos produzidos na água pela pedra do garoto ou pela fôlha morta que cai. As ondulações resultantes do choque prolongam-se longe, na superfície líquida, embatem de encontro umas ás outras, confundem-se e dansam sob a luz do dia...

*
* *

O capitalismo organizado não tem pátria.

*
* *

Os govêrnos escravizam-se ao capital através dos chamados "favores", entre os quais os maiores são os emprestimos.

*
* *

Verdades não se discutem. Só se discutem mentiras.

*
* *

A história é a verdadeira escola da política.

*
* *

As culturas e não propriamente o homem isolado é que são os grandes protagonistas da história.

*
* *

O homem histórico é a integral de sua cultura.

*
* *

Só o sentimento duma cultura crêa a similitude de idéas morais capaz de unir os homens em sociedade.

*
* *

Culturas e civilizações não agonizam pelo sofrimento. Agonizam nos gozos fáceis, nos prazeres, no materialismo mesquinho e na banalidade sorridente. O sofrimento, pelo contrário, depura e dá vida nova.

A cultura ou a civilização que não amou e sofreu, que se limitou a gozar, está virtualmente condenada.

*
* *

A política não pode primar sôbre a economia; nem a economia sôbre a política; mas ambas devem ser dirigidas pela ciência e pela moral.

*
* *

O orador liberal é geralmente um comediante que, além de fingir o que não sente, ainda disfarça com penachos e ouropéis o seu palavreado sem idéas.

*
* *

A astúcia é irmã da baixeza.

*
* *

Certas revoluções não passam de válvulas de escapamento que impediram certas sociedades de explodir.

*
* *

Os libertos de Roma correspondem aos eunucos de Bizancio. Em todas as sociedades flutuam êsses detritos. Os jornalistas liberais, em geral, não são melhores nem peores do que libertos e eunucos...

*
* *

O estudo dos mitos e dos símbolos pode conduzir ao encontro da Verdade que êles velam e revelam.

*
* *

No duelo travado entre a Matéria e o Espírito são dignos de lástima os homens que se alistam sob as bandeiras da Matéria...

*
* *

O sentimento da beleza possue um poder persuasivo e uma fôrça creadora que devem ser aproveitados para o progresso mental e moral da humanidade.

*
* *

O ideal estético é o aliado forçado, obrigatório, de qualquer crença religiosa ou de qualquer sistema de moral.

*
* *

O indivíduo e a sociedade sem ideal se tornam escravos dos instintos primários.

*
* *

Os prazeres preparam a miséria do homem.

*
* *

A ciência é incapaz de justificar outra lei moral senão o direito do mais forte.

*
* *

A beleza deve ser um hábito do corpo e do espírito para o govêrno da vida.

*
* *

A arte ajuda a libertar o homem do pêso da matéria.

*
* *

A vida espiritual é uma ascensão sem limites.

*
* *

Para ser grande, é preciso criticar pouco e amar muito.

*
* *

Não há liberdade sem disciplina moral.

*
* *

Só os imbecís e os maldosos atiram a Razão contra a Fé. As duas não se combatem: completam-se.

*
* *

Só as idéas morais presidiram á elaboração da noção de Honra. Para o materialista, o Homem veiu do Macaco, que nunca teve idéas morais. Portanto, o materialista não pode ter honra e a miserável política comunista está justificada...

*
* *

E' preciso ter coragem para servir á Verdade. Para servir á Mentira, basta o mêdo...

INDICE

"E' preciso que todo o brasileiro leia e medite êsse impressionante livro de Gustavo Barroso — "Brasil, colónia de banqueiros". Só êste livro vale por uma revolução." — *Fernando Callage.*

"O sr. Gustavo Barroso, um dos lideres do movimento integralista, demonstrou que o Brasil tem sido o paraiso dos banqueiros estrangeiros, verdadeira colónia dêsses banqueiros." — *Christian Science Monitor,* Boston.

"O sr. Gustavo Barroso, um dos chefes do Integralismo, provou no seu recente livro que o Brasil tem sido o paraiso dos banqueiros, uma colónia de banqueiros." — *The New York Times,* Nova York.

"Embora o sr. Gustavo Barroso exagere o quadro em benefício de sua propaganda, muita cousa do que afirma é a pura verdade." — *The Chronicle,* Boston.

"O sr. Gustavo Barroso, dentro dos quadros do mais sadio nacionalismo, provou documentadamente que o Brasil tem sido, desde a independência nas margens do Ipiranga, uma verdadeira colónia dos banqueiros de além-mar." — *Jornal da Noite,* Santos.

"Brasil, colónia de banqueiros" é precioso mesmo, é um livro de combate!" — *A Nação,* Rio.

"Brasil, colónia de banqueiros" é um livro surpreendente. E doloroso!" — *Diario da Noite,* Rio.

"Prova á evidência que somos uma colónia de banqueiros." — *Diario de Noticias.*

"E' o *Eu acuso!* de um brasileiro sincero perante o tribunal da consciência nacionalista." — *O Integralista,* Porto Alegre.

"E', em síntese, livro para se ler meditando e aprendendo e ganhando, ao mesmo tempo, profunda revolta contra a ordem política e social que nos entregou á voracidade vulpina do supermecanismo financeiro que asfixia todas as nações." — *A Ofensiva,* Rio.

Apreciações da nossa imprensa e da estrangeira sôbre o livro "Brasil, Colónia de Banqueiros", de Gustavo Barroso, agora em 4.ª edição.

"Magistral exposição do assunto!" — *Dr. G. A. Pfister,* diretor do Departamento de Estudos da União dos Fascistas Ingleses.

"E' um livro rude pela verdade extravasante que há nas suas páginas, eloquente pela trepidação da sua imensa sinceridade. Não há tropos, quasi que não há palavras — há números; há a linguagem brutal e onipotente dos algarismos." — *Viriato Corrêa.*

"Brasil, colónia de banqueiros" é formidável libelo, primorosamente redigido, que muito me impressionou." — *Afonso Celso.*

"O livro do sr. Gustavo Barroso representa, no nosso meio, um ato de grande coragem, pelo desassombro com que atacou um assunto que apavora os escritores do mundo inteiro." — *Geraldo Rocha.*

"O livro do sr. Gustavo Barroso deve ser lido com carinho por todo o brasileiro que ama sua terra e estudado, cuidadosamente, por aqueles que vêm entrando na política." — *G. Castro.*

"Admirável livro! Bem arquitetado, bem escrito!" — *Benjamim Lima.*

"Brasil, colónia de banqueiros" significa um protesto e um grito de alerta á Pátria escravizada economicamente... E' uma exposição digna de meditação." — *Ordem do dia do general Meira de Vasconcelos aos cadetes da Escola Militar.*

"Livro enérgico e caustico que tem um título panfletário e um sentido social... E' a reação nacionalista que desperta..." — *Pedro Calmon.*